



Je ne fay rien
sans
Gayeté

(Montaigne, Des livres)

Ex Libris
José Mindlin

COMPENDIO
DE
HISTORIA UNIVERSAL.

POR
JUSTINIANO JOSÉ DA ROCHA

VOLUME I.

HISTORIA ANTIGA.



RIO DE JANEIRO.

TYP. DO—REGENERADOR—DE JUST. J. DA ROCHA
RUA DO CANO N. 140.

1860.

S. Paulo 1.^o de abril de 1867 Data
em que o Sr. Manoel de Jesus - nos

Leonorella de Almeida p.^a
já elle não se esqueça de

Limna

PREFACIO.



Talvez nos perguntem porque escrevemos este livro: respondamos. Cabe-nos algum pequeno louvor ou alguma pequena responsabilidade na admissão dos estudos historicos na nossa instrucção secundaria. Fundando o collegio de Pedro II com tenção de dar um modelo a quantos collegios o governo ou a industria particular houvessem de estabelecer, B.P. de Vasconcellos creou uma cadeira de historia, e encarregou-nos de occupal-a. O pensamento do ministro manifestava-se pelo desenvolvimento e largueza dado nos Estatutos a esse estudo novo nas nossas aulas, e para o qual era indispensavel mandar vir livros, estudar e organizar compendios... O que o prudente ministro pôde fazer, foi feito....

Correram os tempos : a innovação introduzida por Vasconcellos achou-se enraizada, e posteriormente a reforma dos Estatutos das academias, a criação da inspecção geral da instrucção publica, e seus exames geraes que embaraçam á mocidade fluminense a entrada nas academias do imperio, e vedam-a quasi completamente na faculdade de medicina da

côrte, tornaram indispensavel o curso completo da historia universal.

Mas para esse curso, se o quizermos reduzido ás proporções exigidas pela simultaneidade de outros estudos preparatorios, tudo nos falta.

Servem para elle trez volumes francezes, extensissimos, ouriçados de datas: e queremos que o estudante os decore, que especialmente seja forte em datas. Cumpre mais que vá estudar historia nacional, lendo e resumindo as raras obras que temos dessa materia. Porfim onde acabam os livros francezes, cumpre que o estudante, vá resumir, de algum annuario historico, os acontecimentos contemporaneos... Basta a menor reflexão para ver que tudo isso é impossivel. Da impossibilidade o que resulta? O desanimo atormenta o alumno, ainda o mais applicado, nas vespervas dos exames de historia; e realmente aleatorio o resultado desses exames, que se tornarão facillimos, difficeis, difficilimos, impossiveis, conforme os pontos que a sorte for dando nos dias successivos dos exames, a ninguem póde satisfazer.

Não queremos aqui mostrar os inconvenientes que disso se seguem: deixamol-o á apreciação de quem deve para isso attender.

O que nos parece incontestavel, o que de certo ninguem dos que têm a menor practica do magisterio desconhecerá, é que cumpre 1º, resumir, resumir muito os compendios, 2º, dál-os em lingua commum.

Os compendios francezes têm gravissimos defeitos. Escriptos pelo patriotismo, a bem da exaltação e do engrandecimento da França, não hesitam em apresentar todos os factos historicos como determinados pela influencia franceza: todos os povos gravitam em redor da França. Os factos que desmentiriam esse systema são ommittidos, são pelo menos acanhados; que não protestem contra a verdade franceza.

Assim a nós filhos de Portuguezes, que já tinham as suas côrtes de Lamego, que já tinham a admiravel legislação das ordenações, apresentam elles a civilisação moderna nascendo do triumpho de Luiz XI, de Richelieu, de Luiz XIV sobre a fidalguia, e quando a Inglaterra já tinha tido o seu parlamento, e sua famosa re-

volução politico-religiosa, a declaração de direitos do seu Guilherme IV e os escriptos do seu Loke, quando a Italia já de ha muito tinha tido assuas republicas, commerciaes, quando a Hespanha já de ha muito ostentava os fóros de Aragão, dizem elles do seu Montesquieu;—o homem havia perdido os seus direitos; Montesquieu os achou, e lh'os restituiu!...

Escriptos para Francezes, esses livros dão largo desenvolvimento aos acontecimentos da França: é justo e louvavel; mas que justiça póde haver em obrigar a mocidade brasileira aafadigar-se com tantos Mervingios e Carlovingios, com tantos crimes e enredos dos Brunegildas e Fredegundas, em quanto que mal se lhe diz quaes os fundadores da bella e livre monarchia a que pertenceram os seus paes?

Com os livros francezes, somos obrigados a destacar a historia nacional, fazendo della assumpto de uma cadeira especial; pois nesses livros mal se faz menção das nossas cousas; como se o desenvolvimento do systema colonial não fosse uma das bellas faces

da civilização moderna, como se as occur-
rencias das colonias, sua progressiva opulen-
cia não tivessem exercido grande influencia
nos acontecimentos geraes da humanidade!

Emfim os livros francezes são em francez:
o menino perde necessariamente um tempo
immenso em interpretar o texto, quando o
consegue sem erros nem contrasensos, an-
tes de estudar a lição da historia..

E não revindicamos os fóros da lingua;
para isso confessamos a nossa incompeten-
cia. Porém o conhecimento da propria cul-
pa, a impossibilidade de emendal-a, não nos
impedem de lastmal-a, e de ardentemente
desejar que não vá por diante. Continuando
o amplo dominio dos livros francezes, quem
sabe se algum dia, como já ficou substituida
a bella palavra patria pela mesquinha ex-
prssão—payz—, algum dia não será transfor-
mada a lingua varonil de nossos avós em al-
gum ridiculo dialecto francez, ou em al-
guma algaravia vergonhosa e sem nome

E por isso escrevemos.

CONSIDERAÇÕES PRELIMINARES.

O homem não foi lançado neste mundo como os animaes que nelle nascem, pastam, morrem, sem outras preoccupações além das do presente, sem outros cuidados que não os de obedecer aos instinctos materiaes que os pungem. Ente moral e intellectual, herda elle todo o passado, procura assenhoreiâr-se pela conjectura de todo o porvir, aprende na sorte dos que o precêderam, procura modificar a condição dos que lhe succederem. Nos poucos dias que tem de passar neste valle de expiação, o homem como que vive triplice vida, a dos tempos que são, a dos que foram, a dos que hão de ser, e nessa triplice vida absorpta a sua individualidade, desapparece elle homem ; substitue-se-lhe a humanidade.

E' essa a nossa condição gloriosa ; na familia, na nação, nos impulsos do nosso coração, nas aspirações de nossa intelligencia, achamos essa lei, aprendêmol-a, applicamol-a, e por isso a historia da humanidade tão activamente desperta a nossa curiosidade, preoccupa a nossa attenção. Nesse pó das gerações que foram, queremos saber dos seus erros, dos seus soffrimentos, de suas virtudes, de suas glorias ; é patrimonio nosso a que não renunciámos ; se lhe renunciássemos, não seríamos homens.

Chama-se historia o conhecimento do passado da humanidade ; o sentido etymologico dessa palavra diz testemunha.

Para assim nos constituirmos testemunhas do passado, temos tres meios ; a historia tem pois tres fontes : tradição, monumentos, chronica. A tradição é a exposição confiada de pais a filhos, espalhada pelos membros da fa-

milia, ou tribu, ou nação, e que se perpetua nas successivas gerações.

Chamam-se monumentos os testemunhos materiaes dos factos, quer houvessem sido construidos para glorificá-los, quer tivessem outro destino, como as ruínas das grandes cidades.

E' chronica emfim a exposição secca e arida das occurrencias que se vão dando, confiada a uma escripta rudimentar, de que depois o narrador philosopho, o escriptor reflectido, se apodera para recompôr as épocas em que esses factos se deram, para escrever-lhes a *historia*.

O homem nem sempre se achou de posse dos meios de communicação, de vulgarisação de idéas, de que hoje gozamos. Admittindo uma lingua primitiva, revelada, ensinada aos nossos primeiros pais pela bondade do Creador, cumpria todavia reconhecer que muito tempo havia de correr antes que, pela applicação de seu espirito analytico, decompuzesse elle as palavras, os sons que proferia, e reconhecesse os elementos desses sons, e encontrasse signaes e combinações que os reproduzissem, que, mudos e inanimados, fallassem e vissem.

E ainda, achada a lingua escripta, que de seculos não deviam passar antes que houvesse na humanidade tanto ocio, tanta divisão e subdivisão de trabalho, que pudessem alguns consagrar-se ao estudo especial desses factos, á escripta delles, que fossem levados ao conhecimento de todos ? E não fallamos ainda da tardia invenção do papel, qual hoje o temos, abundante e de preço infimo : não fallamos de todos os progressos que a civilização moderna reclama como gloria sua : fallamos unicamente do tempo que se havia de dispensar, das difficuldades que se deviam superar, para chegar-se ao ponto em que esteve a civilização da Athenas de Pericles, da Roma de Augusto, da Alexandria dos Ptolomeus.

Essas difficuldades davam necessariamente occasião e

entrada a mil erros, a mil omissões; outros inconvenientes lhes accresceram.

Creatura predilecta do Omnipotente, delle tendo recebido a revelação da verdade eterna, o homem olvidou em pouco tempo o que havia sabido; dispersando-se para occupar as extensões do globo, sua temporaria morada, desaprendeu essa verdade, perdeu a memoria dos tempos primitivos, não porém tão completamente que lhe não restassem no espirito alguns clarões incertos; dahi e da fraqueza de seu espirito, uma tendencia para o maravilhoso, para a deificação de tudo quanto despertava a sua imaginação. Assim Ceres, Triptolemo, foram-lhe deuses bemfazejos que lhe ensinaram a aproveitar, a semear o trigo, etc.

Essa tendencia para o maravilhoso exagera-se ainda com a influencia do orgulho de familia, de tribu, de povo: Cyro é amamentado por uma cadella, Romulo por uma loba, Semiramis por fagueiras pombas.

Tudo se explica por maravilhosa intervenção, tudo se crê: Prometheu rouba aos Ceus o fogo sagrado para animar a argila amolgada por suas mãos; Numa recebe os conselhos de Egeria para amoldar pelas leis os costumes dos salteadores do Lacio. E o deposito das tradições enriquece-se de fabulas, de exagerações, de poeticos inventos, em que, ao depois, cumpre com muito tento joeirar a verdade.

Ainda mesmo quando não houvesse tão poderosas e constantes causas de erro, uma funestissima influencia poria em eterno perigo a verdade: a das paixões humanas, da facil credulidade de uns, a do desarrazoado scepticismo de outros, a affeição, o odio: a Grecia, vingativa, nos apresenta Xerxes, louco varrido, fazendo açoitar, acorrentar o Hellesponto, como escravo insurgido. Em épochas ainda mais proximas, nos dias mais recentes, o heróe de um é monstro para o outro, o facto admiravel para este exposto com certas e determinadas circumstancias, por aquelle

exposto com outras certas circumstancias é uma atrocidade. Bellos talentos poetisam um Saint-Just, até uma Theroigne de Mericourt !...

No meio, porém, de todas estas facilidades do erro, que alteram o testemunho historico, vai a critica discriminando os factos, explicando-lhes as causas, revelando o passado, e pondo a humanidade de posse do seu patrimonio de cerca de sessenta seculos.

Para nós, que felizmente somos catholicos, não haveria tanta difficuldade. Temos nos nossos livros sagrados, naquelles que a fé nos diz escriptos sob a inspiração da verdade eterna, guias infalliveis, se os soubessemos seguir.

Mas a historia no ponto de vista christão, como cumpriria ser estudada, ainda está por escrever : a historia *classica*, qual a temos, adoptada em todos os livros de educação de todas as nações cultas, não parte de semelhantes principios; abstrahê-se da revelação, e só collige, com o esforço da critica, o que de mais plausivel dizem os escriptores profanos.

Não podemos nós innovar ; cumpre-nos seguir o mesmo trilho.

Ainda bem, quanto á historia antiga : Tito Livio e Tacito, Herodoto e Thucydides, ainda nos seus erros, offerecem a compensação do seu estylo, das suas longas vistas, e do conhecimento do coração humano. Mas para os periodos mais recentes, onde nos faltam esses guias, que compensam os seus erros com as suas bellezas litterarias, as difficuldades recrescem, a confusão é insuperavel.

O trabalho da critica deve, pois, aqui ser indefesso ; cumpre-lhe a todo testemunho oppôr a mais seria discussão, sob pena de expôr-se a dar os fóros de verdade á mentira, nem sempre innocente.

Esses sessenta seculos são geralmente divididos, para o estudo da historia universal, em tres periodos :

1.º Historia antiga, começando nos primeiros dias da

creação até a divisão definitiva do imperio romano entre os filhos de Theodosio (395).

2.º Historia da idade media, seguindo até a ruina do imperio do Oriente e a conquista de Constantinopla pelos Turcos (1453).

3.º Historia moderna, vindo de então aos nossos dias.

Embora nos pareça defeituosa essa divisão, forçoso nos é adoptal-a, desde que só escrevemos um resumo clas-sico. (*)

(*) Os defeitos dessa divisão são facéis de reconhecer : para não entrar em longo desenvolvimento, só duas razões apresentaremos.

1. A' medida que os dias, tão cheios, da humanidade de hoje se vão passando, o periodo da historia moderna vai-se tornando tão vasto, complicado de tantos factos, dominado por tantas tendencias, que será necessario subdividil-o : já hoje vai sendo adoptado o barbaro superlativo de modernissima, para designar a historia dos acontecimentos posteriores a 1815 ; que barbaros superlativos terão que inventar os nossos netos se quizerem seguir a divisão historica que nós herdámos, e que lhes transmittiremos ?

2. E' impossivel marcar positivamente o ponto de divisão dos periodos assim separados ; por exemplo : é ponto de partida da idade media a invasão dos barbaros. Mas essa invasão não é facto simultaneo, nem data deste ou daquelle anno ; a pressão das hor-das orientaes sobre as occidentaes levou longos annos a operar-se ; já nos dias florescentes de Augusto, Virgilio aponta entre as preoccupações que tiram o somno aos Romanos

Conjuratu descendens Dacus ab Istro.

Se tivessemos a temeraria pretensão de escrever, não um re-sumo, porém uma historia universal desenvolvida, a esses periodos substituiríamos estes outros, que nos parecem mais razoaveis :

1. Periodo pagão, estendendo-se dos tempos primitivos até o triumpho do christianismo, e apparecimento do—*In hoc signo vinces*—na bandeira dada a Constantino.

2. Periodo christão, que iria de Constantino a Luthero, do triumpho da fé até a insurreição da razão e da liberdade contra a authoridade religiosa.

3. Periodo philosophico, envolvendo no movimento religioso o movimento politico, e indo terminar-se na revolução dos Estados-Unidos e da França.

4. Periodo industrial, desenvolvendo-se com o triumpho da liberdade religiosa, politica e civil, nas diversas expansões que hoje nos maravilham.

COMPENDIO

DA

HISTORIA UNIVERSAL

HISTORIA ANTIGA

CAPITULO I.

Historia dos tempos primitivos.

CREAÇÃO DO MUNDO.—TORRE DE BABEL.

Os tempos primitivos do mundo e da humanidade não podem com certeza ser conhecidos senão por quem quizer aproveitar a luz da verdade derramada pela Biblia. Apagar essa luz para lançar-se no meio de indagações e de conjecturas é por orgulho fatal acceitar o erro, engolpar-se em uma multiplicidade de duvidas, de obscuridades, por entre as quaes é infallivel o naufragio.

O Genesis nos ensina que a principio Deus creou o mundo, tirou-o do nada por effeito de sua omnipotente vontade. A obra da criação foi por Elle dividida em seis dias (*). No ultimo Deus disse :—Façamos o homem á

(*) A magestosa e simples narração do Genesis dá thema ás mais profundas observações de moral, ás mais sublimes meditações de religião : não cabem porém ellas em um espaço historico que queremos que seja breve. Apenas diremos que o progresso das sciencias humanas, as mais admiraveis indagações do espirito moderno, têm servido para confirmar a narração da Biblia.

Entretanto, quanto á idade da terra, a sciencia tem procurado

nossa imagem e semelhança.— E de um pouco de barro formou-lhe o corpo, e sobre elle soprou, e deu-lhe vida e animação.

Completa a obra da criação, Deus consagrou o setimo ao descanso.

Ao primeiro homem, a quem déra o nome de Adão, collocou Elle no paraizo terrestre, lugar de delicias, em que era servido por todos os entes creados. E, reconhecendo que não era bom que Adão estivesse só, Deus lhe

suscitar duvidas : como esta apresenta em suas diversas camadas signaes de idade muito mais vetusta do que a marcada na chronologia biblica, imaginaram, ou que a expressão *dia*, de que se serve a Biblia para designar os periodos da criação, não deve ser acceita no sentido natural, ou que os seis dias da criação não tinham sido successivos, porém intervallados por longos seculos.

Ambas essas explicações parecem não poder ser acceitas: a expressão biblica, constantemente reproduzida, é :—e da tarde e da manhã se fez o primeiro, o segundo, o terceiro dia. E' pois o dia que temos, o dia marcado pela rotação da terra que nos dá a tarde e a manhã ; e esses dias devem ser successivos, para serem terminados com o descanso do setimo.

Deus podia realizar conjunctamente, no mesmo instante, no apice de tempo em que foi creada a luz, toda a criação. Assim porém não o quiz : sem duvida para dar ao homem a grande lição do trabalho, dividio a sua obra, dando a cada dia sua tarefa, e coroadando todos, acabada a obra e achada boa, com o dia do descanso.

Nem é embaraço a idade vetusta das camadas inferiores da terra : basta-nos que o estudo dellas venha confirmar o testemunho biblico sobre a successão da criação e a ordem em que foram apparecendo os entes creados. Deus não creou o homem como menino recém-nascido, que fosse depois crescendo ; creou-o na plenitude de sua força, na flôr de sua existencia ; Deus não creou as arvores em ponto pequeno, que se fossem ao depois desenvolvendo ; cobrio com ellas a terra, umas já com os caracteres da velhice, outras com os da recente nascença, outras emfim em todo o seu vigor e fructificação. Porque pois crearia a terra e o mundo com uma apparencia toda recente e juvenil ? porque não daria ás suas camadas, aos seus rochedos, o aspecto de antiguidade que apresentam, embora creadas no mesmo momento que as camadas, aparentemente mais recentes, que as cobrem ?

deu uma companheira, tirada de uma de suas costellas em quanto elle dormia; foi Eva.

Permittiu-lhes Deus o gozo de tudo quanto no paraizo se achava, vedou porém que comessem o fructo da *arvore do bem e do mal*, cominando á violação dessa ordem a pena de morte para os violadores e suas gerações.

O orgulho porém, que perdera os anjos, perdeu o homem. A serpente seduziu Eva; a vaidade da mulher a levou a desobedecer a Deus, e o fructo por ella comido, por ella offerecido a Adão, que no crime o acompanhou, fez decahir a raça humana, tornou-a escrava do peccado, encheu-lhe o coração de germens do mal, necessitou enfim a redempção.

Adão e Eva foram expulsos do paraizo: começaram os dias da humanidade. (*)

(*) A recordação de uma época de ventura de que o homem decahiu, acha-se em todas as tradições dos povos; o que é a idade de ouro dos poetas senão uma reminiscência desses tempos anteriores da existencia humana?

O logar onde foi o paraizo, o logar que foi berço da geração humana, depois de expulsos os nossos primeiros paes desse paraizo, tem dado occasião a indagações e estudos que, sem conseguir fixal-os perfeitamente, tem todavia mostrado que a Asia com a sua fertilidade e riqueza, com os seus bellos rios, o Tigre e o Euphrates, foi o theatro desses acontecimentos.

Nada de mais admiravel e magestosa simplicidade do que a condemnação do homem:—comerás o teu pão com o suor do teu rosto.—A lei santa do trabalho, a lei de consolação e de regeneração do homem lhe é imposta assim; e ao par da morte, ao par do soffrimento e da dor, ao da luta eterna com os máus instinctos, com o tentador, com o peccado, com as forças da natureza rebelladas, e que cumprira dominar, a mulher parirá com dôr!—Essa dôr da mulher, essa fraqueza do filho de suas entranhas, necessidades da familia, vinculos primeiros da sociedade, são tão fecundos como o trabalho; nessas duas leis está o germen da civilisação de que se ufana a humanidade.

Mas a bondade de Deus á pena junctou a consolação; ao castigo a esperanza: da mulher sahirá o Redemptor, esse cujo pé esmagará a cabeça da serpe da tentação, esse que nos dará com o exemplo da sua vida, com as instituições de sua bondade e cle-

Caim, o primogenito de Adão, commetteu logo, por orgulho e inveja, um crime abominavel. As offerendas de seu irmão Abel eram por Deus benignamente acolhidas, as delle não: e Caim matou Abel.

Deus o castigou obrigando-o a retirar-se com sua familia para logar distante do que em que ficou residindo Seth com a descendencia de Adão delle proveniente.

Assim estreitando a sua posse do mundo, entregue ao captiveiro das suas paixões ferozes, a raça humana, a medida que se ia espalhando, multiplicava suas iniquidades, e sobre si attrahia a colera de Deus. Uma immensa licção era necessaria a tão rápida depravação.

Entretanto, no meio da geral perversidade, uma familia de justos havia sabido preservar-se do contagio, e conservar-se fiel aos divinos preceitos.

Castigando a humanidade, quiz Deus salvar essa familia, e fazer della a origem das novas gerações.

E pois determinou a Noé que construísse uma arca immensa, em cujo seio pudesse elle abrigar-se com sua mulher, seus trez filhos, Sem, Cham e Japhet, e as esposas desses: decretou igualmente que na arca recolhesse casaes reproductores de todas as especies de animaes. Feito o que, abriram-se as cataractas do Céu: foi o diluvio universal.

Por espaço de quarenta noites e de quarenta dias, massas de agua despejando-se na terra, tudo alagaram, e subiram ácima das mais altas montanhas: tudo morreu, menos o que estava na arca.

Enfim, completa a punição, Noé e seus filhos sahiram da arca, Deus celebrou com elle um pacto de alliança, cujo emblema foi o arco Iris.

mencia, com o precioso sangue do seu soffrimento, a graça, a força sobrenatural, necessarias para resistirmos ás inclinações perversas que nos fazem cúmplices e victimas do tentador.

Os desterrados do paraizo sahiram consolados por essa esperança... e os seculos a realisaram

Noé plantou a vinha, e espremeu-lhe o succo, e como ignorasse os effeitos do vinho, bebeu em demasia. Estando ébrio, seu filho Cham escarneceu da posição indecente em que se descompunha; os outros filhos, porém, approximarão-se reverentes, e cobriram a sua nudez. Pelo que foi Cham amaldiçoado.

Os descendentes de Noé não foram melhores do que seus antepassados; o orgulho os dominou, e, para que se preservassem de novos diluvios, insufflou-lhes a construcção de uma immensa torre que topeasse com os céus, e em cuja altura se asylassem contra a colera celeste (*), Deus porém os puniu: confundiu-lhes as linguas, obrigou-os assim a dispersar-se. E a raça humana tomou conta de toda a terra. (**)

Esse estado primitivo da humanidade abrange 21 seculos — pois a creação do mundo foi em 4963 — a dispersão dos homens foi em 2868 antes de Jesus Christo.

Longos periodos se seguiram: as familias ou tribus mal assentadas (***) no territorio que occupam multiplicam

(*) Um facto tão importante como o diluvio universal não podia apagar-se da lembrança dos homens ainda nas epochas mais barbaras; achamos pois em toda parte commemorado um diluvio, uma epocha em que as aguas lavaram a terra de todas as gerações que a inquinavam; e os primeiros trabalhos das sciencias archeologicas, a cada passo, em toda a extensão da terra, vão descobrindo vestigios indeleveis desse terrivel cataclisma.

(**) Os vestigios da torre de Babel, descobertos por viajantes modernos, vieram confirmar a verdade dessa loucura do orgulho humano, de que já achamos memoria, conservada e adulterada pela tradição, nas epochas do paganismo grego. O que é essa tentativa dos filhos da terra para escalarem o céu, e que é esse amontoamento de serras sobre terras, de Pellio sobre Ossa, de Ossa sobre Olympo, que tão bellos versos inspiraram ao poeta, senão a consagração ds inaudito arrojo da humanidade e do terrivel castigo que teve?

(***) As emigrações das tribus primitivas é facto constante; emquanto a lavoura não prende os homens ao chão, emquanto a caça e o pastorcio são as unicas occupações que lhes aprazem, vemos essas transmigrações violentas, esses exodos de povos inteiros; até

emigrações, voluntarias em busca de melhor residencia, ou coagidas pela violencia de aggressores, a cujo jugo a principio não se querem subjeitar. Nessa confusão começam a formar-se hordas, povos, nações, estados: a guerra é a sua lei, o exterminio e o captivoeiro condição dos vencidos. É crença geral que a descendencia de Sem, a raça semitica, tomou conta das vastas regiões da Asia central, donde espalhou o seu dominio á India, á China; a raça de Cham foi povoar a Africa, em quanto a de Japhet (*) espalhou-se pela Europa.

Deixemol-as em todo esse longo periodo de guerras e de transmigrações, para irmos achar as sociedades politicas, os povos e os Estados na sua primeira rudimentar civilisação.

CAPITULO II.

O povo de Deus.

OS PATRIARCHAS.

Emquanto a raça humana, entregue a si mesma, se perdia na triste escola da propria perversidade, em quanto esquecia as licções do Eterno, e as verdades re-

nas primeiras epochas historicas, temos menção dos Hycsos no Egypto, temos os Scythas na parte da Asia, que se vae civilisando para constituir o grande reino de Assyria; em epochas posteriores veremos os Hunnos, e nas epochas ante-historicas, o que é essa perigrinação de Baccho, conquistando até a India, senão uma reminiscência, adulterada pela poesia grega, dessas confusões de povos? A paciente sciencia anthropologica dos modernos, especialmente allemães, tem no estudo das raças humanas, feito nesses ultimos tempos as mais admiraveis descobertas, que todas vêm confirmar a unidade da descendencia de Adão e de Noé.

(*) O nome desse filho de Noé é conservado pela tradição europea: gregos e romanos conhecem Japet, e Horacio nos falla do —audax Japeti genus.

veladas, Deus, que preparava o cumprimento da promessa feita ao primeiro peccador, quiz preservar do contagio uma familia, um povo de quem nascesse o Redemptor. A esse povo quiz dar directamente leis e instituições, quiz isolal-o do resto da humanidade, quiz tel-o constantemente debaixo da sua mão, para punil-o, para recompensal-o, para, por meio d'elle, conservar intacto e puro o deposito da revelação.

Esse povo foi o judeu. A historia desse povo excepcional destaca-se completamente da da humanidade; raramente entra em contacto com os outros povos, e então é mais pela luta, pelas armas, do que pelas relações pacificas do commercio e da amizade. Com elle pois occupemo-nos destacadamente.

Para origem desse povo escolheu Deus Abrahão.

Esse filho de Tharé vivia nas regiões da Mesopotamia como os chefes de tribu dessas epochas: sua riqueza consistia nos rebanhos immensos que apascentava; sua familia compunha-se de numerosos escravos que o ajudavam nos seus trabalhos. Condemnados a constantes peregrinações pela necessidade de pastagens para seus rebanhos, os chefes de familia, e com elles Abrahão, não tinham patria, nem dominavam em Estados regulares: acampavam, defendiam pela força o territorio do acampamento, e quando este estava exausto, iam por diante em busca de novo sitio em que se acampassem.

Escolhido Abrahão, (1920 annos antes de Jesus Christo) Deus o fez passar o Euphrates, trouce-o á terra de Chanaan, cujos habitantes lhe deram o nome de *Hebri* (homem do outro lado) de onde os seus descendentes se chamaram Hebreus.

Ahi Deus se pôz em communicação com elle; prometeu-lhe uma descendencia mais numerosa do que as areias do mar, e as estrellas do firmamento; prometeu-lhe ter debaixo de suas vistas e de sua protecção essa sua descendencia, conservando-se Abrahão fiel ao Senhor, obediente

a seus preceitos; prometteu-lhe enfim a terra de Chanaan de exemplarissima uberidade.

Abrahão era esposo de Sara, e essa, já idosa, não tinha esperanças de descendência. Nessas épocas e nessas regiões a polygamia, ainda hoje mantida, estava em vigor. Sara, não querendo frustrar Abrahão da promessa que lhe fôra feita, introduziu no thalamo de seu marido a sua serva Agar, persuadindo-se, em razão de sua velhice, que com ella não se entendiam as palavras de Deus.

Agar concebeu, e deu a luz Ismael.

Logo porém teve Sara annuncio directo que igualmente conceberia; e com effeito Abrahão teve della Isaac.

O filho da legitima esposa, e o filho da concubina não podiam viver debaixo das mesmas tendas. Agar foi pois expulsa com o seu filhinho, a quem Deus tomou debaixo de sua protecção, preservou da sêde no deserto, e fez chefe da raça Ismaelita.

Deus quiz pôr em prova a obediencia e submissão do seu escolhido; para isso ordenou-lhe que lhe immolasse esse filho concedido a sua velhice, depositario de tão grandes promessas e esperanças. Abrahão não hesitou: Isaac ia ser immolado, Deus porém mostrou-se satisfeito; o sacrificio não foi consumado.

Antes que Abrahão, completos os seus annos, fosse descansar no tumulo dos seus paes, um acontecimento notavel se realisou.

Algumas cidades então importantes, entre as quaes se distinguiam Sodoma e Gomorrha, entregavam-se á mais infame e deploravel devassidão. Em uma dellas residia Loth, parente de Abrahão, que com a sua familia conservára a pureza dos antigos costumes.

Os anjos de Deus fizeram que Loth e os seus se retirassem: choveu sobre todas essas cidades o fogo celeste; foram extinctas; um vasto lago de bitume e de aguas putridas occupou o chão em que haviam florescido essas cidades depravadas.

Herdeiro das promessas de Deus, das riquezas e virtudes de seu pai, ficou Isaac, que casára na sua propria familia com Rebecca, sendo notavel o cuidado com que Deus preservava os patriarchas, como ao depois a todo o povo delles descendente, de alianças e contactos com as familias de outras raças, eivadas de idolatria: tanto é certo que a esposa faz os costumes da familia.

De Rebecca teve Isaac dous filhos, o mais velho Esau, o mais moço Jacob. Esau porém, activo caçador, de genio rude, e até de um physico repugnante por ser muito hirsuto, não estava tanto no agrado materno como seu irmão. Entretanto o primogenito era herdeiro das promessas de Deus, e as bênçãos paternas sobre elle deviam recahir.

Voltando uma vez dos seus exercicios violentos, Esau, cheio de fome, vio Jacob que havia preparado um prato de lentilhas, e pediu-o. Jacob, para ceder-lh'o, exigiu e obteve que renunciasse ao seu direito de primogenito. Esau, mostrando assim o pouco apreço em que tinha as bênçãos do Altissimo, melhor parte do seu patrimonio, provou quão indigno era dellas, e Jacob, sollicitando-as, mostrou quanto as merecia. Cumpria porém que a bênção paterna sancionasse o ajuste. Com os annos Isaac ficára cego, e só pelo tacto podia distinguir seus filhos. Tendo elle pois pedido a Esau um guisado de sua caça, Jacob foi por conselho materno matar um cordeiro, guizou-o, e tendo-se coberto com a pelle delle, foi apresentar a seu pai a comida que lhe havia preparado. Isaac apalpa-o, pela aspereza da lã que o cobre toma-o pelo hirsuto Esau, e abençoa-o. Jacob fica sendo o terceiro patriarcha. (*)

(*) A substituição do filho mais moço ao primogenito, em castigo do desprezo que este mostrára pelas bênçãos de Deus, é o symbolo da substituição da Igreja á Synagoga, que repellira, que fizera crucificar o Messias, emquanto aquella se punha debaixo da sua lei.

Jacob, indo sollicitar uma esposa na familia de Labão adormeceu uma vez, e teve um sonho prophético. viu uma escada que ia até o céu, e por onde subiam e desciam os anjos. Com um delles por fim trava luta, afadiga-se, resiste: dahi lhe proveio o nome de Israel, ou *forte contra Deus*, nome que se perpetuou no povo da sua descendencia, o Israelita.

Depois de haver servido quatorze annos a Labão, Jacob, esposo das duas filhas delle, Lia e Rachel, voltou a terra de Chanaan.

De Lia teve dez filhos, que foram os chefes de outras tantas tribus judaicas; de entre elles só apontaremos Judá e Levi, aquelle por ser o mais velho, o que deve dar á Judéa os seus reis, e á humanidade o Redemptor, o outro, porque á sua descendencia andou ligado o sacerdocio judaico.

De Rachel, sua esposa predilecta, teve Jacob dous filhos, José, e muito depois, já na velhice, Benjamim.

Os filhos de Lia tomaram-se de ciúmes com o filho de Rachel, por ser este mais amado de seu pai, resolveram pois descartar-se delle, vendendo-o como escravo a mercadores que por ahy passaram de viagem para o Egypto. Para encobrirem o crime, tomaram as roupas de José, rasgaram-as, mancharão-as no sangue de um carneiro, e as levaram para casa dizendo que as haviam encontrado no campo, que sem duvida as feras tinham morto a seu irmão.

Para consolar a velhice do misero pai, nasceu-lhe igualmente de Rachel outro filho que foi chamado Benjamim.

Entretanto José, levado ao Egypto, tinha sido vendido a um homem chamado Putiphar. A mulher de Putiphar lançou olhos de concupiscencia sobre o seu escravo, e resistindo-lhe a virtude deste, accusou-o perante seu marido. José, não quiz repellir o falso teste-

munho, nem lançar o opprobrio sobre a calumniadora, foi pois levado á cadeia.

Com elle achavam-se dous ministros do Pharaó : ambos tiveram sonhos, e preocupando-se com o sentido desses sonhos, considerados então como celestes avisos, José os interpretou : a um dos presos declarou que seria suppliado, a outro que, reconhecida a sua innocencia, seria restituído ás suas honras : os sonhos assim annunciavam. Os factos vieram logo confirmar a explicação.

Algum tempo depois teve o Pharaó dous sonhos :— viu primeiro sete espigas cheias de grão, e logo apoz outras sete chôchas e falhas : viu mais sete vaccas gordas, e logo atraz sete vaccas magras, que cahiram sobre as outras e as devoraram.

O rei consultou magicos, sacerdotes, adivinhadores de profissão ; ninguem deu explicação que o satisfizesse. Então o ministro que estivera preso com José, referiu o que com elle e com o seu companheiro se havia passado, e o Pharaó mandou vir José.

Explicou-lhe este o duplo sonho : sete annos de fatura, acompanhados de sete annos de esterilidade se aproximavam para o Egypto : perdido estaria este reino florescente, senão houvesse a prudencia de reservar as sobras da prosperidade para os annos fataes, e a sabedoria necessaria para corrigir as causas dessa esterilidade. O rei admirando a sagacidade da explicação, poz ao cuidado de José, a quem nomeiou ministro, dar as providencias necessarias : tão felizes foram ellas que o flagello da esterilidade não affectou a prosperidade do Egypto, que até pôde acodir á necessidade das populações visinhas.

Com effeito a fome se fazia sentir em todas as regiões, sentiu-a até em Canaan a familia de Jacob.

O velho patriarcha mandou seus filhos ao Egypto comprar o trigo de que carecia : na tenda do pai só ficou o mais moço, o seu Benjamim.

Em presença do irmão contra quem tão perversos haviam

sido, e que do captiveiro, a que o tinham condemnado, fôra pelo favor divino erguido á posição de onnipotente ministro do rei do Egypto, os filhos de Lia o não reconheceram; José porém os reconheceu, informou-se do estado de sua familia, mostrou-se condescendente e bom; deu-lhes porém menos trigo do que queriam dizendo-lhes que desejava ver tambem a Benjamim, que o fossem buscar, e então lhes daria sobejo trigo para todas as suas precisões.

Embora previssessem as difficuldades que a essa vinda opporia a affeição inquieta do velho Jacob, os irmãos partiram, e conseguiram voltar com Benjamim.

José, porém, querendo experimenta-los, depois de havel-os tractado com a maior affabilidade mandou esconder nos alforjes de Benjamim um vaso de prata, e fazendo apparecer uma accusação de furto, foi achado, em prova d'elle, o vaso que havia sido escondido.

José declarou aos irmãos que podião retirar-se; mas que Benjamim ficaria preso para pagar o seu crime.

Levantou-se então entre elles tão pungente pranto; tantas supplicas, tantos protestos fizeram, tanto lembraram a angustia do velho Jacob, quando soubesse desse infortunio, que José não pôde mais resistir-lhes, e deu-se a conhecer.

A familia inteira de Jacob veio então para o Egypto; José a estabeleceu no Delta, formado á foz do Nilo, onde ella tanto multiplicou, subio tanto de riquezas que, ao cabo de quatro seculos, os Egypcios tiveram ciume e medo, e trataram de embaraçar, por meio de perseguições, o seu desenvolvimento.

CAPITULO III.

Moyses.

ESTABELECIMENTO DOS JUDEUS NA TERRA DA PROMISSÃO.

Já não era pequeno supplicio para os Israelitas, raça

pastora, e portanto essencialmente nomada, aprender os costumes sedentarios dos Egypcios : accrescia a aversão proveniente da diversidade da religião e de crenças, que os levava a considerarem-se reciprocamente impuros. Então para atalhar directamente a assustadora multiplicação de hospedes tão detestados (os serviços de José já estavam esquecidos), o governo egypcio determinou que os Judeus matassem os meninos que lhes nascessem.

Essa atrocidade que teria extinguido a raça, foi occasião de sua salvação. Uma Judia da familia de Levi, não tendo animo de matar um filhinho que lhe nascêra, pol-o em um berço, e entregou-o á mercê das aguas do Nilo.

A esse tempo a filha de Pharaó veio banhar-se, e achou o berço, condoeu-se do engeitado, levou-o para palacio, e o fez convenientemente educar. Foi Moyses, ou o *salvo das aguas*.

Chegando á idade de homem, Moyses commetteu um homicidio, teve de fugir, asyloou-se na côrte de Jethro ou Raguel, principe dos Medianitas, na Arabia, e casou com Sephora, filha deste.

Um dia, estando no monte Horeb, Deus appareceu-lhe em uma sarça ardente, e ordenou-lhe que fosse buscar seu povo, e o levasse para Canaan.

Moyses volta ao Egypto, toma por companheiro de sua missão Aarão, e pede a Pharaó licença para levar os Judeus ao deserto, onde tinham que fazer um sacrificio do seu rito. O Pharaó, considerando captivos os Judeus, não annue ao pedido ; porém Moyses, que fôra por Deus dotado do poder de fazer milagres, provou com elles a sua missão divina, flagellou o Egypto com as sete *pragas*, e obrigou por terror o tyranno a condescender com seus desejos.

Partem os Judeus do Egypto, para onde tinham vindo em numero de setenta pessoas, já em numero tão avul-

tado, que só em estado de pegar em armas eram 600,000. Dirigia-lhes a marcha de dia uma nuvem, de noite uma columna de fogo (1500).

O Pharaó logo se arrependeu da licença, e á frente de sua cavallaria, perseguiu os Judeus. Alcançou-os nas margens do mar Vermelho; porém as aguas, obedièntes á vara de Moyses, abriram-se para que os Judeus as atravessassem a pé enxuto; feicharam-se desde que a gente do Pharaó entrou no seu alveo, e afogão-a.

Chegaram os fugitivos ao Deserto. Ah! a protecção de Deus se manifesta por mil modos, sem embargo das queixas, das revoltas desse povo ingrato: Moyses faz brotar agua de um rochedo; o maná celeste chove todas as noites; em fim no monte Sinai, no meio de trovões, a magestade de Deus se apresenta a Moyses, ratifica o pacto de alliança, feito com Abrahão, e entrega-lhe as taboas da *Lei*.

Entretanto, obedecendo ás suggestões da revolta, e ás recordações do Egypto, os Judeus erguem um bezerro de ouro, e adoram-o. Moyses os castiga severamente.

Chegam enfim ás margens do Jordão. Porém nem Aarão nem Moyses puderam alcançar a terra da promissão: Moyses, tendo obtido por graça de Deus ver essa terra, expirou no monte Nebo, na idade de 120 annos.

CAPITULO IV.

Legislação de Moyses.

Quando o espirito do erro não quizesse acceitar a verdade dos livros sanctos, e a divina missão de Moyses, quando puzesse em duvida todos os prodigios, bastaria para confundil-o a legislação judaica.

Em epochas tão barbaras, quando os espiritos os mais adiantados não podiam repellir as mais ridiculas opiniões, e tão pouco conheciam do homem moral, como admittir em um simples Estadista a capacidade de formular legislação tão sublime ? legislação tal que o Redemptor, longos seculos depois, declarou que a não vinha alterar, ou mudar, porém sómente completar, e cujos preceitos moraes, resumidos no Decalogo, ainda hoje são repetidos quotidianamente por toda a Christandade, e reconhecidos como o mais puro e admiravel, o mais laconico e completo dos tractados de moral ?

Essa legislação se divide em diversas partes ; é religiosa, é politica, é moral, é penal.

Das leis religiosas apontamos a adoração de um só Deus, principio e origem de tudo, o que foi, é, ha de ser por si mesmo, Jehovah ! — a consagração exclusiva da tribu de Levi ao culto, sendo ella a unica que podia entrar no tabernaculo, onde estavam depositadas a arca da alliança e as taboas da lei.

Essa familia, exempta de cuidados profanos, era sustentada pelos dizimos e primicias de todas as producções da terra, sómente ao chefe della, summo pontifice e juiz supremo, era dado, e só uma vez no anno, penetrar no *Sancto dos Sanctos*. A Paschoa, solemnizando a memoria da sahida do Egypto, a Pentecostes, em commemoração da outhorga da lei no monte Sinai, emfim o anno sabbatico que voltava de sete em sete annos, e o grande jubileu de cincoenta em cincoenta annos.

Detenhamo-nos um pouco com a instituição do jubileu ; nós que havemos de ver o principio do captiveiro adoptado em todo o mundo, até ceder em fim, e não ainda de todo, aos progressos da philosophia ; nós que havemos de ver a oppressão das dividas causar tão formidaveis agitações na mais poderosa das nações antigas, não podemos deixar de admirar essa instituição, pela qual de sete em sete annos cessava o captiveiro do escravo in-

digena, as dividas extinguiam-se, as terras eram entregues ao trabalho e ao proveito dos indigentes, e de cincoenta em cincoenta annos o escravo estrangeiro volvia á liberdade, e as terras vendidas revertiam para seus primitivos donos, recompondo o patrimonio das tribus e das familias.

Das leis politicas as mais notaveis são as que dizem respeito á organisação do poder. Deus conserva o mando supremo sobre o seu povo, e emquanto este, cedendo ao exemplo dos visinhos, não exige um rei, faz dirigir o Estado pelo summo pontifice. Todavia os chefes das tribus formavam um conselho, que elle reunia em redor de si, e que posteriormente deu nascimento ao Sanhedrin. Nas occasiões graves, a nação reunia-se tambem em conselho.

A's vezes, e para as necessidades da guerra, Deus suscitava um varão forte, que com o titulo de *Juiz* exercia o commando militar, e uma especie de dictadura.

As leis criminaes, assaz severas, puniam de morte o rapto, o adulterio, o homicidio, a idolatria, a blasphemia, a desobediencia aos paes. Para outros crimes outras punições corporaes, e em muitos casos o talião. Abriam-se trez asylos para os criminosos, menos para os de homicidio premeditado.

Na vida privada, a lei quasi tudo regulava ; o poder do chefe de familia era immenso, pois era continuação do poder dos patriarchas. Havia especial cuidado de manter a pureza da raça e a divisão das tribus, prohibindo o casamento com estrangeiros, e entre os membros de diversas tribus.

Um dos caracteres mais notaveis dessa theocracia era a influencia dos prophetas. Deus de vez em quando os suscitava para dirigirem admoestações aos principes e aos povos, para reprehendel-os dos seus peccados, annunciar-lhes a punição, e consolal-os com a esperanza, mos-

trando-lhes entre véus diaphanos o futuro de gloria, reservado pelo altissimo aos seus fieis.

Sem embargo das alternativas a que se viu sujeito esse povo, a sua exclusão de todo o pacto intimo com o estrangeiro, o grande principio da unidade de crenças e de praticas religiosas, levada a tanto apuro que para toda a nação só era admittido um templo, mantiveram a unidade e a integridade do character nacional tão firme que ainda hoje, depois que, de ha tantos seculos a raça judia existe espalhada entre os povos sem centro algum de união, ainda hoje se conserva distincto e forte.

Sem patria, graças ás suas instituições, essa nação ainda não foi absorvida, ainda não se confundio com ás nações, no meio das quaes tem vivido.

O cuidado com que, sem aversão ao estrangeiro, sem negar-se ao dever da hospitalidade, o Judeu se excluiu de relações intimas com elles, fez que ficasse esse povo desconhecido, menosprezado pelas nações da antiguidade.

Só depois que a influencia romana se estendeu pela Asia e envolveu a Palestina, começaram a divulgar-se algumas das verdades philosophicas, religiosas e moraes cujo deposito havia sido por elle conservado.

CAPITULO V.

Josué.

OS JUDEUS ATÉ A DIVISÃO DOS REINOS.

Josué continuou a obra de Moysés: sob sua direcção os Judeus tomam Jericho, subjêitam trinta e dous principes de Canaan, e estabelecem-se na terra da promissão. Todo o territorio é dividido por entre as doze tribus formadas dos descendentes dos filhos de Jacob; A tribu de Levi, porém, a que pertencera Moyses, en-

carregado do culto, não teve quinhão na partilha das terras.

Em compensação, a descendência de José dividiu-se em duas tribus, a de Ephraim e a de Manassés.

São pois as doze tribus—Judá, Ruben, Simeão, Dan, Nephtali, Gad, Azer, Issachar, Zabulon, Benjamim, mais Ephraim e Manassés, mais a tribu sacerdotal de Levi.

As guerras que, desde a sahida do Egypto, sempre mantiveram para a conquista da terra que deviam occupar, e para conservação da conquista, deram occasião ao apparecimento de chefes militares da mais subida importância e virtude.

Foram os mais notáveis, Gedeão, que venceu os Madianitas; Jephté que venceu os Ammonitas; Sansão, vencedor dos Philisteus, homem dotado de uma força prodigiosa, e de uma fraqueza de coração que o entregou á perfidia de Dalila; emfim o summo-sacerdote Samuel que repellio os Philisteus, fundou escolas; mas na sua velhice associou-se aos seus dous filhos, e estes deslisando-se do proceder paterno, deixaram-se corromper pela avariza, e levaram o povo a desejar substituir o poder estavel dos reis ao governo sacerdotal.

Depois de resistir a essa vontade, e de admoestar o povo acerca dos abusos do poder real, de que ia elle ter tão terrivel experiencia, Samuel cede, escolhe e sagra, Saul da tribu de Benjamim, e o apresenta ao povo (1079).

Saul reinou 20 annos; ganhou victorias contra os Moabitás e os Edomitas (Philisteus) exterminou as Amalecitas. Incorrendo, porém, por desobdiencia no desagrado de Deus, foi punido com terrivel enfermidade, e com a exclusão de sua dynastia.

David, filho de Isai, da tribu de Judá, pastor em Bethleem (Belem), é secretamente escolhido para succeder-lhe. Harpista insigne, consegue com o seu instrumento alliviar os violentos accessos da enfermidade de

Saul, e assim alcança suas boas graças; guerreiro affeito, pelo seu heroismo, e especialmente pela sua victoria sobre o gigante Goliath, obtem o favor do povo.

Incorrendo no ciúme do rei, que lhe arma ciladas, foge para não ser compellido á revolta: logo, começando de novo a guerra com os Philisteus, Saul e trez dos seus filhos perecem. David é reconhecido como rei pela tribu de Judá; as outras conservaram-se fieis a Isboseth, filho de Saul; porém, ao cabo de sete annos de guerra civil, Isboseth morre assassinado, e David é por todos acceito (1059).

No reinado de David o poder dos Judeus extendeu-se consideravelmente. Até então esse Estado não tinha capital nem templo. Se a gloria de levantar o templo não coube a David, coube-lhe a de vencer os Jebuseos, e de arrancar-lhes Jerusalem.

Conquistou mais uma parte da Syria, a Idumea, extendeu os seus dominios até Thapsaco, no Euphrates, e até o golpho Arabico.

No interior organisou o poder e a administração, criou um exercito permanente de 300,000 soldados, abriu relações commerciaes com Hyran, rei do Tyro.

Essa felicidade é perturbada pela revolta de seu filho Absalão, e pelos castigos de alguns crimes que commettera, como fossem o rapto de Bethzabé, e o homicidio traiçoeiro de Urias, marido desta. Os psalmos da penitencia de David são ainda hoje admirados entre as melhores das suas composições poeticas, consagradas aos louvores do Altissimo.

Seu filho Salomão lhe succede (1019); reina quarenta annos: é famoso pelo juizo com que entre os dons cuja escolha Deus lhe permittiu, preferiu a *sabedoria*. Varios livros de moral e de poesia, entre elles os Proverbios e o Cantico dos Canticos, (hymno prophetico do casamento de Jesus Christo com a sua Igreja) podem ser admirados.

Nesse reinado, a grandeza dos Judeus chegou ao seu auge; seu commercio ia a Elath, a Aziongaber e a Ophir. A's riquezas que dahi lhe provinham, as suas relações com os Tyrios deveu Solomão os meios de' construir o magestoso Templo, digno de Jehovah. Extendeu os seus dominios pela Syria, em cujos desertos fundou diversas cidades, entre as quaes Tadmor ou Palmyra, que mui posteriormente adquirio proporções maravilhosas e grande celebridade.

O luxo porém e a ostentação o perderam : os povos esmagados reagiram. Muitas das conquistas se sublevam e resistem ; Jeroboão, da tribu de Ephraim, procura insurgir-se. No meio desses embaraços Salomão deixa o throno a seu filho Roboão.

Os Judeus representam ao novo rei contra o peso de impostos que os esmaga, este, porém, responde-lhes :—Se meu pai vos açoitou com um flagello de cordas, eu vos açoitarei com um de escorpiões.

Os Judeus assim ameaçados, insurgem-se (979) : dez tribus tomam para rei Jeroboão, e constituem o reino de Israel, cuja capital foi Samaria. Duas porém ficaram fieis ao sangue de David, e constituíram o reino de Judá, cuja capital ficou sendo Jerusalem.

CAPITULO VI.

Reinos de Israel e de Judá.

RUINA DOS JUDEUS.

Foi essa divisão causa de misérias e de ruína tão rapida quão lamentavel. O reino de Israel apenas subsiste cerca de duzentos e sessenta annos, succedendo-se no throno dezenove reis. O de Judá dura mais tempo, cerca de trezentos e noventa annos, e obedece a vinte reis.

O enfraquecimento do principio religioso, quando ambos os reinos só deviam ter um unico Templo, um culto commum, fez por diversas vezes esquecer Jehovah, substituir-lhe Baal e Molock, que eram adorados nos Altos Lugares, e a quem até sacrificavam victimas humanas. A devassidão de costumes poz no thalamo desses reis mulheres estrangeiras; a perseguição dos povos, o homicidio e violencia, a guerra civil multiplicaram os seus flagellos; os nomes de uma Jesabel, de uma Athalia ficaram eternamente condemnados á execração.

Deus que não poupa avisor e prophetas a esses príncipes e povos ingratos, condemna-os emfim. Oseas, rei de Israel, é atacado por Salmanassar, que, depois de um cerco de trez annos, se apodera de Samaria (739) e transporta para a Mesopotania, para a Assyria meridional e a Media. com o rei, a parte principal da população, os guerreiros, os ricos, os fabricantes de armas, os pedreiros. Em lugar delles, vêm estabelecer-se no paiz colonias de diversas regiões visinhas. Essas colonias, recebendo dos Levitas a instrucção necessaria, tornam-se os ascendentes dos Samaritanos.

Se dura mais tempo, não é mais feliz o reino de Judá.

No reinado de Achaz, Teglath-Phalazar, rei da Assyria, que o vem proteger nas suas guerras intestinas, impõe-lhe tributo; no reinado de Ezechias, Jerusalem é atacada por Sennacherib, e o tributo é tornado mais violento no reinado de Josias e de seu filho Joachas; os Egypcios atacam o paiz, Nechos leva o principe prisioneiro, subjeita o povo a contribuições; mas no reinado de Eleackim ou Joaquim Nabuchodonosor, rei da Babilonia, que vencêra a Nechos, substitue-se a esse principe, e avassalla os Judeus; Joaquim quer sublevar-se, Nabuchodonosor invade o paiz, e o castiga severamente.

Emfim no reinado de Sedecias ha uma nova invasão de Babylonios (606). Os Egypcios que o vêm proteger são derrotados, Jerusalem é tomada de assalto, Sedecias, a

quem arrancam os olhos, é levado em captiveiro com a melhor parte do seu povo. Ficam porém na Judéa os menos importantes, e entre estes o propheta Jeremias, cujas elegias ainda admiramos.

Começa então esse captiveiro de setenta annos, tão annuciado, e tão inutilmente, á cegueira e aos crimes do povo hebraico e de seus reis...

Por fim, acabado o tempo da expiação, Cyro, rei da Persia, que havia conquistado Babilonia, publicou um decreto permittindo aos Judeus voltar a sua patria, e exercer livremente seu culto (538).

Os Judeus nunca mais se reerguem. Idumeos, Syrios, Gregos, Romanos successivamente dominam, opprimem, impoem contribuições a esse povo malfadado, que todavia conserva a tradição de um glorioso passado, é depositario dos livros sanctos, e nunca de todo desaprende as verdades reveladas.

CAPITULO VII.

Assyria.

A Asia vê formarem-se os primeiros reinos de que faz menção a historia ; por elles começaremos.

Na vasta região que tem por limites a leste o Indo, ao sul o mar das Indias e o golpho Persico, a oeste o Mediterraneo, e ao norte o Tauro, o mar Caspio e o Oxo, diversos Estados se formam, se avassallam, se anniquilam, até enfim absorver-se na vasta monarchia de Cyro.

Entre os povos dessas regiões um é mencionado como mui bellicoso ; sua capital, Bactras, situada nos valles em que nascem os principaes affluentes do Indo, passava, nos tempos antigos, por uma das cidades mais florescentes e consideraveis ; não ha porém monumentos que attestem a sua grandeza ; outro tanto não acontece a Babilonia.

Nemrod, filho de Chus, apresentado pela escriptura como — *grande caçador diante de Deus* —, sujeitou as tribus que viviam nas visinhanças do Euphrates, e formou dellas um reino; para sua capital fundou Babylonia. Querem outros que, não Nemrod, porém Belo, um dos successores, fosse o fundador dessa cidade; outros porém confundem Belo com Assur, e dão-se por fundador de Ninive, cidade de importancia e grandeza quasi igual a Babylonia, porém de muito menor duração.

Na incerteza desses tempos até o nome e a existencia dessas primeiras personagens é incerta; repare-se, por exemplo, na semelhança do nome Belo com o de Baal, idolo tão adorado dos Judeus; repare-se que *El*, na lingua dessas regiões, valia tanto como Deus ou espirito celeste (Eloim, Eloa dos Judeus) e que essa denominação, de onde os Grégos tiraram o seu *helios*, designava o sol; attenda-se a que o homem, desde que arredou-se da revelação, devia ser necessariamente levado ao culto da luz, do sol pelos instinctos de religiosa gratidão, e ver-se-á que não é desacertado pensar que Nemrod, Belo, Assur não são senão mythos que nos apresentam como um só homem toda a serie de chefes que foram pouco a pouco reunindo, avassallando as tribus, obrigando-as a deixarem a vida nomada, e a tornarem-se agricolas e sedentarias.

Depois destes, apresenta-se Nino: conquistador, caminha elle para o oriente, subjuga a Armenia, a Media; e pára diante de Bactras. O conselho de Semiramis (*) mu-

(*) O nascimento e a creação de Semiramis é toda maravilhosa. Abandonada por seus paes, a menina foi alimentada por pombas que iam buscar leite e queijo nas moradas dos pastores vizinhos, e vinham aleitar a engeitadinha. Os pastores descobriram a traça das pombas, acharam a menina, condoeram-se della, criaram-a: sua belleza e seu valor fizeram o resto. Dahi tiram-se fundamentos para negar a existencia de Semiramis, e asseverar que nesse nome vai comprehendida uma serie de chefes e de princezas. E' isso tanto mais provavel quanto Semiramis é filha de Decreto (nome que tem nessas regiões Venus, deusa da formosura), e as pombas,

lher de um dos seus officiaes, lhe mostra os meios de conquistar essa poderosa cidade: Nino agradecido toma-a por esposa.

Semiramis, para reinar só, mata-o, salvando o filho que delle tinha, e que foi depois Ninyas, e o fez educar longe da côrte.

Semiramis reina com gloria, augmenta com rapidas conquistas os seus Estados, funda cidades, faz de Babylonia uma maravilha.

Morre por fim tragicamente, assassinada por Ninyas seu filho, a quem não conhece, e de quem se apaixona.

Para recommendar o nome de Semiramis basta o que se diz da grandeza da Babylonia. Situada em uma vasta planicie, tornava esta cidade um quadrado perfeito de que cada lado tinha 420 stadios, cerca de 33 mil braças (**). Estava cercada, primeiro, por um fosso profundissimo e mui largo, cheio de agua; depois por uma muralha cuja largura era de cincoenta covados, e a altura de duzentos. Com a terra que sahia da escavação do fosso faziam-se tijolos que se empregavam na construcção da muralha, cobrindo-os e argamassando-os com asphalto quente.

Na extremidade da muralha erguiam-se duas ordens de torreões, deixando entre si espaço sufficiente para passar um carro de guerra puxado a quatro cavallo.

Além dessa muralha outra havia interior, menos larga, mas de quasi igual solidez.

A cidade era dividida em duas partes pelo rio Euphra-

consagradas a essa deusa, são as creadoras da menina. Seja porém como fôr, as obras prodigiosas e de antiquissima data attribuidas a Semiramis, para engrandecimento e fortificação de Babylonia, ainda quando por diversos principes tivessem sido feitas, merecem a admiração do historiador.

(**) Não nos espante esse monstruoso recinto de uma cidade. Preparada para resistir aos mais diuturnos assedios, Babylonia tinha contiguos a si, vastos campos consagrados á lavoura, cuja producção bastasse para alimentar a guarnição da cidade.

tes; a muralha passava pois em dous logares por cima do rio.

Esse era o lado fraco da praça; procurou-se pois a principio desviar as aguas do rio; mas recuando da empreza, contentaram-se com regularisar a direcção das aguas, para o que se fizeram trabalhos gigantescos que se podem ver expostos por Herodoto, o primeiro historiador conhecido.

Além das muralhas, da riqueza dos seus templos, da belleza de seus edificios, Babylonia se recommendava pelos seus jardins suspensos. Para conservar uma lembrança das montanhas em que nascera, Semiramis mandou construir enormes arcarias, por cima das quaes levantou grandes aterros, e nelles fez plantar arvores já crescidas, que lhe improvisaram uma floresta.

Semelhantes obras denunciavam a riqueza, já então accumulada pelo commercio nessas regiões afortunadas.

Ninyas, successor de Semiramis, desmentindo as virtudes de seus paes, foi principe tão effeminado, que seus Estados entraram logo em decadencia; a divisão se introduziu entre os povos reunidos pela conquista.

Os successores de Ninyas continuaram os seus exemplos, até que o ultimo delles, Sardanapalo, mais mulher do que as proprias mulheres, no meio das quaes vivia, só achou energia para não sabendo ou não podendo resistir á rebellião dos governadores das provincias, mandar levantar no seu palacio uma vasta fogueira na qual se precipitou a si e aos seus thesouros.

Dos destroços desse imperio que subsistira 1500 annos, formaram-se trez reinos: Media, Ninive e Babylonia.

Emquanto o reino de Media procurava estender-se para o oriente e para o norte, sujeitando á vassallagem os povos guerreiros dessas regiões, o reino de Ninive extendia-se para o occidente, entrava na Syria, e vinha encontrar na margem do Mediterraneo a Phenicia, cujas cidades sujeitava a tributo.

A posição geographica da Phenicia tinha-lhe em cedo

feito conhecer as vantagens do commercio marítimo : as suas cidades, a principio governadas como reinos, e depois constituidas em republicas, haviam mandado diversas colonias para o occidente, especialmente para o norte da Africa, onde Carthago attestará a sua grandeza, e para Grecia, onde Thebas conservará lembrança da princeza Europa, do seu irmão Cadmo, e do rei phenicio Antenor. As necessidades do commercio, ao passo que lhes faziam aperfeiçoar a navegação, lhes fizeram descobrir e divulgar o uso das letras alphabeticas. Tyro, orgulhosa de sua opulencia, era a principal cidade da Phenicia. Ninive estendeu sobre ella o seu poder. Senhores então do occidente, os Ninivitas atacaram Babylonia : e em 680 Assar-Haddon reuniu a Ninive essa parte da antiga monarchia assyria.

Restava a Media. Já se achando bastante forte para ataca-la, Saesduchem ou Nabucodoposor I, filho e successor de Assar-Haddon, a acomette, vence e mata Phraortes, rei della, e toma Ecbatana, sua capital.

Mas um dos seus exércitos, ao mando de Holophernes, encarregado de recuperar as provincias meridionaes, vai cercar Bethulia ; a dedicação de Judith salva a cidade ; morto Holophernes, o exercito se dissipa, e volta fugitivo para além do Euphrates.

Entretanto Cyaxares, novo rei dos Medas, vem sitiár Nabuchodonosor na sua capital ; liga-se com Nabopolassar, governador de Babylonia, que se insurge ; e Ninive cahe no poder dos alliados.

Nabopolassar fica possuidor de Ninive e de Babylonia.

Entre seus successores o mais notavel é Nabuchodonosor II.

Quando os Medas sitiavam Ninive, viu a Asia a primeira dessas erupções de barbaros que tantas vezes se têm de reproduzir na historia. Sahindo do Palus Meotides, os Scythas (ou Tartaros) inundam a Asia menor, ala-

gam a Assyria, chegam até as fronteiras do Egypto. Por fim são repellidos e destroçados, ao cabo de vinte oito annos de devastações, por Cyaxares rei dos Medas, e estes e os Ninivitas continuam as suas contestações.

Nabuchodonosor II vence e devasta o Egypto, firma-se no dominio da Syria e da Phenicia, conquista a Judéa, e reduz a captivo os seus habitantes. O orgulho porém o corrompeu : um sonho terrivel lhe annuncia a sua degradação, e o colosso do pés de barro ficou em licção eterna na historia das vaidades humanas.

Entretanto o imperio da Assyria mantem-se até cahir nas mãos de Balthazar. Esse rei, cheio de vicios, teve o arrojo de profanar nas suas orgias os vasos sagrados que Nabuchodonosor tinha trazido, despojos de Jerusalem. Em um de seus infames banquetes trez palavras em caracteres de fogo appareceram na parede do palacio — *Mané, Tekel, Pharés*. — O rei espavorido consulta os interpretes ; ninguem lh'as explica ; um moço judeu, Daniel, se lhe apresenta, as palavras mysteriosas são explicadas : — *Mané, conta* : — Deus contou os dias do teu reinado, e marcou-lhes o fim ;

Tekel, peso : — pesou-te Elle na sua balança e achou-te leve de mais ;

Pharés, divisão : — as provincias do teu reino serão divididas entre os Medas e os Persas ;

Disse Daniel ao rei espavorido.

E Balthazar foi morto : — Cyro, rei da Media e da Persia, havia entrado em Babylonia.

CAPITULO VIII.

Media e Persia. Cyro.

Desmembrada do primeiro imperio assyrio, a Media ficou entregue á anarchia, até que Dejocés, conhecido pelo seu amor á justiça foi acclamado rei (734).

Nimiamente severo e inexoravel, encerrou-se em seu palacio, cercou-se de guardas, e morreu abominado de seus subditos. Havia elle fundado Ecbatana para sua capital.

No reinado dos seus successores, a Media extendendo o seu poder, avassallou a bellicosa Persia : dahi devia-lhe vir a ruina.

Astyages, filho de Cyaxares deu em casamento sua filha Mandana a Cambyses, chefe dos Persas ; de Cambyses e Mandana nasceu Cyro (*) que, victima dos odios e temores supersticiosos de seu avô, foi criado entre os camponezes, na dura e fortificadora educação dos guerreiros persas, aprendendo todas as virtudes e praticas que robustecem o corpo e o espirito.

Revelando-se a sua origem pelo seu denodo, e seu tom de commando, ainda na infancia, ganha elle bastante influencia sobre os Persas, para arrasta-los á revolta, de accordo com Harpago, que aguardára abafado no coração implacavel resentimento contra Astyages, e só procurava

(*) Outra personagem mysteriosa : Cyro é a expressão que vale tanto como *Senhor*. O nascimento e infancia desse principe são involtos em circumstancias supersticiosas que repugnam a historia. Assustado por um sonho, Astyages mandou por Harpago matar o filho de Mandana, que um sonho lhe annunciára ter de ser dominador da Asia : Harpago teve pena do menino, e em vez de mata-lo, contentou-se com engeita-lo. Uma cadella o veio aleitar, até que os camponezes o descobrissem, e delle compadecidos o criassem. Dizem outros que Harpago déra elle proprio o menino aos camponezes, e que a mulher de um delle, cujo nome Spaea significa cadella, fôra quem o alimentára. Dizem que, quando Astyages descobriu essa *perfidia* de Harpago, castigou-o infameamente, mandando vir um filhinho deste, matando-o, fazendo-o guisar, e obrigando o miseravel pae a comer esse monstruoso alimento.

Ao demais, a historia de Cyro está involta em uma infinidade de fabulas, Xenophonte, que a escreveu na sua famosa *Cyropedia*, quiz antes compor uma novella que dêsse lições aos corruptos do seu tempo, do que conservar-se fiel á verdade. O estylo do mais graeioso dos discipulos de Socrates tudo cobriu, e tudo fez aacceptar como classico.

ocasião de vingança. Cyro faz acreditar que está por seu avô nomeado governador da Persia, convoca pois com esse titulo todos os guerreiros, e vendo-os junctos, lhes pergunta se elles, fortes e valentes, preferem a humilhação de pagar tributos aos effeminados Medas, á conquista de sua liberdade? Applaudido por todos, acha-se á frente de numeroso exercito. Astyages confia as forças que contra elle manda ao proprio Harpago : é dizer que os Medas, atraçoados foram completamente desbaratados. O proprio Astyages cahe no poder do inimigo. Cyro é rei de Media e da Persia.

CAPITULO IX.

Conquistas de Cyro. Lydia.

Guerreiro, rei da Media e da Persia, tendo debaixo de seu mando um exercito aguerrido, e que ainda o luxo não havia desmoralisado, Cyro não podia deixar de pretender restauração do antigo imperio da Assyria.

Trata, pois de conquistar Babylonia sua capital ; consegue-o sem embargo de suas fortificações, desviando as aguas do Euphrates, e introduzindo-se na cidade pelo alveo do rio posto a secco.

Um conquistador não pára, senão quando a derrota o esmaga ; rei de toda a Assyria com os accrescimos successivos que havia ella ganho, Cyro via ao norte a Asia menor, e nella o reino de Lydia, e as florescentes colonias gregas do littoral do Mediterraneo. Emquanto cercava Babylonia, não querendo perder tempo, para ahi dirigiu suas armas.

A historia do reino da Lydia é muito obscura ; apenas acha-se menção do seu fundador Gigés, tão famoso pelo annel talismanico que tornava invisivel quem o tinha : do 231

sempre lembrado Midas (*) que quiz dever á benevolencia de Baccho a faculdade de mudar em ouro tudo aquillo em que tocasse, e de Creso enfim cujo nome ficou proverbial para designar a riqueza.

Midas e seu ouro, Creso e sua opulencia nos dizem o que o commercio havia feito desse reino, que ja tinha conseguido pôr debaixo de sua vassallagem, alliança ou protecção as colonias gregas.

Reinava Creso na Lydia, e sua capital Sardes merecia ser frequentada pelos sabios Gregos : Cyro o accommette, na batalha de Thymbréa o vence (547). A Lydia é provincia do imperio Medo-Persa (**).

As colonias gregas são igualmente trazidas á subjeição e vassallagem.

Então dirige o rei as suas armas contra as Massagetas, povos scylas, alcança uma victoria em que morre o filho de Tomyris, rainha dessa região. Esta porém vingase com uma victoria em que Cyro é morto. Dizem que To-

(*) Na historia de Midas não podemos deixar de ver um mytho. Com effeito, dizem que esse rei, enganando-se na apreciação da verdadeira riqueza, obrigou o seu povo ao trabalho das minas, fazendo-o abandonar o dos campos: a rainha, para lhe fazer conhecer o seu erro, mandou fazer de ouro a imitação de algumas iguarias e fructas, e serviu-lh'as para jantar, o rei não podendo faltar a fome, comprehendeu a allegoria. Quanto á fabula de Midas e de Baceho, ao rio Pactolo, em cujas arêas o rei depositou o fatal presente que o Deus lhe outorgára, leiam-se, não aridos artigos de dictionarios mythologicos, mas os bellos versos de Ovidio.

(**) Dizem que, condemnado a morrer queimado, Creso exclamára —ah ! Solon ! Solon ! —Cyro ouvindo-o, quiz saber o sentido dessa exclamação. Então Creso lhe expuzera que, sendo visitado em sua côrte por Solon, philosopho grego, legislador de Athenas, e tendo-lhe ostentado as suas riquezas, lhe perguntára se não o reputára feliz ; Solon porém lhe respondera que ninguem podia ser julgado feliz antes de morto. Agora reconhecia a verdade das palavras do philosopho. Cyro commovido lhe havia deixado a vida.

myris mandara-lhe cortar a cabeça; e mergulhando em um odre cheio de sangue, dicéra: — Farta-te de sangue depois de morto, tu que em vida nunca te fartaste.

A Cyro succedeu seu filho Cambyses. Herdeiro dos projectos de engrandecimento de seu pae, não se atrevendo porém a continuar a luta com os Scythas, Cambyses voltou a sua actividade e as forças de seu imperio para o Egypto, então um dos reinos mais consideraveis do mundo.

CAPITULO X.

Egypto até a conquista de Cambyses.

O Egypto é dos Estados primitivos o que mais attenção merece; dahi partiram os civilisadores da Grecia (*);ahi foi Herodoto beber os conhecimentos com que compoz a sua historia: lá achámos a mór parte das fabulas que a poesia dos Gregos enfeitou, e de que compoz a sua mythologia; no Egypto enfim ainda hoje se vêem monumentos cuja audacia espanta a imaginação, e que tornam credível quanto dizem os historiadores do seu desenvolvimento.

Entretanto basta reflectir sobre a natureza do chão do Egypto, para reconhecer que não é possível attribuir-lhe a antiguidade que elle pretendia, e para ver que a civilização não foi nelle originaria, mas necessariamente importada. O chão do Egypto é uma dádiva do Nilo; formou-se necessariamente dos depositos de limos e de alluviões que o rio foi successivamente, e durante seculos, amontoando. Quer viessem da Ethiopia, quer de mais longe, da propria India, os primeiros habitantes dessa

(*) Cumpre não desattender á fabula que nos apresenta os quarenta filhos de Egyptus casando com as quarenta filhas de Danaus, suas parentas.

região não podiam lá estabelecer-se, antes que a terra nascesse das aguas.

Seja como fôr, o Egypto se nos apresenta geographica e politicamente dividido em trez regiões, o alto Egypto ou Thebaida, contiguo á Ethiopia, o Egypto medio ou Heptonomide, e o Delta, á foz do Nilo. Só admittindo que em algum tempo cada uma dessas partes constituísse um reino, de modo a haver diversas dynastias, reinando simultaneamente, póde-se acreditar que não é de todo fabuloso o numero de dynastias egypcias de que fallam os historiadores.

Entretanto já na mais remota antiguidade o Egypto nos apresenta cidades como Thebas, tão consideravel e populosa, que nas suas muralhas abria cem portas, guardadas por corpos numerosissimos de cavallaria, Memphis, Sais, Heliopolis e outras, recommendaveis todas pelos seus monumentos.

A população do Egypto era dividida em castas, a cuja frente se achavam a sacerdotal e a guerreira : o respeito á linha divisoria das castas era tal, que a ninguem era dado deixar o officio ou occupação paterna.

A classe dos guerreiros dava os reis, ostensivamente absolutos, mas de feito subordinados aos sacerdotes, cuja influencia, mantida pelas instituições, até depois de mortos os prendia. E a classe sacerdotal do Egypto não era indigna do immenso poder que exercia, pelos beneficios com que o mantinha. De feito, conservando em si o thesouro dos conhecimentos humanos, em que ninguem era iniciado, senão depois de severas provas e experiencias, augmentando-o de continuo pelo estudo, os sacerdote eram prudentes conselheiros ; medicos resguardavam a saude ; astrônomos e geometras, mantinham a propriedade e o patrimônio das familias. Quando as inundações regulares do Nilo obrigavam a população do campo a refugiar-se nas cidades, construidas sobre eminencias a que não chegavam as aguas, os limites e marcos divisorios

das propriedades ruraes desapareciam ; na retirada das aguas ninguem já distinguia o seu e o alheio : os sacerdotes com auxilio da geometria e da astronomia, achavam para cada um a sua propriedade, e salvavam a civilisação que nella se basêa.

Do estado de adiantamento da astronomia entre elles temos vestigios notaveis, como o zodiaco de Denderah ou de Tytira. Não menos se póde allegar a posição regular das pyramides, e um poço em cujo centro, ao meio-dia, o sol dava tão em cheio, que não deixava sombra, phenomeno devido á sua posição exacta em relação ao meridiano.

A influencia sacerdotal era especialmente mantida pela religião e pelas ceremonias funebres. No Egypto havia duas religiões, uma para os sacerdotes, que parece ter-se erguido até á altura do conhecimento de um só Deus, e das suas perfeições ; pois em um dos seus templos lê-se a inscripção : — Eu sou quem sou, quem fui, quem ha de ser ; ainda nenhum mortal levantou o véu que me encobre — outra a do povo, mescla absurda das mais profanas e superstições, que arrancaram a Bossuet as seguintes palavras — no Egypto tudo era Deus menos Deus.

Mas os sacerdotes guardavam no mais profundo segredo as verdades theologicas que sabiam ; o segredo e o mysterio eram-lhes a mais severa e constante admoestação.

Para recommendal-o, Sphynxes mysteriosas, estatuas de Harpocrates com o dedo indicador encostado aos labios estavam dispostas nas avenidas dos templos. Tinham duas especies de escripta : a hieratica, composta de hieroglyphos que só os sacerdotes comprehendiam, e a popular. Já se vê que nesta pouco se havia de escrever, e com effeito os monumentos egypcios só nos apparecem cobertos de hieroglyphos, em cuja interpretação se tem exercido a perspicaz paciencia dos sabios modernos.

A religião popular partia da adoração das forças productoras da natureza, emblemisadas no deus Osiris e na deusa Isis.—Logo se lhes accrescentou Hermes, ou Mer-

curio Trimegisto, deus da sciencia, cujos segredos, escriptos nos obeliscos, só entendidos pelos sacerdotes, infundiam o maior acatamento. A par destes, o temor e a gratidão, vieram deificar todos os entes, maleficos e beneficos, uns pelo mal, outros pelo bem que podiam fazer. O boi Apis, emblema da lavoura, foi o mais adorado desses deuses.

Crentes na immortalidade da alma, os Egypcios acreditavam igualmente na resurreição dos corpos e na metempsychose: depois da morte, revolidos alguns seculos, a alma voltaria a habitar o corpo que houvera deixado. Dahi para o Egypto o respeito ao corpo dos finados, o embalsamamento deste, a sua guarda cuidadosa. São esses corpos as mumias que ainda hoje se vêem nos nossos museus. Dahi a cerimonia admiravel do julgamento dos mortos, que os gregos poetisaram no seu Tartaro, e nos seus Campos Elyseos.

Morto um Egypcio, era levado em uma barca, cujo araes tomava o nome de Charonte, a uma ilha do Nilo; lá perante tres sacerdotes, todos podiam levantar contra o finado as accusações que entendessem; um defensor lhes respondia, e por fim os juizes sentenciavam condemnando a memoria, e com ella o corpo do finado, ou mandando tributar-lhe as honras merecidas. Comprehende-se o alcance moral dessa instituição com as crenças da metempsychose, comprehende-se a influencia que devia dar semelhante julgamento á classe sacerdotal.

O Egypto é de admiravel fertilidade, subjeita todavia, a alternativas de maxima penuria. Assim deve ser, quando tudo nelle depende dos beneficios do Nilo. Esse rio em periodos regulares avoluma suas aguas, cobre e alaga os campos: deve sobre elles ficar um numero regular de dias, e então retirar-se deixando-os fertilisados pelo limo que acarreta. Se a cheia é insufficiente, ou se é excessiva, a penuria vem flagellar o povo.

E' pois visto que a sabedoria sacerdotal deveria occu-

par-se em evitar esse flagello ; trabalhos importantíssimos foram pois concebidos para receber a demasia das aguas do Nilo, e fazel-as convenientemente escoarem-se, e para supprir, com as que tivessem sido conservadas em depósitos, a insufficiencia que ás vezes apresentavam. Dessas obras a principal é o lago Mæris, e ainda restam vestígios do *Canal de José*.

Sendo tão importante a cheia do Nilo, comprehende-se que consideração, que respeito devia rodeiar o deus Serapis, que aliás não era senão uma medida pelos sacerdotes inventada para calcular e annunciar as cheias.

Nos campos egypcios raramente chove, não ha plantações que não sejam annuaes ; os ventos do deserto pois, aquecidos por essas vastas mortalhas de areia, carregados de particulas della, têm franco espaço para suas devastações. Quer fosse, como alguns pensam, para quebrar-lhes a impetuosidade, offerecendo-lhes como montanhas artificiaes, quer, como outros dizem, a ideia religiosa houvesse dictado ao orgulho dos reis esses vastos sepulchros para guarda de suas mumias, o certo é que os Egypcios deixaram á admiração da posteridade as pyramides, o monumento mais prodigioso, e que com a sua inutilidade melhor diz quaes os recursos, qual a oppressão desses povos antigos. A par das pyramides, os obeliscos, livros de pedra inteiriça, o labyrintho, e outras obras podem testemunhar da grandeza desse povo.

O primeiro dos reis do Egypto de que faz menção a historia foi Menés, o mais glorioso foi Sesostris, os que mais opprimiram os povos foram Cheops e seu irmão Chephareem ; o ultimo foi Psammenith.

No reinado de Sesostris, o Egypto foi pela primeira vez conquistador. Esse rei percorreu vencedor todas as terras em que depois se estendeu o poder de Cyro, entrou até na Scythia, e voltou para o Egypto tendo subjeitado a tributo muitos povos ; foram porém ephemeratas as suas conquistas, embora elle as commemorasse levantando colum-

nas e padrões nas terras conquistadas, e a sua memoria melhor se recommenda pelas suas virtudes de homem e de rei, e pelas obras de utilidade publica.

Cheops e Chephrem exerceram tão cruel tyrannia, que os odios por elles provocados não os deixaram descansar nas pyramides que haviam erguido.

Nos ultimos annos uma invasão de Ethiopes vencedora muda as condições de existencia da monarchia egypcia, suplanta o poder da classe guerreira, entrega o throno á classe sacerdotal. Sethos, sacerdote de Vulcano, recebe o poder, mas o poder enfraquecido por dissensões intestinas, que o deixam desarmado em frente do inimigo.

Logo, nas discordias civis intervieram mercenarios que Psammitico mandára contractar na Caria e na Jonia. Os costumes, a organização interior do paiz, tudo foi abalado, de modo que, quando Cambyzes em 526 entrou na terra de Sesostris, Psammenith, que nella reinava, não achou meios de resistir-lhe.

Os Egipcios, além das guerras gloriosas com os Scythas, e das multiplicadas invasões dos Ethiopes, tiveram diversas guerras com os Judeus e os Assyrios; o seu territorio foi invadido e occupado pelos Hycsos, povos pastores, vindos da Asia, que por muito tempo se estabeleceram no Delta.

Entre os antigos era o Egypto considerado como uma parte da Asia e não da Africa (a esta davam o nome de Libya, conservando o de Africa para a região carthagineza). A proximidade e a importancia desse Estado chamou as armas do successor de Cyro, herdeiro dos seus planos de engrandecimento.

Facil lhe foi a conquista; entrando pelo Delta, um estratagema (*) entregou-lhe o exercito egypcio. Conquis-

(*) Dizem que, pondo na frente do seu exercito um bando de galos, animal adorado pelos Egipcios, Cambyzes os obrigou a não se defenderem, para não maltratar os gatos. Já Sethos, o sacerdote-rei de que acima se fallou, abandonado pelos guerreiros,

tador louco, Cambyzes insultou a religião dos conquistados, mandando até matar o boi Apis. Tão enfraquecidos estavam porém os Egypcios que não se sublevaram, e o castigo de Cambyzes foi deixado a outros.

Com effeito quiz esse principe conquistar o Oasis de Ammon, atravessando os arenosos desertos do occidente do Egypto : as areias movediças, depois de immenso soffrimento e prejuizos, o fizeram retroceder com seu exercito em completa debandada. Quiz conquistar a Ethiopia ; mas os povos guerreiros dessa região, depois de lhe haverem dado prova de sua força, deixaram-o a braços com as difficuldades da marcha pelos seus abrazados desertos. Novo desastre para Cambyzes.

De volta ao Egypto, recebe noticia de uma revolução em Babylonia. Irritado, quer marchar contra ella ; ao montar porém a cavallo, tão precipitadamente se houve que fere-se na propria espada, e morre (522).

CAPITULO XI.

Smerdis. — Os magos. — Costumes da Chaldéa.

Emquanto Cambyzes e os principaes dos Persas estão occupados com essas longinquas expedições, em Babylonia havia uma revolução. Aproveitando-se da parecença de um dos seus com Smerdis, filho de Cyro, que Cambyzes tinha perseguido e mandado matar, em odio ao seu valor e á consideração geral que tinha conseguido captar, os magos fizeram uma revolta, derám o throno a esse que apresentaram como do sangue do grande conquistador, purificado e engrandecido pelas perseguições de seu irmão: o

ros na invasão dos Assyrios de Sennacherib, fôra auxiliado por uma alluvião de ratos, que em uma noite roeram todas as cordas dos arcos do exercito inimigo, e assim o deixaram desarmado. Fabulas que, por mais ridiculas que sejam, nunca hão de preservar a credulidade humana da fraqueza e da superstição.

falso Smerdis foi successor de Cambyzes. Phedina porém, filha de um dos Persas mais importantes e mulher do novo rei, descobriu a substituição : sete príncipes persas armam-se, castigam o usurpador e seus cúmplices. Um desses chefes, Dario, filho de Hystaspes, é escolhido para occupar o throno, e continuar a obra de Cyro.

A lembrança do castigo de Smerdis é perpetuada por uma cerimonia annua chamada *Magophonia* (*matança dos magos*).

Esses acontecimentos parecem-nos dizer o seguinte:— Entre os Babylonios, tendo á sua frente os magos, e os Persas, seus conquistadores, não podia haver liga nem affeição, tanto mais quanto os costumes, ainda pouco civilisados dos Persas, contrastavam com os dos Babylonios ; especialmente os magos, illustrados pela sciencia e pelas artes, deviam desprezar esses homens, que só primavam pelas qualidades physicas do soldado. O vencido aproveitou pois o ensejo da ausencia do exercito persa, occupado em conquistar o Egypto, para reassumir a liberdade ; os vencedores, desfalcados da sua melhor força, cederam emquanto não puderam reagir ; reagiram porém com todo o odio da vingança.

De feito havia de custar aos sacerdotes da Chaldéa, cujo titulo de magos tem sido conservado pela posteridade, e applicado aos que se dão ás sciencias occultas (*magicas*), subjeitarem-se ao duro captiveiro de um povo barbaro ; é necessario que este pelo contacto se civilise, que um povo seja absorvido no outro, para que a homogeneidade nacional extinga as distincções e rivalidades da raça.

Os magos da Chaldéa tinham sido, senão os descobridores, pelo menos os primeiros aperfeiçoadores da sciencia astronomica ; já nella tão adiantados estavam que haviam reconhecido a duração exacta do anno, ou do periodo da terra em redor do sol, sem omitirem as 5 horas e os 48 minutos que accrescem aos 365 dias desse periodo.

Em medicina iguaes eram os seus progressos, e o principio que levou os Chaldeus a considerar as curas como beneficios dos deuses, e agradecer-lhes inscrevendo a breve noticia dos seus soffrimentos, e do tratamento com que haviam sarado, em taboletas que iam pendurar no templo, foi de certo fecundissimo, se é verdade que Hippocrates pôdo aproveitar para sua instrucção esses thesouros da experiencia.

Dos seus progressos nas artes mecanicas e na architectura basta o testemunho que dá a magnificencia de Babilonia. Conheciam igualmente as outras artes liberaes, a pintura e a musica. Os vasos de ouro de suas festas, os ricos tecidos das suas galas, nos dizem que estavam em ponto de adiantamento que não admitte comparação com a barbaria dos conquistadores.

Sua religião partia, como a dos Egypcios, da adoração das forças productoras, exemplificadas em Mylitta (ou Venus) e em Bel ou Baal (o sol). E, se o culto de Mylitta authorisava as mais infames depravações, é certo que a adoração da luz e do fogo, representados pelo sol e pelos corpos celestes, não apresenta muitas das impurezas da idolatria.

Embora admittissem a immortalidade da alma, não acceitavam a crença egypcia da metempsychose; em seus funeraes não embalsamavam os corpos: restituíam á terra o que da terra tinha provindo.

CAPITULO XII.

Dario.

ORGANISAÇÃO DA MONARCHIA MEDO-PERSA.—RELIGIÃO E
COSTUMES DOS PERSAS.

Subindo ao poder depois de uma revolução, Dario teve a principio necessidade de actos de rigor para manter-se no throno. Babilonia se insurgiu: para tomal-a foi ne-

cessaria, depois de longo assedio, a dedicação de Zopiro e a sua perfidia nunca justificada. (*)

Consolidado no throno, Dario continúa as conquistas dos seus antecessores, e dirige-se contra a Scythia; vao porém ataca-la nas margens do Ister (Danubio), levando no seu exercito os contingentes das colonias gregas, vassallas da sua corôa, commandados, entre outros chefes, por Hystieu de Mileto, e Milciades, fundador de uma colonia de Athenienses. A expedição atravessa o rio por uma ponte cuja guarda é confiada aos Gregos, e interna-se pelos desertos; os Scythas não lhe resistem; retiram-se diante delle, e assim, sem combate, afadigam, destroçam o exercito inimigo. Por fim Dario volta envergonhado para seus Estados.

Todavia dessa expedição colheu confirmar seu dominio nas regiões septentrionaes da Asia menor, estabelecel-o na Thracia, e estreiar relações de dependencia e vassallagem com a Macedonia, ter assim um pé na Europa, e na Grecia. Com esse resultado não achando compensado o opprobrio que os Scythas haviam causado a suas armas, dirige-as para o oriente, vae purifical-as combatendo a India, e accrescentando mais uma provincia oriental ao seu imperio, que assim se estende até a foz do Indo. Uma revolução da Jonia dá-lhe occasião de lutar com a Grecia (504).

A monarchia de Cyro é toda militar, e portanto absoluta; sómente lhe fazem embaraço o poder dos Satrapas, a extensão dos seus dominios, e as insidias palacianas.

(*) Dizem que Zopiro, um dos principaes cortezãos, mandára cortar as orelhas, o nariz, etc., e assim mutilado se apresentára aos babilonios, queixando-se da barbaridade com que o rei o havia tractado, e da qual queria vingar-se. Os babilonios tiaram-se nelle, agasalharam-o, entregaram-lhe o commando das suas forças. E Zopiro as levou á derrota, e entregou a cidade ao rei. Dizem que Dario, quando soube do preço que lhe custava essa conquista, dissera: « Daria mil Babilonios, para que Zopiro assim não se houvesse maltractado! »

Cyro dividira o seu vasto imperio em cento e vinte provincias ou satrapias. Dario, menos prudente, as reduziu a vinte. Para communicação entre essas provincias, e transmissão das ordens do governo, estabeleceram-se correios regulares.

Dario regularisou igualmente os impostos e a sua arrecadação : as contribuições publicas eram de duas sortes, de generos e de dinheiros. Recolhidos a vastos depositos, os generos serviam á sustentação do exercito, ou distribuiam-se em rações como favores do rei. Muitas vezes a regia munificencia concedia a algum particular os rendimentos de uma cidade, o pão que outra pagava; etc.

Dario fez cunhar moedas de ouro, que de seu nome se chamaram *daricos*, e que posteriormente tão grande influencia exerceram na consciencia e no patriotismo dos Gregos.

Todos eram obrigados ao serviço militar, e os reis mostravam-se tão exigentes e severos a esse respeito, que muitas vezes puniram barbaramente a quem, aproveitando-se do seu valimento, pedia a dispensa de algum filho.

Além das levas geraes, determinadas na occasião de guerras, e conforme a gravidade dellas, levas taes que podiam reunir milhões de soldados, conservavam os reis da Persia um exercito permanente ; deste a parte mais brilhante era um corpo de dez mil homens, escolhidos entre os mais bravos : chamavam-se os *Immortaes*, porque devia seu numero estar sempre completo.

A religião dos Persas differia essencialmente da dos povos visinhos. Adoravam o principio do Bem com o nome de Oramazde ou Ormuzd, e o principio do Mal ou Arimane (Ahriman). Ambos eram filhos de Zervam ou o Excelente, e irmãos de mithras o Amor. O mundo havia sido creado por Zervam e Mithras. Adoravam igualmente o fogo como symbolo de Ormuzd, o sol e os astros. Essa religião, que tem o nome geral de sabeismo (589), foi coordenada e prégada por Zoroastro. A moral religiosa

desse philosopho não apresenta as infâmias do culto de Mylitta, nem o ridiculo de algumas praticas egypcias.

CAPITULO XIII.

Grecia.

PRIMEIROS HABITADORES. — TEMPOS PRIMITIVOS.

De todas as nações da antiguidade a que mais brilho lançou na historia foi de certo essa que occupava a pequena região, formando duas peninsulas contiguas, e limitada ao norte pela Thracia e pela Macedonia.

Se Roma dominou o mundo pelas armas e impoz-lhe pela força suas leis, sua lingua, seus costumes, a Grecia o dominou pelas letras, pelas artes, pela admiração do seu heroismo; engrandecidas pelos seus historiadores, as façanhas das suas guerras, as occurrencias da sua politica, as virtudes dos seus heróes formam a melhor e mais brilhante parte do que se chama historia classica.

A Grecia não formava um estado unico, nem mesmo estado de uma só origem. Colonias phenicias e egypcias, quando nella vieram estabelocer-se, já haviam achado raças que se presumiam autochthonas, mas que de facto tinham anteriormente vindo da Asia nas primeiras emigrações dos povos. Acompanhar-as nos seus primeiros passos é afadigar improficuamente a attenção e a memoria : baste-nos dizer que a base da população grega, quando a Grecia começa a apresentar-se na historia, é dessa raça laboriosa, trabalhadora, apta para todos os sacrificios e dedicações da vida social, que, com o nome de Pelagios, occupára todo o littoral europeu do Mediterraneo.

E uma observação antes de ir adiante : das regiões que beiram esse mar, veremos em todas as épocas sahir, desenvolver-se, a civilisação : estrada commum da Asia,

da Europa e dessa parte septentrional da Africa que vasta cinta de areias separa das regiões meridionaes, ainda hoje barbaras, o Mediterraneo, com os Phenicios, com os Carthaginezes, com a Grecia, e Roma, e Veneza, e Genova, e Hespanha, e ainda com Portugal, foi o caminho da civilisação, da troca reciproca de productos, de inventos, de riquezas, de estudos, que trouceram o homem ao grau do progresso em que o vemos.

Seja como fôr, nesses tempos primitivos, as familias pelagicas, de que eram chefes Helén ou Graicus, Dorus, Eolus, Ion e Acheus, occupam as diversas regiões da península europea, dão-lhe seus nomes; extravasam-se sobre as ilhas multiplicadas do archipelago, occupam até o littoral da Asia menor, onde, no norte, fundam o reino de Troya, que posteriormente acharemos florescente, e as famosas colonias proximas á Lydia, causa permanente das rivalidades da Grecia e da Persia.

Quando já comecem esses povos primitivos a assentar-se, a fundar cidades, a desenvolver-se pelo trabalho, affluem para a Grecia colonias de diversas nações; os Egyptios, debaixo da direcção de Cecrops, fundam na Attica Athenas.

Os descendentes de Inacho e Danao, igualmente egypcios, fundam as principaes cidades do Peloponeso. Na Beocia Cadmo (*) e os Phenicios fundam Thebas.

(*) Nesses primitivos tempos cuja memoria nos é conservada pelas tradições de um povo tão admirado pela imaginação, tão amigo de fabulas e de emblemas, cumpre não desdenhar a mythologia ainda nos estudos historicos. Assim por exemplo: vemos que a filha do rei phenicio Antenor é roubada por Jupiter transformado em touro branco; a princeza o affaga, e elle arrebatando-a leva-a pelo mar fóra. A princeza chama-se Europa.

o Cadmo, irmão della, vae vêr se a descobre por ordem de seu pai; dirige-se á Grecia, e lá funda Thebas na Beocia.

A singularidade do nome da princeza, a historia do touro, que evidentemente designa um navio tendo na proa uma cabeça desse animal, não nos dizem que a fabula se refere ás colonias

Pelops, filho de Tântalo, foge da Phrygia para a Thessalia, e dahi vae dar seu nome á península meridional da Grecia. Dos filhos de Pelops, Atreu e Thyestes, os mais conhecidos, fundam diversas cidades-reinos nessas regiões.

Nesse amalgama de povos e de raças que se atropellam, surgem dous principios de unidade que fazem de todos esses reiniculos, que depois foram republicas, como um unico Estado ; a unidade de lingua, apenas modificada por dialectos, e a unidade religiosa. Posteriormente sobre a unidade religiosa assenta-se um principio de unidade politica. Amphithyon, filho desse Deucalião, a cujo tempo referia a tradição grega um diluvio horrivel, que extinguiu toda a raça humana, havia estabelecido um tribunal em Delphos, e esse tribunal é como um centro federativo para toda a Grecia.

Estabelecido porém em tempo, em que a civilização, ainda do norte, não havia caminhado para o sul, dava elle aos Thessalios e aos Phocidios uma importancia, que não foi continuada nos progressos politicos do payz. O tribunal amphicthynico podia julgar das desavenças entre os estados gregos, condemnal-os a multa, recrutar exercitos para obrigar a execução dos seus decretos ; mas que importancia politica podiam ter decisões de um tribunal em que predominavam povos tão fracos, sobre republicas poderosas e arrogantes, como Athenas e Sparta ? A influencia do tribunal foi toda religiosa. A confederação grega nunca foi facto politico.

Estudemos pois a religião hellenica, e a sua influencia politica. Proveniente da Asia, porém enfeitada, poetisada pela imaginação grega, essa religião admittiu o poly-

phenicias que primeiro vieram á parte do mundo posteriormente chamada Europa ?

Em um resumo não pretendemos desenvolver essas questões, apenas uma ou outra indicamos, para despertar a curiosidade e a reflexão.

theismo o mais completo. Os deuses eram homens, com corpos e perfeições e necessidades physicas, amores e odios, homens immortaes, representando em gráu de sublimidade ideal alguma virtude, algum vicio, alguma qualidade moral por elles admirada. Assim Jupiter, o omnipotente e trovejador, era o profanador do thalamo das princezas, e povoava o céu e o mundo de bastardos seus, deuses tambem, semi-deuses e heróes. Apollo e Diana nascem de Latona seduzida, Baccho de Semele, Hercules de Alcmena, Castor e Pollux de Leda.

A exemplo de Jupiter, Venus, a formosa Aphrodite, entrega-se adultera aos amores de Marte, e ao de alguns mortaes, como Adonis, até a casta Diana desce dos céus para receber as caricias de Endemyão.

Essa religião torpe e infame, por mais que a poesia a enfeite, mal pôde conceber-se que houvesse sido acreditada e acceita por um povo illustrado. Não é de crer que dada em pasto ás superstições grosseiras e barbaras do vulgacho, dada em thema poetico aos vates, era ella substituida por uma crença mais pura, revelada nos mysterios de Eleusis, aos que mereciam ser nella iniciados? Não é de crer que o Zeus por elles adorado não era esse debochado seductor das princezas mythologicas, mas sem duvida o *Deus Ignotus, Optimus, Maximus, Consus*, cuja memoria era conservada pela tradição, embora quasi extincta, da verdade revelada?

Desde que povoavam o Olympe (morro da Thessalia que servia para representar o céu) com tantos deuses humanisados, não era muito que lhes déssem por companheiros homens divinizados. Baccho, {por exemplo, é deus do vinho, e Baccho é um conquistador que nos apresentam vencedor até da India. Hercules é acceito nos ceus, e Hercules é um principe, cujos descendentes, os Heraclidas, disputam o poder nas cidades do Peloponeso.

Nesses tempos de confusão e de iniquidade, havia principes que prestavam immenso serviço, já combatendo faci-

norosos, e monstros, já realisando obras gigantescos de melhoramento e de salubridade : um, por exemplo, abre canaes por onde se escoam as aguas estagnadas do lago Copais ; com essa abertura seccam os paues ; as febres e sezões desaparecem : a imaginação apodera-se do facto, enfeita-o, e ahi temos Apollo vencendo a serpente Python, até temos Hercules vencendo a hydra lerneia, cujas cabeças se reproduzem, e é necessario cauterisar apenas cortadas ; ahi temos os guerreiros filhos da serpente morta por Cadmo, matando-se uns aos outros, até que um unico fique dessa geração viperina , ahi temos Theseu e Pirothoo...E o céu se abria para todos esses heróes, que a gratidão segrava a eternas adorações.

Entre as divindades creadas pela imaginação grega, não esqueçamos uma de que não achamos ideia entre povo algum, que só podia nascer na Grecia.

Apollo era deus da poesia : mas com Apollo presidiam-lhe, inspiravam-a, distribuindo entre si as diversas partes do dominio litterario e artistico, nove irmãs, filhas de Mnemosyne, deusa da memoria, que morando nos elevados cumes das montanhas gregas, o Pindo, o Parnaso, ahi se conservavam sempre puras, innuptas : eram as Musas.

Como porém dessa religião nascia um vinculo politico ? A Grecia havia estabelecido jogos publicos.

Destes jogos os mais celebres foram os olympicos, em honra de Jupiter ; reproduziam-se de quatro em quatro annos, e serviam de éra, aos Gregos, que datavam por olympiadas : a primeira olympiada corresponde ao anno -776 antes de Jesus Christo.

Para ser admittido aos jogos cumpria ser Grego de origem. Ahi exercitavam-se na carreira, na luta, no pugilato, na direcção dos carros de guerra ; ahi Herodoto lia os primeiros livros de sua historia : os Gregos, fanaticos de espectaculos, acodiam de todos os pontos, applaudiam em commum o vencedor, e desse contacto de

cidadãos de diversos Estados resultava necessariamente uma confraternisação, que por mais ephemera que fosse, deixava resabios nos espiritos, e talvez nos corações.

Acima dos deuses estava o destino, o *Fatum*. Nos livros desse *fatum* estava de ante-mão escripto o que havia de infallivelmente acontecer. Ora acreditavam os Gregos que alguns deuses, mais compassivos, liam e revelavam aos mortos esses segredos do Destino : eram os oráculos. Havia uma grande variedade de oráculos, desde o antro de Trophonio até os carvalhos de Dodona ; porém do todos o mais acceito era o de Apollo em Delphos: pouco se resolvia de importante na sorte dos povos, e até ás vezes na vida dos particulares, sem consultar-se o oráculo. Compreende-se que poder immenso, na guerra e na paz, na direcção de todas essas republicas, poderia exercer quem tivesse nas suas mãos o accomodar convenientemente as respostas do oráculo.

Ora, quem o fizesse necessariamente havia : a protecção e guarda do templo de Delphos, e de suas terras estavam confiadas aos amphicthyões.

Não devemos concluir o que da religião dos Gregos cumpre dizer, sem falar das suas crenças quanto ao destino ulterior dos homens, e ás ceremonias funebres.

Dando um corpo aos deuses, os Gregos não concebiam as almas immateriaes, admittiam, que eram ellas compostas de uma materia tenuissima, como um nevoeiro, como um pouco de ar condensado, o chamavam-lhe *Manes*.

Davam-lhes a immortalidade, e sujeitavam-a a um julgamento final, em que recebiam a recompensa ou o castigo de suas acções no mundo.

Esse tribunal compunha-se de Eaco, Rhadamanto e Minos, que haviam sido reis mui famosos pela sua justiça. e a quem Plutão, deus do mundo inferior, entregara o julgamento de todos os homens.

As almas desciam ás regiões desse mundo inferior (inferno) e quando haviam recebido as devidas honras funebres, passavam na barca de Charonte a lagôa Stygia. As que não haviam recebido essas honras ficavam lamentando-se por espaço de mil annos nas margens da lagôa, sempre repellidas pelo inexoravel Charonte. As que conseguiam passar eram sentenciadas pelos juizes infernaes, e se virtuosas, iam habitar os Campos Elysios ; se criminosas, eram entregues ás Eumenides ou furias, e postas no Tartaro : para alguns grandes criminosos, como Tantaló, Ixio, etc., havia supplicios especiaes.

Parece que os Gregos acreditavam de algum modo na transmigração das almas ; pois na evolução dos tempos as dos bemaventurados, que estavam nos Campos Elysios, bebiam agua do rio Lethes, e assim obtido o esquecimento de todo o passado, voltavam á terra, iam habitar novos corpos.

Se isso não era crença religiosa e geral, era ao menos crença poetica.

Com taes ideias os Gregos não podiam deixar de dar maxima importancia ás honras funebres. Enterravam os corpos, pondo-lhes na boca uma infima moeda com que pagassem a Charonte a passagem da barca. Consideravam crime enorme não dar sepultura aos mortos. E tambem commemoravam com festas solemnes, em discursos pomposos, os cidadãos mortos pela patria.

CAPITULO XIV.

Tempos heroicos da Grecia.

Nos tempos da primeira organização grega em monarchias mais ou menos regulares, acham-se alguns factos que, brilhando pela sua importancia no meio das trevas conseguiram chegar, mais ou menos incompletos, ao conhecimento da posteridade ; são elles : 1º, a expedição dos

Argonautas; 2º, a guerra de Thebas e dos Epigones; 3º, a guerra de Troya.

Argonautas. Os principes gregos mandam construir um grande navio: é a náu *Argo*; nelle embarcam-se ao mando de Jasão, principe thessalio; vão á Colchide roubar o vellocino; voltam tendo-o conquistado por auxilio de Medéa, filha do rei, que se apaixonara de Jasão, e que o acompanha. A náu *Argo* é a primeira que os homens fazem para vencer os mares: essa viagem é a primeira experiencia da grande arte da navegação.

Entre essas fabulas o que póde haver de historia?

A náu *Argo* não foi de certo a primeira, e se a audacia de sua construcção deu pretexto a tantas ficções, devemos crer que foi isso devido ou a suas dimensões, ou a ter tido por destino, não já a navegação mercante dos Phenicios, mas uma excursão guerreira.

Observemos entretanto que a primazia do commando é dada a um principe da Thessalia, embora na expedição se achem todos os heróes, até mesmo Hercules; o que prova que a civilisação e a importancia politica da Grecia estava então no norte, e do norte tinha de descer ao Peloponeso.

Emfim, a expedição era toda piratica: Medéa e o vellocino (*), eis o que por meio della se alcança.

— *Os sete chefes.* Estamos na historia mais terrivel e mais tragica da Grecia primitiva. Fundada Thebas, na ordem de successão dos seus reis, foi Laio chamado ao throno. Consultando este o oraculo acerca da sorte de um filho de que sua mulher Jocastes estava grávida, com a

(*) Carneiros que, em vez de lã, tinham fios de ouro, eis o vellocino. Não haverá nisso o mytho do trabalho humano sobre as lãs, já para tecel-as, já para tingil-as, e assim augmentar-lhes consideravelmente o valor? Não iriam os principes gregos abrir aos seus povos o commercio dessas regiões, e apossar-se desses tecidos? O que há de certo é que o vellocino adquiriu tanta celebridade, que é ainda hoje conservado entre as distincções mais honorificas que podem ser concedidas pela realza.

resposta tanto se assustou, que mandou engeitar o menino apenas nascido. O oraculo havia dicto que mataria elle seu pae, e entraria incestuoso no thalamo de sua mãe.

Quem o levou a engeitar pendurou-o atado pelos pés a uma arvore. Uma princeza de Peloponeso viu-o, e salvou-o, e o educou como seu filho. O menino ficara com os pés inchados; dahi teve o nome de OEdipo. Chegando á virilidade, consultou o oraculo, e obtendo a mesma resposta que obtivera Laio, assustado, para subtrahir-se ao seu destino, foge da côrte daquelles aquem suppunha seus paes. Em viagem encontra um velho; em uma questão de precedencia irrita-se, e o mata: era Laio.

E logo Thebas é flagellada pela peste; uma Sphynge vem postar-se ás suas portas, e propôr um enigma que cumpre decifrar; ninguem o consegue. A mão da rainha viuva e o throno são offerecidos a quem vencer a Sphynge. OEdipo ouve o offerecimento, e como antes de tudo quer fugir do Peloponeso para frustrar o oraculo, vae ter com a Sphynge, explica o enigma, purifica Thebas, e entra vencedor no thalamo de sua mãe Jocastes.

Quando enfim descobre os seus crimes, castiga-se arrancando os olhos, expatria-se, e deixa o throno a seus irmãos que são seus filhos, Eteocles e Polynice. Eram estes gemeos; para se porem de accordo quanto ao direito á successão paterna, assentam em reinar alternadamente. Polynice, frustrado por Eteocles que lhe não quer largar o poder, foge para Argos, com cujo rei Adrasto e outros seis principes do Peloponeso, faz uma liga e vem atacar Thebas. No combate os irmãos matam-se; os sete chefes são porém derrotados. Seus filhos, com o nome de *Epigones* ou successores, se apresentam diante da cidade, tomam-a, obrigam os seus habitantes a refugiarem-se nas montanhas visinhas, de onde voltam por fim, e dão o throno a um filho de Polynice.

Nessa epocha a preponderancia, que tinha estado na

Thessalia, já se acha na Peloponeso ; ainda porém não é firme e incontestada.

Guerra de Troya.—Emfim a guerra de Troya (1280) é o ultimo facto dos tempos heroicos, é talvez o primeiro dos tempos historicos da Grecia. Homero em duas admiraveis epopéas, Virgilio na sua Eneida cantaram as occurrencias capitaes dessa guerra, de modo a não se poder admittir que haja quem as ignore (*). Observaremos que o rei dos reis, o chefe da liga grega, é Agammennon, rei de Argos ; tracta-se de vingar um insulto feito a Menelau,

(*) Aqui damos o resumo do que de Homero e Virgilio consta acerca dessa guerra. Paris, filho de Priamo, que havia captado a benevolencia de Venus, dando-lhe o pomo offerecido pela Discórdia *á mais bella*, e que lhe era disputado por Júnio e por Minerva, veio á côrte de Menelau, e pagou a hospitalidade recebida raptando a esposa deste, a formosa Helena. Helena porém, de tão bella, tinha, quando chegára a idade nubil, sido cobiçada por todos os príncipes gregos ; reconhecendo Ulysses, o mais sagaz destes, que a escolha da princeza seria uma offensa que os não preferidos vingariam pela guerra, para conjurar essa occasião infallivel de desgraças, levou todos os pretendentes a jurar, não só que estariam pela escolha da princeza, como até que, se uniriam ao feliz preferido para mantel-o na posse della. Desse juramento armou-se Menelau para obriga-los todos a irem reclamar em Troya a esposa infiel.

A guerra geral começou. Ao cabo de dez annos, em que a coragem de Heitor, filho de Priamo, que só podia ser vencido por Achilles, poz em risco a sorte dos Gregos, tomaram estes a cidade, introduzindo-se nella á traição. Incendiaram-a, mataram Priamo, e todos os seus filhos, levaram captivas todas as princezas, e retiraram-se deixando um montão de cinza e de ruinas nos campos que outr'ora haviam sido Troya.

Os cesares de Roma, que se acreditavam descendentes de Eneas e dos Troyanos, tiveram alguma tenção de restaurarem Troya e de para ella transferirem a sua capital, evitando assim essa Roma onde tantas recordações e monumentos da republica os assaltavam. Essa intenção porém nunca se realizou. A antiga cidade fundada por Laomedonte, com o auxilio directo e material dos deuses, nunca mais existiu senão na poesia. E' certo que ahí o seu logar é immenso ; nenhuma cidade antiga ou moderna o tem maior.

rei de Lacedemonia : a preponderancia pois na Grecia já está toda no Peloponeso. Por outro lado, o desenvolvimento de forças maritimas empregadas pelos Gregos, a riqueza que já ostentam, mostram o progresso em que está a Grecia, devendo admittir-se que, depois della, houve uma nova éra de decadencia e de ruina, para explicar o atrazo a que, em epochas muito mais proximas, a tornamos a achar. Lembremo-nos mais que Helena, essa princeza de quem Paris se apaixona, e que dá occasião á guerra, tem no seu nome o nome da sua raça ; talvez então se comprehenda que essa occurrencia não foi senão uma tardia represalia do rapto de Medéa, e que não é mais do que um mytho semelhante a todas as depredações piraticas da Asia e da Grecia.

Seja como fôr, Troya, cidade asiatica, capital de Troade, era da mesma origem, da mesma civilisação da Grecia ; sómente a sua posição, na visinhança de tão ricas regiões, a tinha feito crescer extraordinariamente, em commercio, em relações, força e opulencia. Priamo era seu rei, e em redor delle uma immensidade de filhos, de principes, alliados ou tributarios, augmentavam o seu poder.

Sabe-se que os Gregos, ao cabo de dez annos, tomaram, incendiaram Troya : assim o dizem Homero e Virgilio, e se hoje é sustentavel a opinião de que as forças gregas foram desbaratadas, opinião que assenta na ruína de todos os chefes gregos que nessa guerra tomaram parte, essa opinião nunca prevalecerá contra a influencia de tão bella poesia.

De feito, dos chefes troyanos, só Helena e Enéas apparecem fundando colonias, Helena na propria Grecia, no Epiro, onde reinava o descendente de Achilles, Enéas no Lacio ; emquanto Agammennon morre em Argos assassinado por sua mulher : seu filho Orestes, que o vinga, morre expatriado, entregue ás furias vingadoras ; Idomeu foge de Creta, vae fundar Salento na Italia meridional, Diomedes lá funda Benevento ; a Italia meridional

toma o nome de Magna-Grecia, por amor do grande numero de vencedores de Troya, que para ella transferem a patria !

Entretanto na propria Grecia dão-se novas invasões e guerras intestinas: Heraclidas, Dorios, Jonios, Acheos ligam-se, combatem-se, levam suas peregrinações invasoras de umas para outras regiões, até por fim de novo assentaram-se deixando coberta a Asia menor e as ilhas gregas de povoações de suas raças.

CAPITULO XV.

Sparta e Lycurgo.

A historia da Grecia póde-se resumir na de duas ou trez republicas, na do seu poderio, de suas rivalidades, e sangrentas lutas. As outras seguem o turbilhão dos acontecimentos, já dominadas, já alliadas, entregando-se ao commercio, como Corintho, multiplicando colonias, cultivando as artes ao influxo de Athenas, desenvolvendo a vida sensual e a opulencia, e muitas inquinando-se nas prostituições do culto de Venus.

Das cidades dominadoras a primeira é Sparta.

Essa capital da Laconia, possuida pelos Dorios e pelos Heraclidas, estava entregue a constantes disturbios, quando no meio delles surgiu no poder Lycurgo (866) como regente do Estado, por haver morrido o ultimo rei deixando grávida sua esposa. Lycurgo comprehendeu que devia á patria uma reforma radical nos abusos e violencias que a flagellavam: teve a coragem de realisa-la affrontando os odios e as vinganças dos que viviam dos abusos; teve a sabedoria de a pôr debaixo da sanção divina, fazendo intervir os oraculos, e por fim teve o patriotismo de sacrificar-se para assegurar a perpetuidade de sua obra.

Concluida esta, Lycurgo declarou ao povo que ia viajar,

para aprender nos costumes e leis dos outros povos, se cumpria fazer alguma alteração na organização dada a Sparta; e exigiam juramento de que nada lhe alterariam, por peor que parecesse, antes da sua volta. Recebido o juramento, Lycurgo expatriou-se, e nunca mais houve noticia d'elle. A constituição de Lycurgo é de quantas têm tido a humanidade a que mais tem durado, e só se alluiu, quando se foi affrouxando, com a prosperidade de Sparta, annexa á sua observancia, o rigor de seus preceitos.

Lycurgo achou na Laconia trez castas de habitantes : 1º, os Ilotes, eram os habitantes da cidade de Ilos reduzidos a captivo pelas armas dos Spartanos e condemnados ás funcções servis, e ao trabalho da lavoura ; 2º, os Lacedemonios, residuo confuso de todas as raças que se haviam succedido na Laconia, condemnado á condição de plebe, sem direitos politicos ; 3º, os Spartanos, puros descendentes da raça conquistadora, que formavam uma aristocracia condemnada a guerras eternas, e á vida publica. Nos Spartanos se absorvia pois o Estado, e só com elles se occupou Lycurgo.

Para acabar com as discordias civis, chamou simultaneamente ao poder, com o titulo de reis, os chefes das duas familias heraclidas, cujas rivalidades haviam dilacerado a patria ; mas o poder desses reis fei de tal modo regrado, que elles apenas eram de direito os chefes da guerra, tinham o privilegio de morrer primeiros pela gloria da patria.

A realidade do poder existia nas mãos dos ephoros e do senado (*).

(*) E' tão singular o methodo de eleição dos senadores Spartanos que cumpre referi-lo. No dia da eleição, dous inspectores collocavam-se em cubiculos de onde pudessem ouvir tudo quanto se passava na praça publica, sem verem, sem serem vistos. Então os candidatos apresentavam-se successivamente na praça, onde o povo reunido os acompanhava com as suas acclamações, conforme o grão de estima em que os tinha : os inspectores tomavam nota da intensidade desses applausos, o no fim, quem os tinha merecido

Compunha-se este de vinte e oito anciãos escolhidos pelo povo e vitalícios. Era a authoridade deliberativa; suas decisões tomadas á maioria de votos, eram communicadas á assembléa do povo, que podia acceital-as ou repellil-as, mas não modificál-as.

Os ephoros, em numero de cinco, eram depositarios da authoridade administrativa, e essa era consideravel; pois em Sparta toda a vida era publica; o Estado tudo regulava e tudo absorvia.

Querendo fazer de Sparta uma nação sem rival na guerra, o legislador comprehendeu que cumpria atrophiar todos os sentimentos do coração humano, para só desenvolver, e com toda a energia, o orgulho nacional. Para isso tomou o Spartano desde o berço: logo ao nascer o menino era apresentado ao pae, que o devia condemnar á morte, se não parecia robusto e bem feito. Quando porém lhe achava essas qualidades, mandava-o criar e entregava-o aos cuidados maternos até a idade de trez annos; a republica tomava conta delle, educava-o em commum com todos os jovens Spartanos; todos eram obrigados a exercicios violentissimos, açoitados em publico, que soubessem desdenhar o soffrimento; até os acostumavam a subtrahir nos banquetes publicos o necessario para seu alimento, punindo-os quando eram surprehendidos, para lhes ensinar a ter agilidade e subtileza, necessarias á guerra.

O moço assim criado, casava-se sem escolha nem affeição recebendo do acaso a joven Spartana de quem devia obter futuros cidadãos para a patria.

O Spartano sem amor de pae, sem amor de conjuge, sem familia e suas doces affeições, nem depois de casado gozava das delicias do lar domestico; era obrigado a tomar os seus alimentos em banquetes publicos e communs, para os quaes todos concorriam com iguaes prestações, e em que a alimentação não dava cousa alguma á sensuali-

mais intensos e numerosos, era o senador. Já se vê que os inspectores faziam a eleição a seu talante.

dade (*). Para preservar o joven Spartano da inclinação á embriaguez, offereciam-lhe em espectáculo nesses jantares, as contorsões e asquerosidades de um Ilote embriagado.

Para manter esse estado todo excepcional, cumpria repellir a riqueza e o pendor do homem para as doçuras por ella proporcionadas : para isso foi declarado infame todo o trabalho, toda a occupação industrial e lucrativa ; foi estabelecida a moeda de ferro, que pelo seu peso o infimo valor difficultava a conducção e as transacções ; foram enfim divididas as terras em lotes iguaes e distribuidos pelos Spartanos.

Para unico recreio dessa vida singular haviam festividades patrioticas e religiosas, presididas pelos reis, e em que se celebravam as virtudes guerreiras, a gloria de Sparta, e se acostumavam as jovens gerações a respeitar os velhos, promettendo não desmerecer dos seus exemplos.

Em tanto tempo quanto pôde Sparta subtrahir-se ao contagio dos outros povos, ao amor do luxo e do ouro, essa constituição, essa educação estupenda deram seus fructos : a coragem spartana era tal que bastava alguma centena de Spartanos em um exercito para ser elle valentissimo, quasi invencível, e a historia multiplica exemplos de proezas, de dictos de maravilhosa energia arrancados até ás mães e ás esposas, que a posteridade tem consagrado (**).

(*) Essa parte da legislação de Lycurgo, que pela anniquilação da familia e do patrimonio, e pela vida commun, realisava o sonho dos utopistas do communismo, nas unicas condições em que era elle possivel, especialmente a de haver um grande numero de escravos fóra da communhão, e exclusivamente condemnados a todo o trabalho, era imitada da legislação que deu aos povos de Creta o áfamado Minos, e que não pôde salvar essa ilha da mais rapida e atroz corrupção

(**) Entre esses dictos, citaremos o de mãe que, ao receber-se um mensageiro trazendo noticias de uma peleja, e por elle sabendo

Mas estabelecida a legislação de Lycurgo, dá seus frutos; Sparta não se occupa senão com subjeitar ao seu dominio e á sua influencia as cidades do Peloponeso. Só lhe resiste com tenacidade a Messenia, contra a qual são lhe necessarias duas expedições. Na primeira, sem embargo do fanatico heroismo de Aristodemo, os Messenios foram desbaratados.

Na segunda, sob a direcção de Aristomenes, levam Sparta a dous dedos de sua ruína : Aristomenes chega até a entrar na cidade, onde consagra a Minerva um trophéo de despojos spartanos. Estes porém se reanimam com os poeticos incitamentos de Tyrteu (*), vingam-se, obrigam por fim Aristomenes a fugir, e a ir fundar uma colonia na Sicilia.

Dos Messenios os que ficam na Grecia são reduzidos á condição de Ilotes (668).

que seu filho tinha morrido, lhe respondeu : — Eu sabia que elle não era immortal: mas, dize-me, a republica venceu ?

— Volta com este ou em cima deste — dizia outra mãe ao dar um escudo a seu filho partindo para a guerra. Era infamia perde-lo no combate, e o morto era levado em cima delle ao seu ultimo jazigo.

Poderíamos encher paginas dessas expressões sublimes de heroismo; para terminar, só uma citaremos, seja o epitaphio dos 300 heroes das Thermopylas : — vae dizer a Sparta que aqui estamos todos em obediencia a suas leis.

(*) Um oraculo annunciou a Sparta que não poderia vencer a Messenia, senão quando tivesse um general atheniense. O orgulho de Sparta curvou-se a essa humilhação: Athenas porém, que já tinha ciumes do engrandecimento dessa republica, para escarnecel-a. mandou-lhe, em vez do guerreiro que pedia, um poeta aleijado, Tyrteu. Reverentes ao oraculo, os Spartanos puzeram-se ao mando delle, e o poeta tanto inflammou-lhes a coragem com seus hymnos, tão bons conselhos lhes deu, que o oraculo se achou satisfeito.

CAPITULO XVI.

Athenas : Solon, Pisistratidas.

Se a raça dorica ganhou tanta importancia em Sparta, a de Ion não a ganhou menor em Athenas, com a differença porém que a republica de Lycurgo annullou-se, desde que perdeu a gloria militar, unica que teve em mira ; e Athenas, ainda depois de vencida, de arruinada, conservou todo o seu esplendor pelas letras, pelas sciencias, pelas artes : a Athenais, mais do que a Sparta, deve a Grecia a perpetuidade de sua memoria.

Fundada por Cecrops, e posta debaixo da protecção da deusa da Sabedoria, Athenas, ainda nos tempos heroicos, teve reis notaveis. Foi um desses Theseu.

Logo na sua mocidade Theseu mostrou sua energia, sua dedicação. Athenas havia sido obrigada por Minos, rei de Creta, a pagar um tributo annual de mancebos e de virgens que eram entregues ao Minotauro, encerrado no labyrintho, que fôra construido por Dedalo (*)

Theseu se offerece para ser incluído no tributo ; auxiliado pelo amor de Ariadne, vence o Minotauro, sahe do labyrintho, e volta á patria, assim livre do annuo sacrificio.

(*) Todas essas fabulas de Pasiphae e de seus monstruosos amores do Minotauro, da construcção do labyrintho por Dedalo ; do tributo imposto aos Athenienses por Minos, e o motivo dessa imposição, são tão admiraveis de poesia debaixo da inspiração de Ovidio, quão abominaveis, a não nos entregarmos a conjecturas e a explicações que nos levariam mui longe, e dariam pouco proveito.

Outro tanto diremos do auxilio prestado por Ariadne e Theseu (o fio com que pôde elle sahir do labyrintho) da fuga deste, raptando a sua bemfeitora, e abandonando-a, por preferir-lhe Phedra, sua irmã, até que Baccho a venha achar em Naxos, e a salve transformando-a em constellação. Quem tiver curiosidade, leia nos poetas antigos essas ficções.

Theseu não desmentiu em toda a sua vida semelhantes auspícios, e os Athenienses lhe consagraram um templo que ainda nas epochas republicanas era asylo respeitadissimo.

Depois de innumeras lutas e dissensões intestinas, Codro (*) morre sacrificando-se á gloria e ao triumpho das suas armas ; os Athenienses poem termo á realeza ; pois outro qualquer a deslustraria.

O poder é entregue a archontes. A principio vitalicios, já decennaes em 754, os archontes em 684 vêm reduzida a annual a sua authoridade. E' que nas discórdias intestinas a influencia aristocratica vae pouco a pouco cedendo o campo á democracia, e esta, vaga em suas affeições, inconstante em sua confiança, repelle antes de tudo a diuturnidade do poder.

Entretanto continuam as dissensões ; dous partidos se distinguem, o das montanhas e o da praia, e suas lutas nem mesmo acabam, quando Solon organisa o poder de modo a assegurar a preponderancia da democracia, trazendo a tyrannia (**) ou a omnipotencia dos demagogos.

Antes porém de Solon, duas tentativas de organização se fazem. Dracon (624) aproveita o seu archontado, para

(*) A versão geralmente admittida é que em uma guerra dos Athenienses contra um povo visinho, havendo o oraculo declarado que venceria aquelle povo cujo rei morresse na guerra, Codro despiu as insignias da realeza, expoz-se aos golpes do inimigo, e succumbiu. A gratidão dos Athenienses vencedores acabou com a realeza.

Seja qual fôr a verdade acerca da dedicação de Codro, é certo que as dissensões intestinas de Athenas, que já muito antes de Codro haviam começado, para só acabarem na gloria e nos perigos das guerras da Persia, não podiam supportar a diuturnidade do governo de um rei, ainda menos a de uma dynastia.

(**) Cumpre não nos enganarmos com o valor dessa palavra na historia da Grecia, valor mui diverso do que hoje lhe damos : é tyrannia a usurpação do poder popular, embora seja exercido com brandura.

dictar leis de uma severidade tal que nada remedeiam ; não podem ser observadas. Cylon em 612 quer restabelecer a realza ; desperta porém tão horrivel reacção que a vingança nem respeita o asylo dos altares das Eumenides, e é necessario que o Cretense Epimenides venha decretar as expiações necessarias dessa profanação.

Emfim chega ao archontado Solon (595): philosopho practico, fez elle leis possiveis, se não leis optimas, e a sua constituição ainda nos dá o modelo da mais pura democracia, com todos os seus inconvenientes.

Se a legislação de Sparta mais assentou na organização da familia, na educação, na vida civil emfim, e na propriedade ; a legislação atheniense, sem se descuidar desses grandes objectos, mais deu á organização politica.

Na assembléa do povo reside todo o poder : todo o Atheniense, menos os que têm nota de infamia pela natureza servil de suas occupações, della faz parte ; ahi discute, vota, decide da paz, da guerra, das allianças, dos impostos ; ahi nomeia magistrados, generaes... emfim ahi decide em ultima instancia os pleitos, quando das sentenças dos tribunaes appellam as partes.

Athenas tem tambem um senado, tem nove archontes annualmente eleitos, tem um tribunal respeitadissimo pela sabedoria de suas decisões, o Areopago.

Composto dos archontes que acabaram o seu tempo, esse tribunal decide as causas capitaes, toma conta do dispendio dos dinheiros publicos, e julga os funcionarios ao sahirem dos seus empregos.

Aos archontes cabem os cuidados administrativos, ao senado o preparar os trabalhos e projectos de deliberação popular ; o grande poder todavia conserva-se inteiro nas mãos do povo, e comprehende-se com que facilidade nessas numerosas assembléas a habilidade de um orador, a influencia de um rico ambicioso tudo podem determinar, tanto mais quanto se sabe qual é a inercia dos bons, nos dias de lutas facciosas, quão facilmente se abstem elles

dos encargos publicos. Os Pisistratidas, e melhor do que elles Pericles fez dessa condição da democracia um meio de absolutismo.

Entretanto, dada a importancia da assembléa popular, Solon procurou-lhe correctivos. Primeiro, a pena de morte arredava da praça o escravo ou o estrangeiro que quizesse usurpar o direito de cidadão. Em segundo logar, era condemnada como crime a indiferença politica, que se abstinha de assistir ás assembléas, e considerado máu cidadão quem, nos dias das facções, não abraçava algum partido.

Depois dos Pisistratidas, viu-se que era necessario algum correctivo mais efficaz: estabeleceu-se o ostracismo, que armava os resentimentos e desconfianças populares do direito de afastar da republica o cidadão cuja importancia ia-se tornando exagerada. Pelo ostracismo votavam os cidadãos, sem motivo nem justificação, sem responsabilidade do seu voto, que era secreto, o desterro por espaço de dez annos de quem quer que lhes parecesse: iniquidade necessaria em tal organização politica, e que todavia nunca salvou a republica da prepotencia.

Na legislação civil Solon regulou prudentemente a familia, a propriedade, o patrimonio hereditario, e tanto deu á educação intellectual dos cidadãos como á sua educação physica, á gymnastica e ao tirocinio da guerra.

A educação do Atheniense ficava ao cuidado da familia: inscripto ao nascer na tribu a que esta pertencia, o menino criava-se no gymneceu, entregue aos affagos maternos. Havia gymnasios que ao depois o recebiam para os estudos e exercicios a que o pae o queria subjeitar, e se estes estavam debaixo da inspecção da authoridade, toda a liberdade na educação do filho era direito do patrio poder. Sómente os filhos dos benemeritos da republica, dos que por ella morriam, eram amparados por ella, e por ella adoptados, educavam-se no Prytaneu.

Concluida a sua obra e jurada a sua observancia pelo povo e pelo senado, Solon sahiu de Athenas, foi viajar;

mais infeliz porém do que Lycurgo, quando voltou á patria, achou já plantada a tyrannia de Pisistrato.

Depois de porfiada luta com facções que lhe eram oppostas, Pisistrato, que sabe adular o povo, e empregar generosamente as suas riquezas, adquire tal preponderancia, que a assembléa popular lhe acceita e confirma todas as vontades (538). Logo, apresentando-se-lhe um dia ferido e maltractado, e dizendo que os seus inimigos, isto é, os inimigos do povo, tinham-o atacado, e estavam resolvidos a matal-o, alcança o direito de estipendiar uma guarda que o acompanhe, armada, até nas reuniões da assembléa. O poder do demagogo foi tão de rei que até se transmittiu a seus filhos, Hippias e Hipparcho (528).

Estes o conservaram durante quatorze annos, e só o perderam quando Hipparcho, tendo insultado a irmãa de Harmodio, este e Aristogiton seu amigo, noivo della, tramam uma conspiração e o matam. Hippias contra a revolução popular refugia-se na cidadella, é porém vencido, e vae mendigar na côrte de Dario armas contra sua patria.

Nem tudo em odio aos Pisistratidas: as letras muito lhes devem. Os poemas de Homero não tinham até então sido escriptos nem ligados; alguns individuos, que sabiam de cór trechos delles, viviam de repetil-os a quem lhes queria pagar o trabalho: eram os *rhapsodes*. Pisistrato reuniu-os, nomeiou uma commissão de grammaticos, entre os quaes Aristarcho, que os ouvisse, e escrevesse e coordenasse o que lhes fosse por elles repetido. A não ser isso, talvez a posteridade houvesse perdido a Iliada e Odysséa, como se perderam os hymnos de Orpheu, e de outros. No tempo de Hippias e Hipparcho, Anacreonte e Simonides foram acolhidos em Athenas, patria adoptiva dos genios de que não era patria natural.

Depois dos Pisistratidas continuam as agitações. Clisthenes, chefe democratico, domina, exclue a influencia de Isagoras, chefe das familias aristocraticas; reassumem

estas a preponderancia com o apoio de Sparta... A invasão porém dos Persas vem pôr termo a essas eternas dissensões, e abafal-as com o prestigio da gloria.

CAPITULO XVII.

Colónias gregas.

A Grecia não é só grande na guerra, grande nos domínios das letras, das artes e das sciencias: é igualmente uma grande potencia commercial, digna filha dos Phenicios. Corintho especialmente, e Athenas enriquecem-se com o commercio: Athenas como que já presentia a verdade do que dice o poeta francez, e do que prova a Inglaterra de hoje:

« O tridente de Neptuno é o sceptro do mundo. »

Não se contentava pois com a sua marinha mercante e com as relações que della lhe provinham; procurava ter uma marinha do Estado, uma marinha militar que visitasse de continuo as ilhas do archipelago grego, e as mantivesse na sua amizade.

Mas o commercio antigo não se fazia como o de hoje, subditos de uma nação permutando com os de outras nações os diversos productos de suas industrias. Quando em geral o mundo estava entregue á barbaria, era indispensavel, para poder commerciar, fundar colonias, pois só com ellas (quaes as feitorias europeas na Africa) se podiam manter as relações de confiança e de boa fé permanente, em que deviam descansar as transacções mercantis. A Grecia foi pois grande colonisadora. Ao occidente, a Sicilia, a Italia, até a Sardenha recebem colonias suas, em quanto na França vae uma colonia, vinda da Phoece, antiga colonia grega da Asia menor, fundar Marselha, e pelo caminho de Marselha outras cidades. Na Hespanha chegam os Gregos até o Ebro; Sagunto é de origem grega. E não falamos das ilhas jonias, embora em Coreyra (Corfu) haja colonias de Corintho, pois de ha muito são gregas: Ulysses (o Grego por

essencia) era rei de Ithaca, uma dellas. Ao oriente as innumeradas ilhas do archipelago de continuo permutam as suas producções. E na Asia menor que immensas cidades de identica origem grega não se acham ! Epheso, Mileto, Halicarnasso, Smyrna, senhoras do commercio dessas regiões, tributam a riqueza dellas á actividade commercial da patria commum. Ao norte da Grecia, a Thracia, a Chersoneso, as regiões que avizinham a Propontide e o Ponto Euxino recebem multiplicadas colonias, e essa Bysancio, ainda hoje objecto de tantas cobiças, é primitivamente colonia atheniense.

Alem da necessidade commercial que impunha tão vasto systema de colonisação, determinava-o uma necessidade politica. Republicas populares, as agitações da plebe, o fervor da mocidade eram-lhes constantes perigos: embora as guerras continuas sangrassem a população, em breve se tornava esta exuberante, superior a proporção em que devia estar com a população trabalhadora, a escrava. Não se acreditava nesses tempos que uma grande população fosse um elemento de prosperidade, e um *desideratum* politico. A Attica, na epocha mais gloriosa do poder de Athenas, mal teria duzentos mil habitantes, e a cidade apenas 25,000 e no alistamento feito por Pericles só se acharam 14,000 cidadãos com direito de assistir á assembléa do povo. Quando pois a inquietação popular denunciava essa superabundancia, um chefe importante recebia missão de congregar a mocidade, os que não tinham meios de existencia, os de espirito inquieto e aventureiro, e de levar-os a fundar uma colonia.

Se não tinham os antigos a justa ideia que nós temos da dignidade do homem, tinham mais alta ideia do que nós da importancia do cidadão: por isso os seus Estados eram cidades, a Grecia se cobria de municipios-republicas, independentes no seu governo interno. As colonias não podiam sahir dessa regra, nem estar na dependencia da metropoli; obedeciam pois, na organização do seu governo, na escolha

de seus chefes, na adopção das suas leis ás inspirações de suas vontades, conservavam essa *autonomia*, que era até muitas vezes respeitada pelo conquistador para com o conquistado. Entre a colonia e a metropoli só subsistiam os vinculos de *commun* origem, a *sympathia* que della provém; a metropoli devia á colonia protecção; a colonia, *sympathica* á metropoli, devia repellir a intervenção (*) de outras potencias nas contestações que por ventura com ella tivessem: da colonia a metropoli só tirava, de positiva e real vantagem, o desenvolvimento do seu commercio.

Dessa exposição se comprehende como as colonias gregas do oriente podiam ter cahido na vassallagem dos reis da Persia, sem que dahi logo se originasse guerra com a Grecia. Cyro e seus successores cobravam contribuições dessas cidades, recebiam contingentes dellas para suas guerras: entretanto conservavam-lhes a sua autonomia interna, e a liberdade de suas transacções commerciaes, de que as metropolis se aproveitavam.

Entretanto era isso occasião de contestações, que, não estando ainda então muito adiantada a diplomacia, quasi sempre se resolviam pela guerra.

Assim, 'no reinado de Dario as colonias de origem jonica se sublevaram; os Athenienses, igualmente jonios, apresentam-se em auxilio dellas, chegando até Sardes, (563) capital da Lydia, e uma das primeiras cidades do reino, e a incendiam. Os revoltosos entretanto são subjugados, os Athenienses retiram-se; Dario porém não se esquece do ultraje, e para que o tenha sempre por diante, encarrega a um de seus officiaes a tarefa de acordal-o á noite para dizer-lhe:—Senhor, lembrae-vos dos Athenienses.

Na côrte de Dario, ao demais, estava Hippias, para incital-o, e prometter-lhe o apoio do seu partido no dia da

(*) Para eserevermos essas palavras lembramos-nos que a famosa guerra do Peloponeso teve por origem ou pretexto a intervenção dos Athenienses nos negocios de Corcyra contra Corintho, sua metropoli.

invasão de Athenas; estava Hystieus, tyranno de Mileto, que, excluído do poder, procurava reassumil-o com o favor do rei, e para isso tudo intrigava, enredava, fomentando elle proprio a insurreição da Jonia, até que foi acabar, por todos detestado, no miseravel officio de pirata! Dario resolveu a guerra contra a Grecia.

CAPITULO XVIII.

Guerras da Persia e da Grecia: tractado de Cimon.

Em consequencia da parte que tinham dado os Gregos da Europa na sublevação da Jonia e na resistencia de Samos, Dario manda embaixadores á Grecia pedir que lhe entregue a terra e a agua: Sparta repelle-os sem ouvir-os, Athenas os ouve, e junctando o escarneo e o insulto á repulsa, manda enterrar um, afogar outro embaixador, que assim achassem a terra e a agua pedidas. Outras republicas foram menos violentas, algumas até se sujeitaram.

Dario não espera mais; uma primeira expedição vae castigar a Grecia (429); Mardonio, genro do rei tem o commando. Marcha elle por terra, deve atacar pelo norte vindo pela Thracia e pela Macedonia; uma esquadra de trezentas náus apoiará suas operações. Esta porém perdeu-se completamente juncto ao monte-Athos, e Mardonio apenas pôde manter-se nas regiões septentrionaes, sem entrar na Grecia.

Dario não desanima, uma esquadra mais numerosa se arma: seiscentas náus são entregues ao mando de Datis e de Artaphernes (490). As ilhas gregas não lhes resistem; logo porém que desembarcam no continente, embora o seu exercito se componha de mais de 100,000 homens, acham 10,000 Athenienses, ajudados unicamente por 1,000 Plateanos, e os campos de Marathona vem o gran-

de triumpho de patriotismo. Os Athenienses são commandados por Milciades,

Dario mais se irrita do que se abate com a vergonha dessa derrota; prepara-se para tirar desforra: porém uma revolta do Egypto distrahe suas forças, e a morte o surpreheende no meio de seus projectos (485).

Xerxes lhe succede. Compreendendo a importancia da guerra, levanta um exercito de trez milhões de homens, reúne uma esquadra de mil e duzentas náus.

No intervallo de folga que lhe dão esses form'daveis preparativos, Athenas, que havia confiado ao vencedor de Marathona uma esquadilha de setenta náus, para restaurar o poder da Grecia nas ilhas, recompensa o glorioso desempenho dessa commissão, condemnando-o por concussionario, e lançando-o em um carcere, onde elle morre.

O exemplo de ingratição não desanima o patriotismo: em Athenas ainda ha Themistocles e Aristides, e embora seja este victima do ostracismo, porque afadigava os seus concidadãos com a sua reputação de *justo*, podia a republica contar com seus serviços.

Sob a influencia de Themistocles, que se apoia na auctoridade de um oraculo, os Athenienses augmentam consideravelmente a sua marinha, e preparam-se para a guerra na certeza de que sua cidade será defendida por muralhas de madeira, como dicera o oraculo.

Sparta que, talvez por má vontade a Athenas, não se apresentara no combate de Marathona, allegando que não podiam os seus soldados pôr-se em marcha na lua nova, comprehende o alcance da victoria atheniense, e prepara-se para nessa segunda guerra sustentar a sua primazia. As outras republicas, debaixo da influencia atheniense ou spartana, unem as suas forças ao exercito confederado: algumas conservam-se neutras.

Xerxes divide as suas forças; parte atacará por terra e pelonorte, descendo da Macedonia, parte, levada nas suas esquadras, desembarcará nos pontos do continente

grego, onde as circumstancias o exigirem ou o facilitarem: a esquadra entretanto ficará sobre o littoral da Grecia á espera de oportunidade para effectuar esses desembarques, e interromperá as communicações.

Para gigantesca e estreitar a sua campanha, faz atravessar o Hellesponto ao seu exercito por uma ponte de navios presos uns aos outros (*). Em breve porém acaba a sua arrogancia.

Os Gregos comprehendem que a communicacão da Thessalia com o sul da Grécia deve ser interceptada: encarregam pois a Leonidas, um dos reis de Sparta, de ir defender os destiladeiros por onde os Persas têm de passar. Contra tantos inimigos dão-lhe apenas 300 Spartanos e 1,000 Thespianos. São poucos, mas cada um delles está firme em fazer á patria o sacrificio de vida: sabem que não são mandados para vencer, porém para resistir e morrer. Tomando posição nas Thermopylas, interceptam o caminho, mostram aos Gregos o que valem essas alluviões de barbaros, mostram aos Barbaros o que vale um pugillo de bravos: reerguendo assim a força moral de uns, abatendo a de outros, conseguem mais para o bom exito da guerra, do que o teriam feito com esplendida victoria.

Resistem; dão tempo a Grecia de armar-se. Por fim,

(*) A historia está cheia de loucuras e despropositos attribuidos a Xerxes: por exemplo: havendo os primeiros trabalhos da ponte de navios, projectada no Hellesponto, sido mal-sucedidos por amor de uma tempestade, Xerxes mandou castigar com chicotadas o mar, e lançar-lhe algemas de ferro, como a escravo insurgido: escreveu ao Monte Athos uma carta intimando-lhe que respeitasse os seus navios... loucuras inconciliaveis com o seguinte facto:— De cima de uma eminencia viu elle um dia todo o seu exercito, esses innumerados bandos de homens arrancados por seus caprichos a tantas e tão remotas regiões: seu rosto cobre-se de tristeza, lagrimas lhe acodem aos olhos.—Lembro-me, diz a um dos seus cortezãos, que de tantas m-riadas de homens que aqui estamos, ao cabo de alguma dezena de annos nem um estará vivo!...

quando os Persas descobrem um caminho que os deixa prescindir do desfiladeiro occupado, Leonidas exhorta os seus a morrer (*) ataca o acampamento persa, e cada um dos Thespianos e dos Spartanos vende por alto preço a vida. Os Barbaros estão na Grecia, porém esmorecidos, desmoralisados, reduzidos consideravelmente de numero....

Entretanto os Athenienses haviam embarcado na sua esquadra, e mandado para a Eubéa suas mulheres, seus filhos, os archivados da cidade; nesta tinham ficado alguns teimosos, que persistiam em crer que as muralhas de madeira em que, segundo o oraculo, os Athenienses deviam defender-se, eram as da Acropolis ou cidadella. Ahi os vae surprehender e exterminar o exercito persa, que vinga com o incendio da cidade abandonada a derrota de Marathona.

Esse desastre não desanima os Athenienses; estão elles a bordo de suas náus, ao mando de Themistocles, e embora estas estejam unidas á esquadra grega, commandada pelo Spartano Eurybiades, Themistocles sabe conseguir a alta direcção das forças; obriga (**) os Persas e os Gre-

(*) A defesa das Thermopylas é um dos factos mais poeticos, mais heroicos da antiguidade. Para dar-lhe, ainda mais realce attribuem-se aos que nelle intervieram dictos tão bellos como as mais bellas façanhas; assim Leonidas responde a Xerxes que lhe intima que renda as armas:—vem tomal-as.—assim, encarecendo alguém o numero dos inimigos, e dizendo que as suas settaspodiam, como nuvem, encobrir o sol:—melhor! responde outro, combateremos á sombra.—De que os Spartanos não tinham a menor esperanza da victoria, e só contavam com a morte, é prova o seguinte. Resolvido a accometter o acampamento inimigo á noite, Leonidas diz aos seus:—preparemo-nos; não comamos muito; pois vamos ceiar com Plutão.

(**) A influencia de Themistocles nessa guerra dá-lhe primazia incontestavel na gloria della. Embora a esquadra atheniense fosse a mais numerosa, o commando cabia ao rei de Sparta, e este queria levar as náus gregas para as costas do Peloponneso, abandonando o resto da Grecia: Themistocles não podia

gos a combater: o combate é uma esplendida victoria, o nome de Salamina vae junctar-se ao de Marathona. Xerxes abandona sua esquadra, foge em um barco de pescadores, vae esconder na sua capital sua ruina e sua ignominia.

A esquadra persa retira-se das costas da Grecia, volta para as da Asia, a ver se as cobre contra a esperada represalia grega.

Entretanto os Persas têm forças de sobejo para esmagar os vencedores; um numeroso exercito ás ordens de Mardonio occupa o coração da Grecia, e para oppôr aos 300,000 homens desse exercito, os Gregos são em numero insignificante. Trava-se combate na Beocia, juncto de Plateas: o Spartano Pausanias é o general das forças confederadas: um novo triumpho acaba com esses exercitos.

concordar com isso que seria, não já o abandono da Attica e de Athenas, mas o das familias athenienses refugiadas na Eubéa; combatendo em conselho a deliberação do Spartano, Themistocles o irritou a ponto de levantar este o seu bastão:—dá; mas ouve, diz-lhe o Atheniense.

Como porém o não pudesse demover da sua resolução, assentou em frustal-a. A esquadra persa compunha-se em grande parte de navios gregos das cidades asiaticas, Themistocles espalhou por todos os logares, onde tinham estes de ir fazer aguada, cartas e proclamações convidando-os a recordarem-se da sua origem, a abandonarem a causa do seu commum oppressor. Qualquer que fosse o effeito desses convites, sempre serviam para inquietar a Xerxes, e fazel-o duvidar da lealdade dos seus subditos. Então Themistocles lhe manda aviso das dissidencias dos Gregos, e persuade-lhe que, irritados contra Eurybiades, os Athenienses só esperam a occasião opportuna de um combate para desertar, e unir-se aos Persas. Xerxes precipita-se, e dá combate em Salamina, onde não podendo desenvolver-se, o numero mesmo dos seus navios é mais um embaraço do que uma vantagem.

No combate de Salamina, interveio Artemisa, rainha da Caria, e tão intrepida se houve que mereceu de Xerxes o dizer—os homens comportaram-se como mulheres, as mulheres como homens.—Artemisa não foi vencida, retirou-se indignada.

monstruosos de que Xerxes fiava a subjeição da patria dos heroes (479). No mesmo dia em que em terra conquistavam os Gregos a gloria de Plateas (*), no mar a esquadra combinada, ás ordens de Xantippo Atheniense e de Leotychydes Spartano, atacam e derrotam juncto ao cabo Mycale os poderosos restos da esquadra persa.

A guerra então continúa, mas tem por theatro o littoral asiatico, e ás vezes territorios contiguos ás cidades gregas.

Pausanias é chefe das forças confederadas; mas seu orgulho, sua insolencia offendem os alliados; as suggestões do satrapa da Asia menor, que lhe faz comprehender as vantagens que á sua ambição pessoal proviriam da alliança e amizade do rei da Persia, e apreciar as delicias do luxo e da sumptuosidade, o pervertem: já de intenção é traidor, quando Sparta descobre as suas indignidades e o pune. Dizem que havendo-se asylado em um templo, os Spartanos feixaram-lhe as portas, para que ahi morresse encarcerado, e que sua propria mãe fôra das primeiras a trazer as pedras que deviam trançar essas portas.

Entretanto Sparta soffreu a pena do procedimento do seu general; perdeu a preponderancia que exercera, e o commando militar da confederação (470) passou para os Athenienses. Cimon, digno filho de Milciades, avassalla a Chersoneso da Thracia, funda a colonia atheniense de Amphipolis; ganha no mesmo dia uma dupla victoria no mar e em terra (466), perto de Eurymedonte. Esses triumphos assustam a Artaxerxes, que era então rei da Persia. Obrigado a acceitir uma paz vergonhosa, celebra o tractado que fica na historia padrão eterno do nome de Cimon. Mas a esquadra que, carregada de tantos gloriosos trophéus,

(*) A intervenção dos Plateanos no combate de Marathona, a parte que tiveram nessa nova gloriosa campanha tornaram sagrada ao patriotismo grego a cidade de Plateas. Por indicação de Aristides, os vencedores votaram uma festa commemorativa que devia celebrar-se de cinco em cinco annos nos campos de Platéa, o que se chamaria *a festa da liberdade*.

leva a Athenas a noticia da conclusão da guerra, leva-lhe também os restos inanimados do grande cidadão (449).

Pelo tractado de Cimon os Gregos obrigam-se a retirar-se da ilha de Chypre, a não inquietar os dominios da Persia: esta obriga-se a dar liberdade ás cidades gregas da Asia, a não navegar nos mares gregos desde a Pamphilia até o Ponto-Euxino, a não deixar que força alguma de terra se approxime do littoral, em menor distancia do que a de trez dias de marcha.

Assim vencidos pelas armas, os reis da Persia comprehendem que só pela insidia vencerão. A sua diplomacia então consistiu em fomentar as rivalidades das republicas, em auxilia-las alternadamente: dest'arte conseguiu o que pelas armas nunca pôde conseguir.

CAPITULO XIX.

Rivalidades da Grecia até a conquista de Athenas.

Facil campo tinha a diplomacia persa para essa politica. As rivalidades das republicas gregas eram eternas: só poderemos achar exemplo dellas nas lutas das republicas municipaes da Italia na idade média.

Sparta e Athenas vão disputar a primazia.

Se o espirito de odio levou os Athenienses a darem um poeta aleijado aos Spartanos, que lhes pediam um general, o mesmo espirito levou os Spartanos a não quererem que os Athenienses reerguessem as suas muralhas arrasadas por Xerxes, como já os havia levado a proteger Hippias, e a auxiliar o partido aristocratico contra Clisthenes.

A astucia de Themistocles conseguiu, não só que Athenas reconstruisse as suas muralhas, e assim baldasse a má vontade de sua rival, mas ainda que ao pé de Phalero; seu porto commercial, abrisse o porto militar do Pireu, unisse-o á cidade, e o fortificasse.

Esse odio recrudesceu quando os Gregos tomaram Athenas para cabeça da confederação. os Spartanos procuraram logo vingar-se, não dando mais contingente á esquadra alliada; mas os generaes de Athenas o dispensaram.

Athenas tem com effeito uma successão de grandes homens de conselho e de acção. A Themistocles, que incorre nos odios populares, e refugiado na côrte da Persia, lá expira (*) no desterro, succede Cimon; no momento em que este vê declinar a sua popularidade, e banido pelo ostracismo, fica no desterro cinco annos, começa a surgir o astro de Pericles, filho de Xantippo, vencedor em Mycale. Quando morre Cimon, Pericles está de posse da alta influencia.

Pericles é chefe popular, apoia-se no partido democratico; Cimon apoiava-se no partido aristocratico: esse era favoravel a Sparta, emquanto aquelle lhe era infenso; dahi o desconceito de Cimon e o seu desterro. Tendo Sparta soffrido um terremoto, e vendo-se, depois d'elle, a braços com os Ilotes e Messenios insurgidos, Cimon decidiu os Athenienses a levar-lhe soccorros; quando estes chegaram, já o rei spartano Archidamo havia vencido a insurreição (460).

Os Athenienses foram escarnecidos, e vingaram-se da insolencia spartana punindo a Cimon, por cujos conselhos se tinham exposto a esse ultrage.

Entretanto Athenas subia ao auge da grandeza. Por conselho de Themistocles, os alliados, em vez de mandarem em navios e em maruja os seus contingentes para a guerra da Persia, e depois, para defesa commum das ilhas, as-

(*) Recebido com muito agasalho pelo rei da Persia, que sem duvida contava com os seus serviços em uma nova guerra, sempre meditada, contra a Grecia, Themistocles, depois de, no gozo das delicias, haver exclamado — estavamos mortos, se não tivéssemos morrido! — succumbiu não sem suspeita de haver recorrido ao suicidio para livrar-se da obrigação de atraiçoar a patria.

sentaram que era mais commodo mandar uma contribuição pecuniaria, com a qual Athenas providenciasse a todas as necessidades da guerra. Assim de alliados, por indolencia, se constituiram tributarios, e Athenas foi senhora unica da esquadra de todos.

Pericles entendeu que, acabada a guerra, a contribuição não devia ser alliviada, nem igualmente consagrada a armamentos já inuteis : applicou pois estes dinheiros a grandes obras que fizessem de Athenas a digna capital da Grecia. Concluidas as obras do Pireu, cobre-se Athenas de templos magestosos ; Phidias, Praxiteles levam a pintura, a escultura e a architectura a um ponto de primor que ainda hoje é a admiração dos entendidos, e o modelo da perfeição a que procuram attingir. Funda-se em Athenas um theatro vastissimo, Eschylo, Sophocles, Eripides arrancam a tragedia aos ensaios de Thespis para fazer della o encanto dos amigos das lettras ; Aristophanes aperfeiçôa a comedia. Emfim Socrates, o mais sabio dos homens, no dizer do oraculo, consagra-se ao ensino da philosophia, educa a mocidade de Athenas, cria Platão : Xenophonte, Alcibiades são seus discipulos. Orador eloquente tanto quanto consummado politico e habil general, Pericles, que as licções e a amizade de Aspasia aperfeiçoam, está em toda a parte, tudo anima e galardôa.

De tudo porém quanto Pericles fez, nada tão profundamente influiu na condição da republica como a medida por elle decretada de dar um salario ao cidadão que comparecesse na praça publica, de dar uma retribuição aos que fossem ao theatro (*). A praça encheu-se de homens das infimas camadas sociaes, a presença delles fez retirar-se os cidadãos de mais importancia : Pericles teve

(*) Para pretexto desse salario, cumpre dizer que o theatro grego, não só era essencialmente patriotico, e servia para exaltar o grande sentimento da nacionalidade, como apresentava um caracter de solemnidade religiosa ; era uma das festas com que se celebravam as grandes Dionysicas, em honra de Baccho.

a assembléa sempre á sua devoção, e tanto que indo visitá-lo o joven Alcibiades, seu parente, e dizendo-se-lhe que estava occupado em preparar as suas contas para dal-as ao povo—Melhor seria, disse ironico o moço, que se estivesse preparando para nunca dar contas.

Esse esplendor de Athenas excitou o resentimento dos alliados que, vendo o destino que levavam as suas contribuições, começaram a chegar-se para Sparta, que as devia vingar.

Entretanto Epidamno, colonia de Corintho na ilha de Coreyra, insurge-se contra a metropoli que a quer obrigar a receber em seu seio alguns cidadãos por ella desterrados. Athenas toma partido por Epidamno, Corintho reclama a protecção de Sparto. A occasião estava achada; os elementos estavam promptos: começou a guerra do Peloponeso (431).

Essa guerra foi geral: todas as republicas da Grecia, todas as ilhas tomam parte nella: Athenas poderosa no mar, Sparta preponderante em terra dão-se golpes profundos, porém sempre indecisos. A peste que logo nos primeiros annos invade a Attica, e dizima a população de Athenas, junta-se ás invasões spartanas sem trazer a ruína da republica.

Pericles morre victima da peste, Hippocrates de Cós vem a Athenas combatel-a: por fim esta cessa. Athenas se restaura; a Pericles succedem Nicias, general prudente e consummado, Cleonte (*) demagogo furioso, Alcibiades emfim; e a luta prosegue. Athenas está proxima á victoria, a ilha de Sphacteria, defronte da Messenia, vê derro-

(*) Cleonte era um simples correeiro: vociferador acerrimo na praça publica, não cessava de deprimir os generaes, de accusal-os de traição. Nicias, que prudente nada deixava ao acaso, era a principal victima de suas diatribes; o povo, talvez para castigar-lhe a arrogancia, confiou-lhe o commando do exercito, e Cleonte foi tão feliz que conseguiu vencer e aprisionar quatrocentos Spartanos que estavam sitiados na ilha de Sphacteria.

tados quatrocentos Spartanos (425); o triumpho é infallivel. Mas as loucuras de Alcibiades precipitam os Athenienses em uma guerra na Sicilia (*).

Não comprehenderá tão desarrazoada lembrança quem não comprehender bem o que é essa democracia de Athenas, tão arrogante no dia dos triumphos, tão obediente aos mais temerarios conselhos dos chefes que a sabem adular, como facil em proscree-los no dia do desanimo. Alcibiades que quer herdar a influencia de Pericles, e não póde supportar a competencia do prudente Nicias, faz decretar esse fatal episodio da guerra do Peloponeso. Os Athenienses porém, sempre contradictorios, se lhe fazem a vontade decretando a guerra, em vez de confiar-lhe a elle unico a direcção della, que elle unico levaria a bem, dão-lhe por collegas Lamacho e esse mesmo Nicias, cuja prudencia lhe é tão antipathica. Para tudo aggravar, na vespera da partida de tão desastrada expedição, as estatuas de Mercurio que ornam algumas casas de Athenas appare-

(*) Alcibiades é uma das personagens gregas mais importantes: nelle se vê quanto a inconsistência e a leviandade prejudicam aos melhores dotes, ás mais apreciaveis qualidades. Esse discipulo de Socrates apresenta o complexo de todas as virtudes e de todos os vícios, e tanto com estas como com aquellas mais compromette do que serve a patria. Os Athenienses pagam-lhe com a completa ruina da expedição de Sicilia a accusação de sacrilegio contra elle intentada. Fugindo de seus inimigos pessoas, vae levar aos inimigos da patria o apoio dos seus conselhos.

Estes o aproveitam, mas recompensam-o com a má vontade e a desconfiança que é sempre merecida pelo traidor. Então fugitivo, acolhido sempre, e sempre detestado, póde rehabilitar-se dando aos seus compatriotas a alliança e os favores de Tissaphernes. Isso porém pouco dura, pouco dura tambem o acoordo entre os Athenienses e seu patricio... Logo desterrado, refugiado na Thracia, ao vêr as forças de sua patria tão mal dirigidas em Ægos-Potamos, dá conselhos salvadores. São elles desprezados; e esse homem, um dos mais admiraveis e dos mais inuteis que apresenta a historia grega, vae morrer perseguido, no meio de um incendio na Persia.

cem insultadas, quebradas : a Alcibiades é attribuido esse desacato, e elle sahe de Athenas deixando armados os seus inimigos de uma accusação de sacrilegio.

Na Sicilia, como a seu tempo veremos, abundam colonias gregas; dellas a principal, a dominadora é Syracusa : os Athenienses querem que vinculo de mais intensa dependencia, do que a do simples commercio, prenda ao seu poder essa importante colonia de Corintho.

Logo depois da chegada á Sicilia, entrando o exercito em operações com alguma prosperidade, sem embargo da falta de unidade no commando, e da permanente opposição de Nicias e de Alcibiades, vem de Athenas um navio buscar o habil general, que se vá defender da accusação de sacrilegio : Alcibiades finge obedecer e foge. Então commecam os desastres da expedição.

Sem embargo dos reforços que Athenas lhe manda, Nicias é obrigado a capitular ; os Athenienses, prisioneiros, são reduzidos á mais dura escravidão, de que por fim se resgatam, com o favor de Dionysio, tyranno de Syracusa, recitando-lhe versos dos tragicos de Athenas.

A derrota dos Athenienses, suas perdas materiaes, e mais ainda a ruina de sua força moral, reanimão todos os seus inimigos da Grecia e da Persia. Lamacho e Nicias morrem na expedição ; Demosthenes, que a Lamacho havia sido substituido, tem igual sorte, e Alcibiades, que se desterra para evitar o supplicio contra elle votado, leva comsigo a fortuna da patria.

Os auxilios da Persia dão uma esquadra a Sparta; vae ella triumphar ; porém Alcibiades, o desterrado, dá seus conselhos aos chefes das forças athenienses, convence a Tissaphernes, satrapa da Asia menor, da conveniencia de socorrer Athenas, e as victorias de Cyzico, de Abydos restauram a preponderancia da patria de Alcibiades, que lhe abre as portas, e em que entra elle triumphante. Logo porém os alliados, victimas de continuas extorsões se sublevam; os inconstantes Athenienses desterram Alcibiades :

o commando da esquadra é dado a dez generaes, entre elles está Conon ; uma nova victoria (406) juncto ás ilhas Arginusas parece dizer que Athenas triumphará. Mas uma tempestade impede os vencedores de prestar aos mortos as devidas honras funebres. A superstição e a inveja armam-se dessa fatalidade ; seis dos generaes são condemnados á morte, dous salvam-se expatriando-se.

Entretanto Lysandro, apoiado energicamente por Cyromoço, governador supremo da Asia menor, restaura as forças navaes de Sparta, encontra desprevinidos os Athenienses em Ægas-Potamos (rio da cabra) na Thracia ; incendia a esquadra que acha desamparada, desbarata as tropas que acha diseminadas. A causa de Athenas está perdida.

Agis e Pausanias, reis de Sparta, vêm concluir a obra de Lysandro, cercam a cidade por terra, enquanto este a cerca por mar : a fome obriga Athenas a capitular (404).

Os Spartanos mais ferozes querem que seja ella arrasada : Lysandro porém declara que não consentirá na ruina de um dos mais gloriosos baluartes da Grecia : Athenas é salva ; mas perde as suas fortificações, vê substituído á sua democracia um governo olygarchico de *Trinta tyrannos* ; vê emfim uma guarnição lacedemonia na Acropolis.

CAPITULO XX.

Os Trinta Tyrannos — fraqueza da Grecia. Persia até o tractado de Antalcidas.

A guerra de Peloponeso não teve em unico resultado a ruina de Athenas : Sparta, como toda a Grecia, ficou tão debilitada, a influencia dos Persas foi tão decidida que, poder-se-ia prever a mais completa decadencia desses paizes-se por ventura *sangue novo* os não viesse regenerar.

Em Athenas os Trinta Tyrannos perseguem, exterminam os mais ricos e importantes cidadãos, obrigam a mocidade patriótica a buscar no desterro a segurança. Um d'elles, Theramenes, quer oppor-se a tantas atrocidades; é condemnado a beber cicuta !...

Dos crimes porem que commettem, nem-um é mais infame do que a morte de Socrates (*). Esse, o mais admiravel philosopho do paganismo, que poz por diante as duas grandes máximas :—Conhece-te a ti proprio;—Se sei muito, como diz o oraculo, é porque já sei que nada sei;—esse homem que pelo raciocinio se havia elevado á vasta comprehensão da espiritalidade e da immortalidade da alma, da unidade de Deus, e até talvez da sua natureza trina foi accusado de perverter a mocidade, e condemnado a beber cicuta ! Bebeu-a com a placida indifferença de quem conhece o valor da vida do mundo, de quem confia na eternidade de outra vida melhor, conversando seria-

(*) Defendamos as lettras de uma accusação atroz. Attribute-se geralmente a morte de Socrates, não á perseguição politica, tomando o pretexto sempre poderoso da irreligiosidade, mas á influencia de uma comedia de Aristophanes, intitulada,— *As Nuvens*— em que Socrates é apresentado como ensinando o latrocínio, e o desrespeito aos paes, etc. Qualquer que seja o merecimento dessa comedia, é ella innocentissima da morte do philosopho; basta attender a que foi representada longos annos antes desse crime, para reconhecer que sua influencia devia estar mais do que passada. Sabe-se que Socrates tivera curiosidade de assistir a uma das representações dessa comedia, que o diffamava, e que não se doestára com o ridiculo que as exa-gerações aristophanicas lançavam, não sobre as suas doutrinas, mas sobre a sua pessoa.

Lembremo-nos que Athenas é a cidade que condemna generaes vencedores por não terem podido prestar aos mortos as honras funebres; que arranca a um exercito encarregado de ardua e longinqua expedição o general indispensavel para leval-a a bem, por haver quebrado algumas estatuas de Mercurio; que enfim quer condemnar á morte o philosopho Anaxagoras, accusando-o de atheismo, e só o poupa cedendo ás sollicitações de Pericles, que fôra seu discipulo.

mente com seus discipulos sobre essa immensa verdade do mundo moral :—a immortalidade da alma, os castigos, os premios forçosamente distribuidos por uma justiça eterna.

Tantas atrocidades provocam uma reacção. Thrasibulo, que se havia refugiado em Thebas, volta com os seus companheiros á patria ; uma conspiração o recebe ; o poder dos Tyrannos cessa ; e uma amnistia, a primeira da historia, põe em esquecimento todo o passado. Athenas porem nunca mais reassume importancia militar e politica, ao menos até que appareça Philippe de Macedonia.

Sparta tem de pagar a Cyro-moço os auxilios dello recebidos, e um exercito de Gregos mercenarios apoia as pretensões desse principe.

No throno da Persia têm-se succedido diversos reis. A Xerxes que morre assassinado em 472 succede seu filho Artaxerxes Longamano. A este, depois do breve reinado de quarenta e cinco dias de seu filho legitimo Xerxes II (424), depois de dissensões intestinas e palacianas, succede Ocho (423) que toma o nome de Dario Nothus (bastardo) e deixa reinar debaixo do seu nome, por espaço de dezenove annos, sua mulher Parysatis.

Então os satrapas assumem quasi independencia ; no meio das discordias civis, Parysatis entrega ao ultimo, ao mais querido de seus filhos, o governo supremo de toda a Asia menor. E' este, Cyro-moço.

Conservando o poder que seu pae ou antes sua mãe lhe havia dado, Cyro prepara-se para succeder-lhe no throno, busca a alliança de Sparta, o favor dos Gregos, e quando por morte de Dario (404), o throno passa para Artaxerxes Menemon (*o lembrado*), seu filho mais velho, Cyro, revolta-se e marcha contra elle.

Os dous irmãos, á frente de numerosos exercitos, encontram-se em Cunaxa ; Cyro é derrotado e morto ; porém os mercenarios gregos, ao mando do pirata Clearcho, nada

soffrem, e resistem impavidos a todo o exercito ; por fim, privados dos seus chefes por traição, capitulam e operam a sua retirada.

E' essa uma das mais bellas operações militares da antiguidade : os mercenarios guiados por outros chefes, entre os quaes Xenophonte, que se constituiu seu historiador, atravessam os vastas regiões da Asia central, por entre a má vontade, ou a hostilidade aberta dos povos que as habitam ; vencem todas as difficuldades, e cobertos de maior gloria do que a das mais brilhantes conquistas, trazem á Grecia a revelação da fraqueza do grande imperio asiatico (400).

O triumpho de Cunaxa não dá tranquillidade á Persia, Artaxerxes vê-se obrigado a deixar que Parysatis vingue o seu querido Cyro com o supplicio dos mais fieis servidores do rei. Tissaphernes entretanto recebe o governo da Asia menor, e o encargo de reduzir á obediencia e á subjeição essas provincias que a ambição de Cyro havia agitado, e que esperavam tornar effectiva a liberdade garantida pelo tractado do Cimon.

Para soccorrel-as, Sparta apenas lhes manda alguns soldados ás ordens de Thimbron e de Dercellidas ; nada porém conseguem até que Agesilau, rei de Sparta, e digno de outros dias, venha á Asia (397). No meio porém de suas victorias, Agesilau é chamado a Grecia para defender a patria contra os Thebanos.

A sua retirada dá signal da ruina dos Gregos da Asia, os Athenienses querem aproveitar o talento militar de Conon para tirar de Sparta uma desforra iniqua, pois sacrifica a liberdade das ilhas e da Asia. Em quanto os Thebanos occupam as forças de Sparta, Conon percorre as ilhas com uma esquadra em que abundam navios persas ; suas victorias tanta arrogancia dão á republica decabida, tanto exaltam as suas pretensões, que Artaxerxes resolve pôr-lhe cobro celebrando com Antalcidas, chefe

spartano, um tractado que revoga e annulla todas as estipulações do de Cimon (388).

CAPITULO XXI.

Thebas : Pelopidas, Epaminondas.

Thebas que não vimos figurar na historia, depois da desastrosa guerra dos Epigones, Thebas, que sempre acompanhára nas questões gregas a influencia de Sparta, que apenas se distinguia pelo odio que votava a Thespias e a Plateas, suas visinhas cujo heroico proceder nas invasões dos Persas era como uma constante reprehensão de seu aviltamento, Thebas tem agora Pelopidas e Epaminondas ; um periodo de grandeza e de gloria, tão brilhante quão ephemero, vae se lhe abrir.

Uma occurrencia de pouca importancia ateia um vasto incendio. O Spartano Phebidas, de marcha para a Thracia, onde vae subjugar e punir as cidades que haviam sido favoraveis a Athenas, pára na Beocia ; Leontidas, chefe de uma das facções que dilaceram Thebas, pede-lhe o seu auxilio, e o introduz na Cadméa (fortaleza dominadora da cidade, como Acropolis o é de Athenas).

Os Thebanos queixam-se ; os Ephoros castigam com uma multa a perfidia de Phebidas, mas não mandam entregar a fortaleza, pelo contrario, firmando-se na posse della, governam tyrannicamente a cidade. Alguns jovens Thebanos expatriados inspiram-se do exemplo de Trasybulo, desse expatriado de Athenas, que em Thebas tramára a conspiração que libertára a sua patria.

Sahem pois de Athenas, debaixo da direcção de Pelopidas, dirigem-se para Thebas ; uma conspiração lhes abre as portas ; surpreendem os chefes spartanos com os seus alliados em uma orgia ; matam-os ; a guarnição de Cadméa, assustada, a entrega aos conspiradores. A republica de Thebas está restaurada. Os Spartanos condemnam á

morte dos dous chefes que haviam entregado Cadmóa, destroam o outro, e assim mostram sua má vontade e sua fraqueza (378).

Logo começa a guerra. Os Athenienses, indignados com a perfidia do Spartano Sphodrias, que procurára surpreender o Pireu e incendiar a sua esquadra, não obtendo dessa perfidia a necessaria satisfação, unem-se a Thebas. Cleombroto e Agesilau invadem a Beocia ; os Thebanos oppoem-lhes uma habil tactica, aprendem com elles a arte da guerra, vencem-os, excluem-os de Beocia, e por fim na batalha de Leuctras, embora inferiores em numero, desbatalam-os completamente (371).

Athenas, que, a principio alliada fiel, acompanhára Thebas, e lhe dera o apoio de sua marinha, commandada por Chabrias, posteriormente toma-se de ciumes, receia a preponderancia thebana, e abandona a sua causa.

Sparta, que em Leuctros perdera o seu rei Cleombroto, procura reanimar os seus antigos brios ; mas o principio de revolta está em todas as cidades do Peloponeso, tanto tempo submissas ao seu dominio. Epaminondas reanima a Arcadia, funda Megolopolis, restaura a cidade de Messenia, para ella chama todos os descendentes daquelle povo heroico. Sparta oppõe-lhe Agesilau, arrancando-o á Asia, theatro de sua gloria, dá liberdade aos Hotes, incorpora-os no seu exercito.

Os habeis generaes de ambas as republicas suscitam por toda parte aggressões, por toda parte oppoem resistencia. Pelopidas e Epaminondas, arrastados pela necessidade dessas operações militares, conservam o poder além do prazo legal ; por isso são responsabilizados, e, se alcançam a absolvição, vêm-se reduzidos a empregos subalternos.

O poder emfim é restituído a Epaminondas, que leva seu exercito ao Peloponeso, e chega tão proximo de Sparta que as mulheres spartanas vêm pela primeira vez a fuma-

ça do acampamento inimigo. Por fim alcança em Manti-
néa a mais completa victoria (363).

Nella morre o heróe; antes delle, occupados nas guerras
que subjeitam a preponderância thebana a Thessalia e a
Macedonia, Pelopidas havia igualmente succumbido em
Cynocephales, na meio de um triumpho (365).

Com esses dous genios succumbe a grandeza de The-
bas; a de Sparta está anniquilada; Athenas mal pôde ter
odios e invejas, sem energia. A politica de Tissaphernes
tem conseguido os mais completos resultados.

CAPITULO XXII.

Lettras e artes na Grecia.

O desenvolvimento litterario e artistico da Grecia acom-
panha as phases dessas lutas.

Se a Beocia só dá o lyrico Pindaro para protestar contra
a accusação de estolidez lançada contra ella, Athenas, a
patria da poesia dramatica, a inventora da tragedia, da
comedia e da farça satyrica, Athenas, a polida, apresen-
ta-nos o historiador Thucydides, o admiravel Xenophonte,
e assim justifica a sua reputação: o valor da expressão
— atticismo — é tão conhecido como o da qualificação de
beocio.

Reunindo todas as glorias, Athenas nos apresenta as
diversas escolas philosophicas que nascem do grande en-
sino socratico: Platão funda a academia, Aristoteles a
seita peripatica, Anthistenes, mestre de Epicuro, a dos
materialistas-sensualistas, Zenon, essa seita estoica cujo de-
feito é exagerar a virtude a ponto de transformal-a em os-
tentação; Diogenes funda com seu exemplo a seita cyni-
ca, que faz da immundicie, do desdem e de tudo quanto é
humano um pretexto ou um titulo para a todos dif-
famar.

Os discipulos de todas essas escolas animam a vida

atheniense, suas discussões purificam a lingua, suas argucias aguçam o espirito humano, Aristoteles, o Humboldt da antiguidade, o genio mais vasto, a applicação mais tenaz de que ha noticia, dá impulso simultaneo a todas as sciencias de observação, a todos os ramos de conhecimentos humanos, descobre pela analyse todos os principios das sciencias do raciocinio e das expansões litterarias da imaginação.

Se a architectura espera que Roma lhe venha encomendar seus grandes monumentos, depois de haver construido o Parthenon, o Pantheon, os bellos templos de Athenas, a esculptura e a pintura continuam a dar grandes talentos, a multiplicar no marmore e na tela essas paginas animadas pelo sentimento da belleza, que captiva os Gregos.

Entretanto a praça publica, os seus debates, desenvolvem a eloquencia ; se sophistas ensinam a mocidade a defender de improviso o *pró* e o *contra* de qualquer questão que se lhe apresenta, ha esse ensino pratico e quotidiano das discussões do *Agora*, que póde formar os Demosthenes.

E o theatro vae fortificando o gosto litterario ; se a tragedia não dá mais competidores a Sophocles, nem successores a Euripides, a comedia se depura das tendencias de Aristophanes, e apresenta modelos que, em Roma, Plauto e Terencio procuram imitar.

A decadencia politica da Grecia ainda, pois, não se faz sentir nos dominios da arte e da litteratura.

CAPITULO XXIII.

Persia até a invasão de Alexandre.

Se porém o ouro, as insidias e ás vezes as esquadras da Persia podem fomentar as discordias das republicas gregas, e impossibilitar uma reacção contra a infamia

do tractado de Antalcidas, o segredo da fraqueza desse imperio está revelado pela retirada dos Dez mil, o esta progride até trazer a completa ruina da immensa monarchia.

As insurreições nas diversas partes de tão desconjuncta machina obrigam Artaxerxes Mnemom a constantes esforços ; já tem de subjugar Evagoras, que quer arrancar a ilha de Chypre ao seu dominio, já de vencer os Cadusios, de desarmar os satrapas da Paphlagonia e da Pisidia, já de reconquistar o Egypto.

Sempre revoltoso contra os successores de Cambyses, o Egypto consegue manter por algum tempo a sua independencia. Pharnabazo, que, sustentado pelo general atheniense Iphicrates, vem subjugal-o, é mal succedido ; os Persas fogem, retiram-se para a Phenicia. Logo todas as provincias occidentaes e maritimas insurgem-se, confederam-se ; o imperio de Cyro está nas vespas de sua ruina ; a geral sublevação priva-o da metade de suas rendas e dos seus recursos.

Sparta manda Agesilau auxiliar o Egypto. Este porém irrita-se contra Tachos, chefe e rei dos insurgentes, e substitue-lhe outro mais do seu agrado. Tachos, irritado, põe-se ao serviço da causa de Artaxerxes. Agesilau sustenta aquelle a quem havia dado o poder ; por fim, reunindo consideraveis thesouros, embarca para voltar á Grecia : arrojado por uma tempestade em uma costa deserta da Libya, ahi morre na idade de 86 annos.

O Egypto volta ao poder do grande rei. As outras provincias já estavam subjugadas : tinham sido vendidas e atraíçoadas por Orontes, a quem haviam escolhido para commandar o exercito alliado. Nesse entrementes Artaxerxes, ralado de desgostos domesticos, obrigado a condemnar seu filho mais velho, que conspira contra seus dias, vê Ocho, outro filho, assassinar dous dos seus irmãos, para assegurar-se a successão ao throno, e succumbe (362), deixando o poder a esse fraticida.

Para nelle firmar-se, Ocho manda matar mais de 150 parentes seus ; não desarma porém os facciosos ; dous delles, mais habeis, Mentor e Bagoas, conservam-o em permanente tutela. Por fim Bagoas o mata, mata igualmente a todos os seus filhos, só deixa vivo o mais moço, Arsés, a quem dá o throno. Vendo porém que não tem nelle um instrumento tão docil quanto esperava, mata-o, como a todos os seus irmãos já havia feito, e chama ao poder Dario Codomano (336). Nesse mesmo anno subia Alexandre ao throno de Macedonia.

CAPITULO XXIV.

Macedonia e Philippe.

Rodeiado de montanhas quasi inacessiveis, tendo ao sul a Thessalia, a leste a Thracia, a Oeste a Illyria, a Macedonia era quasi barbara. Seus povos viviam em contínuas guerras intestinas ou com os povos vizinhos : da Grecia apenas Athenas e Thebas mantinham com elles relações. Depois de porfiadas lutas, o apoio dos Thebanos, ao mando de Pelopidas, tinha assegurado o throno a Perdicas, filho de Amyntas, levando, para refem dos seus ajustes, o irmão mais moço do seu protegido, o joven Philippe. Morre porém Perdicas ; varios principes, apoiados em povos estrangeiros, disputam o poder ; Philippe consegue fugir de Thebas, apresenta-se elle unico sem auxiliar algum, e, sustentado sómente pelo partido nacional, devia vencer ; venceu (360).

Illyrios, Peonios, Thraces, recebem subsidios e desamparam os seus protegidos. O protegido de Athenas morre em um combate em que se rendem á discrição tres mil Athenienses. São estes tractados com summa benevolencia, restituídos á liberdade, mandados para Athenas a expensas do rei, que quer captar as boas graças da afamada república.

Consolidado no throno, tracta de reformar o Estado ; para evitar a continuação das guerras civis, reúne em redor de si, no seu palacio, no seu exercito os filhos das principaes familias, que assim vêm satisfeita, se não a sua ambição, ao menos a sua vaidade. Organisa a phalange macedonia, que deve tornar-se a força melhor dos seus exercitos, e ser reputada invencivel até o dia em que se encontrar com as legiões romanas.

Então começa a execução de seus projectos ; penetra na Peonia, na Illyria, derrota esses vizinhos, tantas vezes incommodos, e põe termo a suas excursões.

Amphipolis, colonia de Athenas, é por elle tomada com o auxilio de Olyntho, colonia de igual origem, que assim satisfaz a seus odios locais, e em paga recebe Potidéa e Pydna, e até Authemonte, cidade da Macedonia, que o rei para elle conquista : logo invade a Thrácia, toma Crenides, para onde manda uma colonia que dá á cidade o nome de Philippos e ao rei abundantissimas minas, cujos productos lhe servem para auxliar a sua diplomacia ; pois Philippe declarava não haver praça invencivel desde que nella pudesse entrar um burro carregado de dinheiro.

Protege os Thessalios contra a tyrannia dos que haviam morto Alexandre de Pheres ; esse serviço ainda mais o enriquece, pois os Thessalios agradecidos dão-lhe rendimentos consideraveis e o direito de entrar nos portos do golpho Thermaico.

A esse tempo casa-se com Olympias, princeza do Epiro, que lhe traz a alliança e a amizade dos povos dessas regiões.

Emquanto assim vae augmentando o seu poder, os Athenienses, occupados com reduzir á sua dependencia as antigas colonias que delles se haviam afastado, empregando seus recursos e seus generaes nessa guerra que tem o nome de Guerra Social, não podem embarçal-o.

Para que os seus planos melhor se desenvolvam, cumpre que Philippe tenha legitima intervenção nos negocios

da Grecia, seja principe grego ; ora a Macedonia não fazia parte da Grecia.

A Guerra Sagrada dá-lhe optima occasião.

Os Phocidios tinham usurpado os Campos de Cyrrha, pertencentes ao territorio de Delphos : foi necessario punir esse sacrilegio. Diversos povos da Grecia, tendo á frente Spartanos e Athenienses, sustentam a causa dos Phocidios, e desrespeitam as decisões do conselho amphictyanico ; os Thessalios, os Thebanos e outros sustentam o tribunal, e Philippe é protector dos Thessalios.

Marcha pois contra os Phocidios, apodera-se de Methone, e arrasa-a; ganha uma victoria importante, e manda arrojao ao mar, como sacrilegos, os corpos dos inimigos mortos no combate : é general do conselho amphictyonico, encarregado da execução dos seus decretos.

Emquanto assim aproveita as circumstancias para promover os seus interesses, fingindo servir a causa da religião procura apoderar-se das Thermopylas : mas ali acha os Athenienses que lhe embargam o passo, e obrigam-o a retirar-se.

Os Athenienses haviam acordado : até então contentavam-se com detestar a Philippe, e felicitar-se no dia em que recebiam a falsa noticia da sua morte, agora já ouvem o incansavel Demosthenes, já vencem a indolencia, fazem preparativos opporrtunos, e não só nas Thermopylas chegam a tempo, mas tambem em Byzancio, e salvam essa colonia, já por Philippe ameaçada.

Este que já tem ganho immenso, póde agora estudar meios de disfarces que inspirem aos Athenienses fatal segurança ; retira-se pois para sua capital, rodeia-se dos mais habéis artistas, parece esquecer a ambição no seio dos prazeres.

Quando os Athenienses o julgam adormecido em Pella, oil-o acommettendo a Eubéa, accusando Olyntho de dar abrigo aos conspiradores da Macedonia. Da Eubéa repelle-o Phocion; porém Olyntho, entregue pela traição, é ar-

rasada. Sua esquadra, já superior á de Athenas, o leva á Attica onde destróe os trophos de Marathona e de Salamina.

Emfim compra aos partidos da Eubéa a entrega da ilha. Assustados os Athenienses mandam-lhe uma embaixada, a cuja frente vai o orador Demosthenes ; pedem paz : Philippe concorda nas bases propostas. Quando porém lhe levam redigido o tractado para que o assigne, já o acham no fundo da Thracia, percorrendo e fortificando os limites de seu imperio; Athenas entretanto já se desarmava. O tractado é todavia recebido, e assignado em Pheres, na Thessalia.

Com essa noiticia os Athenienses manifestam a maior alegria ; já votam agradecimentos a Philippe, quando este passa as Thermopylas, allegando a necessidade de proteger Thebas contra os Phocidios, que se haviam senho-reado de algumas cidades da Beocia. Desbarata-os, exclue-os de todas essas cidades, apodera-se emfim da Phocide, e recebe do conselho amphictyonico uma posição na confederação grega, e os dous votos que competiam aos Phocidios (345).

Esses sucessos mostram a Athenas a imminencia do perigo ; procura ella suscitar uma liga, convida Sparta e Corinthio. No meio desses esforços, o povo distrahe toda sua attenção para entreter-se com a accusação de Demosthenes contra Eschino e Philocrates, oradores assalariados de Philippe..... E o habil politico, frustrando os projectos da louca e pueril republica, apparece na Laconia, encarregado pelo conselho amphictyonico, de castigar a Sparta pela velha traição phébidas. Sparta, Corintho intimidadas, enfraquecidas, cedem, repellem os convites do Athenas.

Esta porém conta com o apoio dos Persas ; sem declaração de guerra, prende os embaixadores de Philippe, manda Diopito atacar algumas cidades da Macedonia ; Diopito é vencido e morto, mas Phocion toma o commando

do exercito, consegue salvá-o, e defender Byzancio e a Thracia.

Philippe dirige-se para a Grecia, desembarca na Phocide, encontra os Athenienses, unidos aos Thebanos, que a eloquencia de Demosthenes havia podido despertar; os campos de Cheronéa dão-lhe a victoria, e entregam-lhe a Grecia inteira.

Então proclama elle a guerra á Persia; nomeado generalissimo dos Gregos, volta á Macedonia, afim de preparar essa immensa conquista. Ahi morre assassinado (336).

O jubilo dos Gregos, e especialmente de Athenas, não tem limites : persuadem-se que a grande obra da concentração helenica está destruida : não sabiam que o successor de Philippe, esse mocinho a quem desprezavam, era um dos primeiros genios de que se honra a humanidade.

CAPITULO XXV.

Alexandre.

Na idade de vinte annos, chamado á herança de seu pae, Alexandre vê desconjunctar-se todas as peças dessa monarchia que o ouro e a espada de Philippe haviam conquistado. Cumpria-lhe não perder momento : ataca e reduz os Thraces, desce á Beócia, encontra já ligados os Thebanos e os Athenienses, prestes a adherirem-lhes os povos de Peloponeso ; apodéra-se de Thebas, incendia-a, salvando apenas a casa em que havia morado Pindaro. A rapidez desses triumphos desanima as resistencias : a Grecia está prompta para acompanhar o heróe na conquista da Persia.

Alexandre foi discipulo, conservou-se sempre amigo de Aristoteles ; era pois dedicadissimo ás lettras ; o seu respeito á memoria de Pindaro, a attenção com que guardava e tinha sempre comsigo os poemas de Homero, annunciavam como se mostraria em Athenas. De feito, os

Athenienses foram tractados com a maior benevolencia, seus philosophos, até mesmo Diogenes o cynico, honrados com a visita do vencedor. Entretanto a cidade inquieta recebeu guarnição macedonica.

Deixando Antipater no governo da Grecia com 25,000 homens, reune Alexandre um exercito de 30,000 soldados de infantaria, de 4,500 de cavallaria, uma esquadra de 160 navios, e com forças tão diminutas vae atacar esse imperio que reunira trez milhões de soldados contra a Grecia, e que occupava a Asia toda até o Indo e o Oxo (334).

A conquista foi rapida. Alexandre comprehende que lhe era essencial dominar nos mares e nos littoraes; porque a Grecia, sempre inquieta, devia ser permanentemente contida, e da Grecia lhe tinham de vir os reforços, os subsidios de que carecesse.

Percorre pois a Asia menor; na Troade visita o tumulo de Achilles, e ahí solta essa famosa exclamação:—Homem feliz, quanto te invejo! tiveste um amigo como Patroclo, um cantor como Homero!

A conquista da Asia menor só lhe custa um combate; dá-o juncto ás margens do Granico, e tão completa é a victoria, que desorganisa de todo o primeiro exercito persa.

Habil politico, Alexandre associa toda a Grecia a essa victoria: a inscripção do padrão commemorativo que manda levantar a attribue a *todos os povos da Grecia, menos os de Sparta*.

Com essa exclusão foi solememente castigada a república de Lycurgo, que não quiz unir-se ao resto da Grecia, nessa desforra das invasões de Dario e de Xerxes.

Todas as cidades abrem suas portas ao vencedor, que capta em todas ellas as affeições populares pela benevolencia com que as tracta.

Quando se acha em Gordio, capital da Phrygia, condescende com as ideias supersticiosas da epocha, cortando ou desatando o famoso nó a que o oraculo ligava o dominio da Asia.

Depois do Granico, só na Celesyria acha resistencia ; é-lhe necessario vencer em Isso. Essa nova victoria entrega-lhe todo o occidente do imperio ; basta a presença do seu exercito para tudo se lhe render, menos a cidade de Tyro. Confiada na sua posição insular, essa cidade espera evitar a sorte commum, apenas consegue demorar seis mezes o vencedor ; mas uma perda de seis mezes é de sobejo para a actividade devoradora desse moço ; Tyro lh'a ha de pagar. Com effeito, depois da conquista do Egypto, Alexandre funda Alexandria em posição tão bem escolhida, que toda a importancia e opulência de Tyro desaparece, affluindo o commercio para sua nova rival.

Estando no Egypto, Alexandre quiz visitar o templo de Jupiter Ammon ; é recebido pelos sacerdotes com a maior estima, e o oraculo o declara filho de Jupiter, destinado ao dominio do mundo : assim domina as superstições populares !

Os exercitos de Dario eram numerosissimos, entre elles porém mais avultava a limitada força de 30,000 mercenarios gregos, commandados pelo Rhodio Memnon.

Se os conselhos deste houvessem sido seguidos, se os Persas tivessem podido confiar nos mercenarios, e não suspeitassem em tudo e por tudo a sua lealdade, outro talvez tivesse sido o resultado da guerra. Digno competidor de Alexandre, Memnon aconselhava que a todo custo se evitassem batalhas, que se afadigasse o inimigo, obrigando-o a continuas marchas, que nas regiões por onde houvesse de passar, o patriotismo tudo destruísse, tudo arrasasse, tudo incendiasse : assim em breve cansados, faltos de provisões, os soldados de Alexandre esmoreceriam, estariam vencidos.

Mas os Persas já não tinham a energia necessaria para semelhante systema de defesa ; marchavam em bandos innumeros ao encontro do inimigo, eram derrotados, fugiam, deixando-lhe provincias, cidades opulentas, acam-

pamentos providos de todas as municações, e um sem-número de captivos e captivas.

Entre essas, depois da batalha de Isso, acharam-se a mãe, a mulher, a filha de Dario; Alexandre respeitou-as, tractou-as com estudada consideração. O modo com que se havia quer com os prisioneiros, quer com as provincias conquistadas, reunia em redor d'elle as sympathias, facilitava-lhe e novos triumphos, e denunciava seus planos de confundir os vencidos e os vencedores em um só povo, em uma só monarchia grego-asiatica.

Em breve, a morte de Memnon livrou Alexandre do perigo de ver adoptados alguma vez os seus conselhos, e a Dario dos remorsos sempre tardios de os ter desprezado.

Dario se havia refugiado para além do Euphrates; ahi o foi Alexandre encontrar, e a batalha de Arbelles completou o que as de Granico e Isso haviam começado.

O rei foge procurando alcançar a Bactriana, onde espera achar guerreiros capazes de lutar com os Gregos. Na fuga porém é assassinado (330) por Besso e Nabarzanes, em que se fiára, e que pensavam com esse crime captar as boas graças de Alexandre.

A traição não póde agradar ao heróe. E entretanto já vae elle degenerando com a influencia do triumpho, já, depois de uma orgia, incendia Persepolis, já vae desconfiando dos Gregos que não applaudem ás suas deferencias para com os costumes e usos dos vencidos.

A marcha conquistadora de Alexandre continúa, e o leva até ás remotas regiões da India. Ahi, depois de domar a parte septentrional desses riquissimos payzes, e de conciliar a amizade de Taxilo, a submissão e a admiração de Poro, organisa as provincias conquistadas, entrega-as ao governo desses dous principes, para nas margens do Hyphases, e cede enfim ás instancias dos seus soldados, cansados de tão longas peregrinações, saudosos dessa patria de que tão longe se acham (326).

Depois de uma marcha demorada, em que mais se re-

velam os seus gigantescos projectos, chega a Babylonia, e lá morre na flôr da idade, com 32 annos e 8 mezes, em consequencia de uma orgia (325).

Deixando no esquecimento a indesculpavel iniquidade com que matou o bravo Clito, veterano dos exercitos de Philippe, e que lhe salvara a vida na batalha de Granico ; a perfidia cruel com que se desfaz de Parmenião e de Philotas ; a indignidade com que castiga de morte Callisthenes, philosopho discipulo de Aristoteles, que lhe estranhou o pretender que os Gregos se prosternassem, á moda dos Persas, na sua presença ; deixando no olvido essas nodoas sangrentas, paremos um pouco diante desse grande vulto, não para admirar o guerreiro, mas para estudar os vastos planos do insigne politico.

Vejamol-o, em constante relação com seu mestre Aristoteles, remetter-lhe quantas noticias, quantos documentos ha dignos do estudo do sabio. Nas margens do oceano, os Gregos assustam-se com as marés, que no Mediterraneo não tinham podido conhecer : Alexandre informa do phenomeno seu sabio mestre, e pede-lhe explicações. Vejamol-o mandar por Nearcho estudar os mares da India, e da foz do Indo seguir até á foz do Tigre, para abrir essa utilissima via aos productos das opulentas regiões que acaba de percorrer ; vejamol-o estudar minuciosamente as provincias por onde passa, fundando nellas, como etapes de futuras viagens, grandes cidades, irmãs da egypcia Alexandria ; vejamol-o emfim conceber o projecto de unir pelos vinculos da opulencia, da industria, do commercio a Grecia ao mais remoto oriente, adiantando assim os progressos da humanidade, e o triumpho da civilisação ; vejamol-o, concebido assim tão admiravel projecto, tudo dispôr, tudo adiantar para realisal-o ; e lamentemos que um genio dessa plana não soubesse refreiar o vicio tão asqueroso quão fatal, que causou o incendio de Persepolis, o assassinio de Clito, e a morte do heróe.

CAPITULO XXVI.

Successores de Alexandre.

No leito da morte, Alexandre devia sentir horrivel amargura; previa que iam desconjunctar-se todas as peças do seu vasto imperio, que dos seus gigantescos planos mal ficaria memoria, que talvez a posteridade o tomasse por um simples ganhador de victorias: por isso, quando os seus generaes lhe perguntaram quem queria que lhe succedesse — O mais digno, respondeu, e vejo que se me preparam sanguinolentos funeraes.—

Todavia ao expirar entregou o seu anel a Perdicas, um dos seus generaes, como que assim designando-o.

A familia real compunha-se de Olympias, de Cleopatra, mãe e irmã de Alexandre, de Eurydice, filha de uma irmã de Philippe; de Arrhideu, bastardo de Philippe com quem Eurydice casou, de um filho natural de Alexandre, Hercules; Roxanes filha de Dario, e esposa legitima de Alexandre, ficára grávida. Comprehendem-se as complicações dessa herança, em uma cõrte dividida pelas intrigas e arrogancia de tantas princezas, especialmente quando Arrhideu (do sangue de Philippe) é idiota, e quando o filho legitimo de Alexandre, que nasce trez mezes depois de sua morte, Alexandre-Aigus, é filho de uma Barbara, de uma captiva das armas gregas.

A questão foi pois entregue aos generaes; a familia de Alexandre apenas serviu para dar-lhes pretextos.

De todos só Eumenes se lhe mostrou leal e sinceramente dedicadô; os mais apenas tractaram de arranjar para si o melhor quinhão que pudessem dêsse imperio sem dono.

Ha uma primeira partilha: Antipater fica com a Macedonia e a Grecia; Cratéro com a guarda do thesouro; Perdicas com a direcção geral do governo e o commando do exercito; Seleuco com o commando da cavallaria; Ptolemeu, filho de Lagus, com o Egypto.

As mais provincias são repartidas desigualmente entre os outros chefes, entre os quaes notaremos Lysimacho, Eumenes e Antigono.

Essa divisão a poucos podia agradar; ligas e guerras continuam entre os herdeiros; a morte de Antipater as vem aggravar. Deixa este o seu poder a Polysperchon, excluindo seu filho Cassandro. Quer Cassandro reassumir a herança paterna; por incitamento seu as cidades gregas se insurgem; a ambição agita essas regiões, a guerra é geral. Emfim nos campos de Isso (302) uma batalha decisiva entre tantos pretendentes determina uma nova partilha. Quatro reinos ficam apenas subsistindo: o da Macedonia, o da Syria, o do Egypto, o da Thracia.

Este ultimo, que fôra dado a Lysimacho, desaparece logo que este morre: aproveitando as circumstancias, os Thracas subtrahe-se ao dominio dos herdeiros de Alexandre, e voltam ao regimen a que as armas, a diplomacia e a actividade de Philippe os haviam arrancado.

Reino de Syria. Esse reino importantissimo cabe a Seleuco-magno, que funda a dynastia dos Seleucidas, e estende seu dominio até o Indo e o Oxo. Deixa-o em 281 a seu filho Antiocho-Soter, em cujo reinado os Gaulezes penetram na Asia menor; são porém desbaratados. Succede-lhe em 260 Antiocho-Theos, cujo reinado viu começar o desmembramento do imperio. Dous principes parthas, Arsaces e Tiridates, insurgem-se, e fundam um imperio que tem de tornar-se glorioso (255). Outras insurreições apparecem. Com ellas lutam Seleuco *Nicator*, Seleuco *Ceraunus* e Antiocho-magno; a emphatica ostentação desses nomes de salvador, de deus, de vencedor, deraio, se prova a adulação dos subditos, longe está de dizer a verdade. Emfim a Antiocho assassinado em 187 e a seu filho Seléuco IV, igualmente assassinado em 176, succede Antiocho Epiphenes (brilhante) que continúa os antigos projectos dos Seleucidas contra o Egypto. Mas já a esse tempo as garras da aguia romana dilaceravam essa parte do impe-

rio de Alexandre, já Antiocho magno tinha dado pretexto á ambição da republica occidental.

Em breve veremos como o imperio dos Seleucidas, já desmembrado em diversos reinos, mais ou menos insignificantes, transforma-se em provincia romana.

Reino do Egypto. Ptolemeu, filho de Lagos, ali funda a dynastia dos Lagides. Seus successores que todos têm o nome de Ptolemeus, e recebem ou da adulação ou da ironia alcunhas historicas, quasi sempre desmentidas pela verdade, envolvem-se em guerras com a Macedonia, com a Syria, são flagellados por multiplicadas dissensões intestinas, e enredos e lutas palacianas; mas têm a prudencia de fazerem-se acceitar como amigos e alliados do povo romano, e nessa qualidade conservam os seus Estados, debaixo da protecção e tutela do senado, até que, no meio das discordias romanas, Cleopatra, ultima rainha egypcia, errando o seu jogo entre os chefes dessas guerras civis, succumbe inimiga de Octavio. O Egypto é então declarado provincia romana (30). Só, em gloria dos Lagides, apontaremos o desenvolvimento de Alexandria, o estabelecimento de um pharol para guiar os navegantes, a fundação de um museu e de uma livraria, tão indispensavel em epocha em que os livros, manuscriptos, eram tão raros, a instituição de diversas escolas, e de uma academia, de onde sahiu o neoplatonismo, que tanta influencia exerceu nos estudos philosophicos.

Macedonia e Grecia. Para o reino da Macedonia ha duas causas permanentes de ruina. Estende-se elle sobre a Grecia, e a Grecia é sempre esse payz revoltoso, em que a guerra civil parece endemica: tem a seu lado visinhos bellicosos, e entre esses o Epiro, e a Thracia.

O reino é dado a Cassandro, filho de Antipater. Demetrio, filho de Antigono, reúne um pequeno exercito, depois da derrota e da morte de seu pae em Ipso, e com elle vae para a Grecia, onde se estabelece tomando Athenas e Megara, e derrotando os Spartanos.

A morte de Cassandro deixa a Macedonia entregue facções promovidas por seus numerosos filhos; um delles, chama contra seus irmãos o soccorro de Pyrrho rei do Epiro, e o de Demetrio. O rei do Epiro chega primeiro, e vencendo os competidores desse principe, dá-lhe o throno. Podendo então dispensar o auxilio de Demetrio, o filho de Cassandro arma-lhe ciladas; Demetrio reage mandando-o matar, e proclamando-se rei de Macedonia.

Influido por essés resultados, Demetrio se dispõe a marchar contra Seleuco, Ptolomeu e Lysimacho; vê-se por elles atacado, e por Pyrrho que, tendo sabido conciliar-se a affeição dos Gregos, invade logo as provincias occidentaes de Macedonia. Demetrio (*) entretanto vae á Asia, é vencido por Seleuco, e por elle preso, morre deixando sua desgraçada successão a seu filho Antigono de Goni (286).

O throno da Macedonia é occupado por Lysimacho; Seleuco porém vence-o em um combate em que morre esse rei da Thracia, acabando com elle a sua dynastia. O vencedor pouco tempo conserva o throno da Macedonia: Ptolomeu Cerauno (o raio), enxotado do Egypto por sua irmã e sua madrastra, o assassina. Quatro competidores disputam o poder; Antiocho filho de Seleuco, Pyrrho rei do Epiro, Antigono de Goni e esse Ptolomeu, que por fim afasta os dous primeiros competidores, e vence o terceiro.

Então a Macedonia e a Grecia são invadidas pelos Gaulezes; Ptolomeu morre por elles vencido (278). Os invasores porém não respeitão o territorio sagrado de Delphos; um terremoto, horriveis tempestades assustam os sacrilegos, que fogem, e são exterminados.

Antigono sóbe ao throno, e firme nelle, já pela morte de Pyrrho, já pela derrota do seu filho Alexandre, occupa-se em restaurar o dominio macedonico na Grecia.

(*) A' adulação dos Athenienses deveu esse principe o titulo de *Poliorectes* (tomador de cidades).

Nessa empreza graves embaraços encontra.

Arato, natural da Achaia forma uma liga entre diversas cidades, é nomeado *stratego* (commandante) della, e proclamando-se defensor da liberdade grega, soccorre os Beocios contra os Etolios, obtem a adhesão de Sicyone, de Corintho, de Megara; outras republicas porém, Megalopolis, Argos, a Etolia, lhe não accedem. A necessidade de lutar com ellas, não só diminue as forças necessarias para refreiar a Macedonia, mas até obriga Arato a fazer com Demetrio, filho e successor de Antigono, um tractado de alliança offensiva e defensiva.

Demetrio morre (233), succede-lhe seu irmão Antigono Gozon: Arato aproveita o ensejo, apodera-se de Athenas, da Salamina, vê unirem-se-lhe a ilha de Egina, grande parte da Arcadia: então porém começam os desastres da liga achaica.

Cleomenes, rei de Sparta, procura restaurar a grandeza dessa republica, restaurando as leis de Lycurgo. Logo marcha contra Arato, vence-o duas vezes, arranca-lhe diversas cidades da liga, e por fim ao inimigo enfraquecido propõe paz. Arato faz repellir a proposta, e chama em seu auxilio o rei da Macedonia. Com tal soccorro vence a Cleomenes, que é obrigado a refugiar-se no Egypto. Antigono aproveita a alliança para restabelecer em Sparta o governo destruido por Cleomenes, para assenhorear-se de Corintho, de Orchomenes, e proseguiria, se não fosse chamado á Macedonia por uma invasão de Illyrios. Em luta com esses povos morre, e deixa o poder a seu filho Philippe (221).

A prostração da liga achaica entrega todas as cidades gregas a Philippe. Unicos os Etolios lhe não cedem; entram no Peloponeso, unem-se aos Spartanos, derrotam Arato.

Philippe acode em socorro de seus alliados; trava-se a chamada—guerra das duas ligas.—Philippe devasta a Eto-

lia, apodera-se da Elide, derrota duas vezes os Spartanos; por fim concede paz aos vencidos (217).

A esse tempo Annibal suscita por todo o mundo inimigos contra Roma; Philippe acceita os seus convites, arma uma esquadra, ataca Apollonia. O primeiro revez que soffre, o obriga a desistir; volta á Grecia, chama contra si os odios populares e manda envenenar Arato. A vingança porém dos Romanos o acompanha; suscita-lhe por toda parte inimigos, restaura a liga achaica, cujo chefe é Philopemen, digno successor de Arato. Entretanto Philippe ainda mais irrita os Romanos mandando a Annibal, na Africa, um soccorro de quatro mil Macedonios.

Os Romanos comprehendem que já é tempo de apparecer na Grecia dilacerada, enfraquecida: T. Flaminio desembarca pondo por diante a palavra *liberdade*. Os Gregos applaudem-o, quasi todos desamparam Philippe, que, derrotado em Cynocephales (onde a phalange não pôde manobrar) subscrive um tractado vergonhoso, e dá em refens seu filho Demetrio (197).

No anno seguinte os Gregos reunidos nos jogos isthmicos, ouvem apregoar um decreto do senado e do povo romano que lhes restitue a liberdade. Esse povo degenerado não comprehende que a liberdade dão pôde ser dadiva de uma potencia estrangeira.

Entretanto fica na Grecia esse elemento de novas discordias, e com elle os Etolios e Nabis, tyranno de Sparta, inimigo natural e implacavel de Philopemen, chefe da liga achaica.

Nabis, vencendor duas vezes, é por fim morto, (192) e a liga triumphante recebe a adhesão de Sparta. A Etolia, irritada contra os Romanos que não lhe haviam dado o premio da alliança anteriormente ajustado, liga-se a Antiocho, rei da Syria. Antiocho vem á Grecia; mas diverte-se, quando lhe é necessario toda a actividade, e por fim volta apressado á Asia, abandonando seus alliados, e os

projectos de gloria que lhe haviam sido insufflados por Annibal.

Os Romanos vêm castigar os Etolios; nada resiste a suas armas ou á sua corrupção; só Philopemen é incorruptível. Flaminio marcha contra Sparta que mostrava querer resistir ás suas ordens, Philopemen, embora então não exerça authoridade senão a de seu nome, vem á cidade, manda feixar as portas ao consul romano, prepara a defesa. O veneno porém livra Roma desse adversario, e a Grecia desse ultimo dos Gregos.

A liga achaica, dominada pela corrupção, é o instrumento obediente de Roma, as mais atrozes oppressões castigam os que não são bastante submissos. Se a Grecia ainda não é proclamada provincia romana, é talvez porque a politica de *boa constrictor* do senado ainda não acha a prêa bastante triturada: ainda ha ao norte a Macedonia, com o orgulho militar das victorias de Alexandre. Roma tem sobeja prudencia; sabe esperar.

Entretanto a Philippe succede Perseu; por espaço de oito annos prepara-se este para tirar desforra de Roma; procura-lhe inimigos por toda parte; por toda parte para reprimir as ambições, encontra o terror do nome romano. Sem alliados, excepto Cotys, rei da Thracia, entra em campanha, é derrotado em Pydna (168) e vae ornar o triumpho de Paulo Emilio, e morrer nas cadeias de Roma.

Então não ha mais contemplação; o exercito de Paulo Emilio saqueia 70 cidades do Epiro, reduz a captivo 150:000 homens; 550 senadores etolios são mortos; os principaes cidadãos da Arcania, da Etolia, do Epiro, da Beócia, perseguidos como complices de Perseu, são com dous mil Acheus deportados para a Italia. Emfim, Metello toma pretexto das agitações promovidas na Macedonia por um Andrisco, e reduz a provincia romana a patria de Philippe e de Alexandre (148).

E' chegada a vez da Grecia. Irritados pela perseguição a mais implacavel, os Acheus escolhem para *strateges*

Dieu e Critolau, duas das victimas da oppressão romana. Unem-se-lhes os Beócios e os Chalcidios; são porém derrotados, primeiro, junto ás Thermopylas, pela segunda vez, nas visinhas de Corintho. Mummio, entrando nessa cidade, a entrega ao saque e ás chammas (146).

Sobre as cinzas ainda quentes da opulenta e sumptuosa Corintho, a Grecia é declarada provincia romana, e por irrisoria deferencia para com a liga achaica, recebe o nome de Achaia.

CAPITULO XXVII.

Italia.—Roma.—Realeza.

O mundo antigo absorve-se todo em Roma; vimos cahirem em seu poder as diversas partes do imperio de Alexandre, vejamos como nasce, como cresce, como se organisa essa republica, paciente e violenta, guerreira e astuta, que sabe tão a tempo enfraquecer os Estados que quer conquistar, e esperar com tanta paciencia que as causas de dissolução, nelles semeiadas, os enfraqueçam e lh'os entreguem.

A Italia, peninsula do sul da Europa, sobre o Mediterraneo, e em proximidade da Grecia, recebeu seus primeiros habitantes das mesmas regiões e da mesma raça que os Gregos. São Pelasgios, são Phenicios: depois vae o Arcade Evandro, vão os chefes gregos, excluidos da Grecia pela guerra da Troya, levar-lhe as primeiras colonias civilisadoras. Aham então uma raça que se apregôa autochthona, cujos elementos, embora absorvidos e homogenisados, têm bastante poder para modificar as instituições, a religião, e determinar uma nova civilização. Na Etruria principalmente dominam esses elementos; Roma é etrusca.

A divisão natural da Italia dava então, dá ainda hoje,

tres partes distinctas: uma ao sul, fronteira á Sicilia chamada Magna-Grecia; é toda ella grega de civilisação, de costumes; apenas de italiano poderemos ver os povos das montanhas que se estendem nessa região.

Outra no centro: é a verdadeira Italia; ahi a Etruria, a Sabinia, o Lacio, ahi esses povos que, disseminados em pequenos nucleos (cidades ou estadiculos), isolam-se na guerra e na rudimentar industria da criação do gado carecendo da aristocracia implacavel do senado romano para constituirem-se em nação (*).

Por fim ao norte, além da Liguria e da Umbria, ha um prolongamento de populações gaulezas, que transpondo as barreiras dos Alpes, se extendiam dominadoras nessas planicies lombardas, theatro de tantas guerras em epochas posteriores.

De origem troyana a cidade de Alba, no Lacio, tinha crescido em grandeza e importancia, quando uma princeza, Rhea Sylvia, consagrada a Vesta, violando o voto de castidade, dá á luz dous meninos, e desculpa sua fraqueza, attribuindo-a a complicitade do deus Marte. Os meninos são todavia engeitados por Amulio, tio de Rhea, que havia desthronisado seu irmão Numitor, pae della.

Os filhos de Marte foram acolhidos por uma loba; logo agasalhados por um pastor, receberam deste a educação laboriosa e fortificadora que ahi se dava á mocidade. Moços e robustos, descobrem sua origem, vão a Alba castigar Amulio, restaurar Numitor, e dahi sahem para fundar uma nova cidade (**). Chamam-se Romulo e Remo, os

(*) Ha quem ache a etymologia da palavra Italia, na expressão *vitulus* (bezerro), como se de *Vitulia* se houvesse derivado aquelle nome.

(**) Em tudo quanto se conta dos primeiros tempos de Roma não ha a menor certeza; são fabulas inventadas por seus historiadores ou colhidas de tradições não assaz discriminadas pela critica. Os estudos modernos procuram recompor esses tempos. Não é porém um resumo como este que póde acompanhar taes investigações, repellir ou modificar a historia classica.

agouros preferem Romulo para fundador e rei da nova cidade: é ella Roma, e os seus alicerces são manchados com o sangue de Remo, derramado pelo fratricidio (753).

A Romulo aggregam-se todos os aventureiros, escravos fugidos desses arredores; dessa horda infame tem de nascer a primeira nação do mundo antigo.

Faltavam-lhe mulheres, o rapto das Sabinas lh'as dá: com essa violencia fazem um immenso progresso; porquanto Tito Tacio, chefe dos Sabinos que vem castigar o rapto, une-se a Romulo; confundem-se os povos dos dous chefes (*).

Romulo começa então a organização da cidade: um rei chefe militar, onnipotente; um senado composto de cem

Repare-se unicamente no significado da palavra grega que é o nome da cidade latina (*força*); repare-se na semelhança da anedota acerca da criação de Romulo com a que na Asia corria sobre a criação de Cyro; repare-se, emfim em que a *loba* romana era commemorada nas famosas festas das Lupercaes, e veja-se que confiança devem merecer as narrações dos historiadores romanos.

(*) Sabe-se que os Romanos, não achando povo que se lhes quizesse associar, nem mulheres com quem se casassem, simularam jogos publicos, e tendo attrahido pela curiosidade a gente da vizinhança, a um signal dado cahiram sobre as espectadoras, e as levaram.

Irritados com a perfidia, os povos da Sabinia, querem vingar-se, não combinam porém os seus esforços; os que têm por chefe Tacio atacam primeiros e sós; mas unem-so aos raptos, e dão-lhes meios de melhor se defenderem.

Sabe-se da pathetica intervenção das filhas dos Sabinos entre seus paes e seus maridos; sabe-se que no momento em que se via perdido, começando já os Romanos a fugir, Romulo votou um templo a Jupiter *Stator*, se os seus *parassem*, e com esse voto venceu.

Menos porém com esse voto, embora o templo se levantasse, e Jupiter *Stator* fosse considerado um dos padroeiros de Roma, do que com a inspiração conciliadora que o levou a confundir em um só povo Romanos e Sabinos, repartindo o poder com seu sogro Tito Tacio.

anciões, perpetuando-se pelo principio hereditario, para deliberar, e aconselhar o rei; um corpo de *celerēs*, que tem de transformar-se nos cavalleiros romanos, gráu intermediario entre as familias senatorias ou patricias, e o povo: com isso a divisão do povo em tres tribus e de cada tribu em dez curias, eis a organização do novo Estado.

Romulo morre assassinado pelo senado, que nunca pôde supportar a diuturnidade do poder dos reis; é posto porém entre os deuses, e com o nome de *Quirinus* recebe as adorações de todas as gerações romanas (713).

Do guerreiro Romulo passa o poder para Numa, o organisador. Numa occupa-se em fundar instituições religiosas; dá-se por aconselhado pela *nympha Egeria*, e assim impondo-se á superstição, mantem-se durante quarenta e dous annos, reformando os costumes, inspirando os habitos da paz e da lavoura, regularisando o culto e as crenças da nova nação.

Succede-lhe Tullo-Hostilio: no seu reinado Roma absorve a cidade de Alba, augmenta pois consideravelmente o seu recinto, e a sua população. A anecdota do combate dos Horacios e dos Curiacios é tão sabida, quão destituída de verdade. Tullo morre ferido de um raio.

Succede-lhe um neto de Numa, Anco Marcio, que estende o territorio romano até Ostia, á fóz do Tibre.

No seu reinado uma familia etrusca de Tarquinia, originaria de Corintho, vem estabelecer-se em Roma, e com as suas riquezas, com o seu saber, superior entre esses povos ignorantes e rudes, ganha tanta consideração que Tarquinio é o quarto rei de Roma supplantando os filhos de Anco Marcio.

Uma revolução lhe havia dado o poder; cumpria-lhe galardoar os seus partidarios. Duplica pois o numero dos senadores, augmenta consideravelmente o dos cavalleiros. Continuando as guerras de seus antecessores com os Latinos e Etruscos, estende os dominios de Roma. Empre-

hendo grandes obras, e introduz algum luxo, alguma civilização, nos costumes agrestes desses velhos salteadores do Lacio. O gigantesco, o solido dos canaes subterraneos que manda construir para os esgotos da cidade, ainda hoje são admirados.

Introduz a cadeira *curul* dos senadores, a toga bordada de purpura, as borlas de ouro, o anel dos cavalleiros, o triumpho em carro puxado por cavallo branco, para recompensa dos vencedores. Por fim, assassinado pelos filhos de Anco Marcio, deixa o throno a Servio Tullio, seu genro (576).

Escravo ou descendente de escravo, Servio tinha a capacidade de um grande politico. Se vence os Etruscos, e firma o poder de Roma no Lacio, é mais admiravel pelo alcance das modificações que realiza na constituição ; o *censo* vae preponderar nella. Os cidadãos são divididos em seis classes, e cada classe subdividida em centurias (*), determinadas, separadas em razão dos seus rendimentos. As primeiras classes, compostas dos mais ricos, comprehendião 98 centurias, as outras davam só 82 ; ora votando-se por centurias e não por cabeça, era inabalavel o predominio dos ricos. Na ultima classe foram postos os proletarios, que só contavam pelos filhos (*proles*) que davam ao Estado, e que, *capite censi*, não tinham direito algum politico.

Servio foi infeliz na sua familia ; sua filha, a arrogante Tullia, casada com Lucio Tarquinio, neto de Tarquinio, incita seu marido a usurpar o poder. Na luta o velho rei é morto, e a filha infame não trepidou em fazer passar por sobre o cadaver do pae o carro em que, rainha parricida, ia tomar posse do throno.

Uma revolução dera o poder a Tarquinio, uma revolução lh'o deve arrancar.

(*) A expressão *centuria*, que parece derivada do numero cem, como a *decuria* o é do numero dez, induz em erro os que não attendem a que a *centuria* era regulada pelo *censo*.

Praguejado em Roma e pela posteridade com o titulo de Soberbo, estendeu esse rei o poder romano sobre os povos vizinhos; continuou as grandes obras do Capitolio e dos canaes de esgoto. Já então o poder romano não se limitava a Roma; senhora de Ostia, tinha ella algum commercio, e tanto que apparece em Polybio um tractado celebrado á esse tempo com Carthago.

Mas os odios da aristocracia perseguem o rei; um insulto feito por Sexto Tarquinio, seu filho, á esposa de Collatino (*) provoca o rompimento.

Bruto, Collatino, seus parentes e alliados, insurgem-se para vingar a honra e o sangue de Lucrecia: o rei, que estava occupado no assedio de Ardêa, acode a Roma, acha porém fechadas as portas da cidade, e tem de ir buscar forças estrangeiras que lh'as venham abrir (508).

CAPITULO XXVIII.

Religião de Roma. — Instituições de Numa.

Embora seja o paganismo a religião de Roma, cumpre não confundil-o com o da Grecia. As mesmas ficções mythologicas nelle se acham; especialmente depois da conquista da Grecia, foram-se ellas introduzindo com o favor da poesia. Mas o Lacio, terra em que Saturno, fugindo ao seu filho Jupiter, veio esconder-se, e a que deu as venturas sem par da Idade de Ouro, tinha deuses especiaes, de origem etrusca, por exemplo, o bifronte Jano.

Vesta com o seu fogo sagrado, e as sacerdotizas que

(*) A historia de Lucrecia é tão sabida que nos dispensamos de repetil-a, cumpre porém não aceitar levemente essa tragedia como causa de uma revolução qual a que Bruto realizou em Roma. A luta permanente da aristocracia senatoria com o poder dos reis melhor a explica. Reparc-se que, excepto Numa, todos os reis de Roma morreram de morte violenta.

deviam conservá-lo, Vesta que Virgílio, invoca entre os deuses *indigetes*, e a quem dá o título de *mater*, não era divindade grega ; não conservaram os Gregos um vestígio tão manifesto de sabeismo asiático, nem estava na sua índole prestar tão profunda réverencia á castidade. Ora, entre os romanos eram virgens das primeiras famílias as que se consagravam a Vesta ; a violação do voto de castidade era punida com supplicio atroz : a Vestal que o perjurava era enterrada viva. Entretanto as Vestaes não viviam clausuradas ; tinham nos espectáculos publicos lugar distincto, e gozavam de summa consideração.

A importancia dos oráculos podia ser a mesma entre os Gregos e romanos, mas estes os consultavam menos vezes ; em substituição, para penetrar os arcanos do futuro, admittiam presagios, agouros, consultavam o voar dos passaros, o piar de alguns delles ; alegravam-se ou entristeciam-se, conforme viam com ou sem appetite os frangãos sagrados : e também, como os Gregos, inquirem os segredos do Destino nas entranhas das victimas immoladas nos sacrificios.

A's festas gregas, ás dionysicas, em que nascêra a tragedia, aos jogos olympicos, etc., Roma substitue as Lupercaes, as Saturnaes, festas grosseiras e infames, de que talvez o nosso entrudo ou carnaval seja a continuação.

Se porém faltam ás instituições religiosas de Roma a graça, a delicadeza, que abundam nas da Grecia, compensam-lhe tal vantagem uma magestosa severidade e o respeito ás noções do justo.

Entre os deuses romanos está *Terminus* ; nos collegios de seus sacerdotes distingue-se o dos *Feciales*.

Era crença romana que cada cidade, cada Estado, tinha nos céus deuses que o protegiam. Quando pois a guerra os armava, os romanos queriam justificar os seus ataques perante esses deuses ; procuravam applacal-os, offereciam-lhes templos e altares em Roma, e votavam a

cidade ou o Estado inimigo aos deuses infernaes : isto arrastava certas ceremonias a cargo dos Feciaes.

A indole do governo e do povo romano é essencialmente religiosa ; na erecção do Capitolio a descoberta de uma cabeça annuncia que esse morro será a capital do mundo ; e dessa certeza tudo em Roma se inspira. No reinado de Tarquinio uma sybilla procura vender-lhe os livros em que estão escriptos os destinos de Roma ; depois de muito mercadejar, os livros são comprados, e confiados ao senado, que os consulta, quando o apuro das circumstancias exige esses meios extraordinarios de reanimar a confiança do povo. Juntam-se á influencia desses meios supersticiosos a acção pertinaz de uma politica aristocratica e instituições militares habilmente calculadas, e ter-se-ha a explicação da constancia com que Roma conseguiu realizar o agouro do Capitolio.

CAPITULO XXIX.

Republica até os Gracchos.

A historia da republica romana se desdobra em duas partes distinctas : vida interior, luta do povo com a aristocracia ; vida exterior, guerras e conquistas.

Separemol-as pois neste estudo.

A republica tinha sido, não uma criação popular, mas uma fundação aristocratica : o povo não tomou parte na revolução, e tanto que, para interessal-o contra Tarquinio, quando este procurava ser restaurado, foi necessario que o senado entregasse ao saque popular os bens do rei... A revolução pois feita contra a realza contentou-se com substituir ao rei, unico e vitalicio, dous consules, èleitos annualmente, só escolhidos na classe senatoria, e do senado sempre dependentes.

Tudo em Roma era aristocratico : os principaes cargos eram *curves* ou *senatorios* ; a distincção das classes até

vedava o casamento que as confundisse ; o patricio podia elevar a plebéa, como a sua escrava, até á honra da sua cama, nunca á dignidade de sua esposa ; com os filhos della nunca perpetuava o seu nome e a sua raça.

Esse estado de oppressão exacerbava-se pelas condições da riqueza, pelo captivo da vida.

A divida era tão sagrada que o devedor, não podendo pagar-a em dinheiro, era coagido a pagar-a com o seu corpo, reduzindo-se a condição de escravo.

Ora, a divida era uma absoluta necessidade para o Romano.

Sendo-lhe vedado o exercicio das profissões industriaes, consideradas infames, só lhe restava a lavoura ; mas dos trabalhos da lavoura, que exigem persistencia, vinha constantemente distrahir-o o serviço militar ; e demais tinha de armar-se a expensas suas, tinha de prover á sua alimentação, emquanto não achava no saque das terras inimigas meios de conseguil-a. Eil-o pois na necessidade de tomar dinheiros emprestados, e logo a usura vinha augmentar, exagerar a divida. Se algum quinhão das terras conquistadas cabia ao plebeu, raro chegava para solvel-o de tantos encargos.

O pobre pois cada dia mais se empobrecia : em compensação os ricos mais se enriqueciam, porquanto, além do poder absorvente da usura, que lhes trazia todos os haveres dos plebeus, tinham elles a faculdade de usurpar as terras do Estado.

Das terras conquistadas a maior parte era conservada como do Estado, e dividida em prazos dados por arrendamento ; quem os arrendava era necessariamente a classe rica, e em pouco tempo o arrendatario confundia com a sua propriedade a do Estado, fazia-a lavrar por escravos e por colonos, ou, o que mais vezes acontecia, deixava-a em campos e pastos, que menos serviços exigem.

Para completar esse quadro de oppressão basta dizer

que os juizes eram senadores, e que não havia lei escripta.

Semelhante estado não era toleravel.

O povo começou logo a agitar-se: o senado responde-lhe pela creação da dictadura. Esse cargo só devia durar seis mezes ; o dictador porém tinha direito de vida e de morte sobre os cidadãos ; podia fazer o que lhe parecesse, sem o menor embaraço da legalidade. Tito Larcio, o primeiro dictador, comprime as agitações ; mas logo (491) o povo deixa uma cidade onde só acha oppressão, refugia-se no Monte-Sagrado : dahi talvez nasça outra Roma. O senado enche-se de terror, transige ; concede ao povo a nomeação dos tribunos que o protejam. Eleitos pelo povo, sahidos da classe popular, os tribunos, que a principio são apenas dous, e com o andar do tempo chegam a ser dez, não exercem direito algum positivo senão o de convocar os comicios populares e de presidir-lhes, mas têm amplo direito negalivo ; com o seu *veto* podem impedir tudo quanto as autoridades queiram em Roma.

O veto é individual, cada tribuno o exerce de per si, independente dos seus collegas, e para garantia da sua livre acção o tribuno, representante do povo, é considerado sagrado e inviolavel.

Concessão tão importante irrita os mais severos aristocratas ; Coriolano propõe ao senado que aproveite a oportunidade de uma fome para arrancar-a ao povo, e só lhe venda as farinhas que a sua providencia mandava vir do exterior. Os tribunos irritam-se, intimam a Coriolano que venha defender-se perante o povo; Coriolano sahe de Roma, vae pôr-se á frente de um exercito etrusco, com elle volta vencedor; mas, no momento em que Roma parece estar em suas mãos, o Romano cede ás supplicas de sua mãe, retira-se, e o poder tribunico está salvo.

Spurio Cassio, que arma popularidade, põe por diante a lei agraria : — Discriminem-se as terras do Estado, usurpadas pelos ricos, dividam-se pelos pobres.

Simple e justa em si mesma, esta lei não pôde agradar

aos senadores ; os tribunos a querem, mas não como proposta de um patricio : a inveja os leya a abandonar Spurio Cassio á vingança senatoria. Morto porém este, os tribunos acolhem com soffreguidão a sua lembrança ; o mais affeito delles, Genucio, apparece morto em sua cama ; foi assassinado : a agitação recresce.

Então o tribuno Terentillo exige que as leis sejam escriptas, para serem conhecidas e poderem ser obedecidas ; o senado resiste ; Quinto Ceson, filho de Cincinato, é condemnado a desterro, e a multa tão consideravel que, para pagal-a, o pai sacrifica toda sua fortuna, e vive reduzido á mais honroza pobreza. Emfim o senado acquiesce á proposta de Terentillo ; partem para a Grecia commissarios, que estudem na legislação grega o que cumpre que seja a legislação romana. Quando voltam, nomea-se uma commissão de dez membros, que sejam os legisladores de Roma ; diante delles cessam todas as authoridades. — São os decemvros (450).

O poder excepcional dos decemvros deve durar um anno : nesse anno promulgam elles dez taboas de leis : falta porém completar a legislação, proroga-se por mais um anno o poder dos decemvros. Publicam estes mais duas taboas ; a legislação está completa : porém, dominada por Appio Claudio, a commissão não larga o poder. Cumpre que a libidinagem de Appio encontre a honestidade de Virginia, que o pai dessa donzella, centurião romano, prefira matar-a a vêl-a escravizada e deshonrada, para que o exercito e o povo reassumam pelo sangue de Virginia o que havia sido conseguido pelo sangue de Lucrecia.

A legislação das Doze Taboas, embora já proclame os grandes principios do direito, mantinha a aristocracia romana, a desigualdade dos casamentos, a obrigação de pagar as dividas até pelo captiveiro.

O povo contra esses dous pontos dirigiu os seus ataques : conseguiu logo a abolição da lei sobre os casamentos ; a outra porém continuou a fomentar a agitação.

Os tribunos pedem que o consulado seja accessivel aos plebeus ; o senado resiste, a ponto de preferir a suppressão dessa authoridade, e de substituir-lhe a do tribuno militar. Seis tribunos, senadores ou plebeus indifferente-mente, substituem os consules : mas, para compensar essa concessão, crea-se a *censura*, e a censura só pôde ser confiada a patricios.

A censura é um dos mais importantes cargos de Roma ; basta attender a que o conso classifica os cidadãos e regula os direitos politicos, para comprehender quando pôde fazer a authoridade que tem a seu cargo reconhecêl-o. In-quisição politica, a censura, não só pôde excluir um cidadão do senado, ou da ordem dos cavalleiros, passal-o de uma para outra tribu, mas até notal-o de infame, e prival-o de todos os direitos.

Continúa entretanto a agitação para extincção das dividas. Manlio, que na defesa do Capitolio contra os Gaulezes ganhára grande gloria e o nome de Capitolino, está á frente della ; a dictadura porém põe cobro ás pretensões do demagogo, que morre precipitado da rocha Tarpeia, na encosta opposta do Capitolio, theatro da sua gloria.

A agitação para a partilha do consulado é emfim vencedora ; o tribuno Licinio Stolon a consegue (366). Consegue igualmente a redução dos juro das dividas, e a lei agraria é de novo lembrada.

A politica do senado, cedendo o consulado, busca uma compensação na pretura ; cream-se dous pretores, encarregados de administrar a justiça e de decidir os pleitos, e são nomeados sómente d'entre os senadores. Havia uma edilidade plebéa encarregada da inspecção das ruas, creou-se uma edilidade curul para a inspecção dos monumentos, dos mercados, e para a policia de Roma.

O povo já tem ganho muito : resta-lhe ganhar a sua admissão á pretura, á censura, aos cargos sacerdotaes e obter que os plebiscitos (decisões dos comicios populares) tenham força de lei mesmo para os senadores. Tudo isso.

vae sendo successivamente conseguido, depois de mais ou menos longa resistencia do senado. Só o que se não consegue é a lei agraria. Veremos as agitações por amor della produzidas.

CAPITULO XXX.

Guerras de Roma.

Tarquínio não se resignou á decisão da aristocracia romana : a principio promoveu conspirações, e, quando a energia feroz do consul Bruto, matando seus dous filhos, desanimou os conspiradores, o rei decahido appellou para as armas. Porsenna, rei de Etruria, o vem proteger ; mas o heroismo de Horacio Cocles, que só por si defende uma ponte, a acção feroz de Mucio Scævola, que queima sua mão em castigo de não haver morto o rei, o intimidam ; elle retira-se (*) e Tarquínio vae ver no Lacio novos defensores de sua causa. A batalha do lago Regillo dando cabo da liga latina, o obriga a renunciar a toda a esperanza.

Roma não cessa as suas guerras com os vizinhos; Equos, Volscos, Hernicos, vencidos uma vez, cumpre vencel-os outra, e outra. A cidade de Veios parece eternamente resistir-lhe : a familia Fabia, que toma a si essa guerra, quasi que nella se extingue ; para continual-a apenas fica em Roma uma criança, que sua idade embargára de acompanhar seus parentes. Por fim Furio Camillo introduz-se em Veios por meio de uma mina, e a subjuga.

Camillo tão ufano se mostra com esse triumpho que irrita contra si o povo, e vae para o desterro.

(*) E' essa a versão de Tito Livio ; outros dizem que Porsenna foi vencedor, e que impoz a Roma severas condições de paz, entre outras a de não poderem servir-se do ferro senão para instrumentos da lavoura. Chamado, porém, aos seus Estados por discordias civis, Porsenna morre nellas, e Roma rasga o tractado que a anniquilava.

A causá de serem tão repetidas e tão indecisas essas guerrinhas é, não sómente a perfeita semelhança, a identidade dos vencidos e dos vencedores, que não deixa superioridade decisiva a nenhum delles, como igualmente as instituições militares de então. O soldado era o cidadão : na occasião da guerra, o consul reunia todos os cidadãos (menos os proletarios), entre elles escolhia os que lhe parecia, marcava-lhes um prazo em que deviam apresentar-se armados, providos de alimentos para certo numero de dias, e com esse exercito entrava em campanha. O soldado não tinha soldo, sustentava-se á sua custa, deixava em Roma seu campo, sua familia ; não podia pois ser conservado muito tempo debaixo das armas ; cumpria dissolver o exercito feitas as primeiras rapidas operações ; o inimigo pois, ainda quando vencido, tinha tempo de recompôr as suas forças.

Desde que Roma instituir o soldo, desde que providenciar á sustentação e armamento do soldado, poderá occupal-o mais tempo, mandal-o mais longe ; a guerra adiantar-se-ha consideravelmente.

Depois da conquista de Veios, soffreu Roma a invasão dos Gaulezes (390). Roma a provocou. Um bando de Gaulezes, em consequencia sem duvida de revoluções intestinas, invadira a Italia septentrional, chegára a Clusium. Os Romanos mandam-lhe embaixadores, e estes, em vez de limitarem-se á sua missão pacifica, tomam armas para defender Clusium. Os Gaulezes vencedores marcham para Roma: intimidados os Romanos, que haviam sido vencidos junto ao Allia, abandonam a cidade, alguns refugiam-se no Capitolio; os senadores recebem os Barbaros, sentados nas suas cadeiras curues, impassiveis ; um delles, em cujas barbas brancas um Gaulez havia pegado, dá-lhe com o sceptro uma pancada : com isso irritados, os vencedores entregam-se á vingança. A cidade é saqueada.

Sitiam o Capitolio ; iam tomal-o de surpresa, quando Manlio, acordado a tempo pelos gansos sagrados, que ha-

viam presentido a chegada do inimigo, frustra-lhe o estratagemas.

O cerco continúa; já os Romanos vão capitular, o *Brenn* (chefe) gaulez ajusta com os defensores da fortaleza o preço da retirada do seu exercito; quando, porém, está sendo pesado o ouro do resgate, e o *brenn* já tem proferido esse *væ victis*, tantas vezes repetido pela arrogancia dos vencedores, acode Camillo á frente de um exercito latino, e obriga o *brenn* a retirar-se. Se tal é o desfeixo dessa invasão, é certo que deixou ella tanto terror no espirito dos Romanos, que uma palavra especial teve de designar as invasões gaulezas: chamaram-se *tumultus*.

Os Gaulezes entretanto não se retiraram de todo, ou outras hordas da mesma raça succederam ás primeiras, pois vemos em epochas posteriores apparecer esses inimigos de Roma, ligados aos povos com quem tem ella guerra, até que Manlio Torquato e Valerio Corvino acabem com elles.

Vencidos os Latinos e Etruscos, os Romanos entram em luta com o *Samnium*. Na guerra do *Samnium*, provocada pela intervenção do senado para proteger Capua, cidade da Campania, ameaçada pelos Samnitas, os Romanos, que dispenderam consideraveis esforços, tanto ganharam que, quando, ao cabo de 53 annos, Roma subjugou esses povos (290), tinha igualmente subjugado todo o centro da Italia; só lhe faltavam as duas extremidades, septentrional e meridional.

Nessa guerra deu o senado um dos mais conhecidos exemplos de perfidia. O exercito romano deixára-se ser prender em um desfiladeiro; teve de capitular.

Em vez de exterminar-o, como lh'o aconselhavam, o general samnita o fez passar por baixo das *forças caudinas*, e impoz-lhe a condição de não servir mais na guerra. O senado não ratificou o ajuste, e obrigou o exercito a ir lavar sua ignominia no sangue do inimigo.

Para ficar de posse de toda a Italia, cumpria lutar com

as colonias gregas do sul. A imprudencia de Tarento, que maltracta os embaixadores romanos, dá para isso boa occasião.

Todas essas cidades gregas estão opulentas, e no apuro da civilisação corruptora dessa epocha; o commercio as havia enriquecido, com a riqueza nascêra a sensualidade, com esta a ruina de toda a energia moral, como de toda a força physica: Sybaris, que proscrevia os gallos, porque á noite o seu cantar impede o somno, Sybaris, que offerece premios ao cozinheiro que inventa algum novo guisado, Sybaris, em que um cidadão se queixa da dôr que lhe causa uma folha de rosa que se dobrára na sua cama, é o emblema de todas estas cidades.

Tarento não se podia defender contra Roma; chamou, porém, a Pyrrho, rei do Epiro, que lhe acudisse. O genio aventureiro desse rei não podia deixar de aproveitar o ensejo de fazer correrias no occidente: acode pois; com seus elephantos, com a sua tactica, novidades para os Romanos, consegue vencel-os: mas vae-lhes ensinando a arte da victoria, e mostrando-lhes a sciencia que aproveita a coragem; enfim, vencido em Benevento, deixa definitivamente a Italia, para ir morrer na Grecia.

Antes disso, tinha ido á Sicilia soccorrer os Syracusanos contra os Carthaginezes, e ao deixar em meio essa empreza para acudir á Italia conta-se que exclamára: « Que bello theatro de guerra deixo aos Romanos e aos Carthaginezes !... »

Nessa guerra, o desinteresse, a alta probidade dos Fabricios, dos Curios Dentatos, a gravidade do senado, em que Cyneas, embaixador de Pyrrho, vira uma assembléa de reis, dominaram o guerreiro grego. No meio dos seus triumphos pediu paz; o senado, porém, lhe respondeu: « Roma não tracta com seus inimigos senão depois de vencidos ! »

Excluido Pyrrho, a Italia meridional se acha no poder dos Romanos, têm elles em frente de si a Sicilia, e na Si-

cilia Carthago. A prophetica exclamação de Pyrrho vae pois realizar-se.

Nessas guerras continuas Roma tem ganho muito : sem preocupações de estolidio nacionalismo, aproveita do inimigo tudo quanto elle tem que melhor lhe parecê do que o seu; armas, organização de forças, systema de acampamento. A legião que, quando acampava, tomava o aspecto de uma fortaleza improvisada, foi o fructo de suas combinações; a essa poderosa infantaria nada resistia.

A essas vantagens adquiridas juntava o Romano a robustez e a energia physica, a exaltação do patriotismo confiado nos destinos do Capitolio, e todas as virtudes que a pobreza e o desdem do luxo e da opulencia podem dar. Com essas qualidades tudo se vence. Só quando com ellas Roma tem tudo vencido, o mundo vinga-se dos seus vencedores dando-lhes com a riqueza todos os vicios; Roma então dilacera-se, e vae buscar descanso debaixo do jugo dos Caligulas e dos Neros. Mas longe ainda estamos desses dias.

Roma, porém, sabia conquistar e manter a conquista : para isso tinha duas instituições — a colonia, e o municipio.

Vencido um paiz, Roma transportava uma parte dos habitantes d'elle, tomava-lhe uma porção de territorio, que ficava para o Estado, dividia-o, dava-o ou arrendava-o; ahi fundava uma colonia; em geral nella se estabeleciam os soldados veteranos, que a haviam conquistado; para ella acudiam familias pobres, que alliviavam a cidade eterna da sua inquietadora presença, e essas colonias eram outras tantas fortalezas que asseguravam o dominio do conquistador, eram outras tantas Romas que propagavam suas leis, seus costumes, sua lingua, suas instituições. O habitante da colonia ufanava-se de ser cidadão romano, conservava o direito de votar, mas não o de exercer cargos publicos.

O municipio era a cidade estrangeira que se sujeitava

a Roma, e do favor della obtinha a concessão dos direitos políticos, mais ou menos amplos, conforme o merecia da benevolencia do senado. O municipio pôdia conservar sua legislação interna, suas authoridades locais. A algumas cidades porém, Roma, não fazia concessão alguma, impunha-lhes as suas leis, governava-as a seu talante.

Essa diversidade no modo de tractar a conquista, essa escala de progressão no favor era um meio de prender todo o paiz uma vez conquistado, pela esperança do melhoramento de condição.

CAPITULO XXXI.

Sicilia e Carthago.

A Sicilia tem sido por nós diversas vezes mencionada; já dicemos que nella abundavam colonias gregas, já fallámos na desastrada campanha que, por inspiração de Alcibiades, nella haviam feito os Athenienses. Occupemo-nos mais de espaço com ella.

Essa ilha antiquíssima não podia faltar aos seus destinos, que a chamavam a grande importancia commercial. Tyro, Carthago, a Grecia, haviam de aproveitar a sua posição dominadora do Mediterraneo.

Povoações de diversa origem nunca formam um Estado; cada cidade estabelecia as suas leis, as suas authoridades, as suas relações commerciaes e politicas, todavia em um ponto se approximavam: a preponderancia democratica, e sua consequencia necessaria, o tumulto, e depois a usurpação ou tyrannia.

Entretanto a Sicilia se avantajava em illustração; Pythagoras e com elle grande numero de philosophos gregos eram Sicilianos; entre os legisladores dessas cidades-republicas, alguns apontam-se que merecem acatamento e veneração. A existencia desse Archimedes, cujo talento de geometra, de mechanico, de physico, tanto nos sorpren-

de com as maravilhas por elle inventadas para defesa da patria, e com as leis naturaes que a sua perspicacia descobriu, é uma prova incontestavel do progresso em que devia achar-se a sciencia nessa ilha.

Em tempos ante-historicos occupada pelos Cyclopes e pelos Lestrigões (provavelmente povos pelagicos), a Sicilia acolhêra a tribu celtica ou hespanhola dos Sicanios; da confusão desses povos se compoz a raça autochthona, que as colonias phenicias, troyanas, gregas, carthaginezas, ahi acharam. Mothya e Panorma (Palermo) foram colonias phenicias, Egesto e Drepano troyanas; Lilybea é carthagineza.

As colonias gregas são todavia mais importantes. A' frente dellas vemos Messana fundada pelos Messenios, Syracuse pelos Corinthios, Gela e Agrigento pelos Rhodios.

Dessas cidades, a mais importante, Syracuse, cahe no poder de Gelon, que tem de defender as colonias gregas contra os Carthaginezes, alliados de Xerxes, e que se perpetua no mando. Agrigento vem ás mãos de Phalaris, de cuja crueldade conserva memoria o famoso touro de cobre por elle inventado para supplicio de suas victimas. Theron, successor de seu poder, mas não imitador dos seus exemplos, une-se a Gelon, e, como essas duas cidades, todas ás mais de origem grega entregam-se ao poder de usurpadores.

Syracusa, a principio com a alliança, depois com a subjeição de Agrigento, estende o seu poder sobre todas ellas, e, dominada successivamente por Gelon, por Hieron, e por Thrasybulo, seu irmão, expelle por fim este, que não imita as virtudes de seus irmãos, e volta ao governo popular, arrastando com seu exemplo todas as outras cidades.

Nessa occasião veio á Sicilia a expedição atheniense.

A victoria obtida por Syracuse confirma sua preponderancia.

Entretanto os Carthaginezes estendiam sua influencia

sobre as colonias de outras origens, até que em 406 destroem Agrigento. Os Syracusanos na presença do perigo poem termo ás discordias intestinas, e entregam-se ao poder de Dionysio-antigo.

Tres fins tem esse principe, e a conseguil-os constantemente se applica:—firmar o seu poder em Syracusa,—excluir os Carthaginezes da Sicilia,—estender o seu imperio até sobre as cidades gregas da Italia. Nesses vastos projectos a victoria o acompanha, o feliz e habil tyranno, se os não deixa realizados, deixa-os em optima via de realisação.

No meio desses cuidados, acha occasião de cultivar a poesia, de honrar as letras, de agasalhar com a maior distincção o philosopho Platão, que a chamado seu veio á sua côrte, e de, como Grego, disputar os premios nos jogos da Grecia, e no theatro de Athenas.

Succede-lhe seu filho Dionysio-moço; sem embargo das virtudes de Dion, seu tutor, esse principe incorre nos odios dos Syracusanos, e é obrigado a fugir.

Dion, por elle desterrado para o Peloponeso, volta chamado pela fama de suas virtudes; procura reformar a constituição, que, dando tantas ensanchas á agitação, sacrifica a liberdade; torna-se por isso odioso, e morre perfidamente assassinado por Callipo, um Atheniense a quem déra toda a sua confiança e cobrira de beneficios.

No meio das perturbações civis, Dionysio volta á Sicilia, reassume o poder. Mas Corintho manda Timoleonte proteger a sua colonia. Dionysio é por elle obrigado a refugiar-se na Grecia, onde vae morrer mestre de escola em Corintho. Ephemera é entretanto a obra de Timoleonte. A guerra ateia-se entre Agrigento e Syracusa, e a guerra traz outra vez a tyrannia. Agathocles assume o poder. Da mais baixa extracção, e da mocidade a mais diffamada, banido duas vezes da republica, Agathocles tudo compensa pela sua actividade, pelos seus talentos militares. Dominando em Syracusa e em todas as cidades que

della dependem, para o que não poupa violencias e supplicios, tracta de excluir os Carthaginezes da Sicilia : para isso comprehende que é necessario ir encontra-los na Africa. Supprindo com a audacia os recursos que lhe faltam, desembarca, toma Utica, Tunis, subjuga duzentas povoações vassallas de Carthago, derrota dous exercitos da republica, impõe-lhe um tractado de paz, e nelle uma condição que faz honra ao seu character: a de renunciar aos sacrificios humanos.

Concluidas tantas façanhas, quando se occupa de realisar o pensamento de Dionysio, unindo ao seu imperio as cidades gregas da Italia, morre envenenado por dous conspiradores. Accende-se de novo a guerra civil ; Carthago torna a apparecer em frente de Syracusa, que implora o auxilio de Pyrrho ; este acode, mas nada conclue de definitivo, nem ahi, nem na Italia, nem na Grecia.

Quando semelhante auxiliar se retira, Hieron, do velho sangue de Gelon, se apresenta á frente dos Syracusanos, e faz pazes com os Carthaginezes ; pois têm de haver-se com inimigo mais importuno : os Mamertinos.

Eram salteadores da Campania, tomados a soldo por Agathocles. Dispensados do serviço logo que não foram mais necessarios, apoderaram-se á traição da cidade de Messana, já então Messina, de onde extendiam por toda parte seus latrocinios. Contra elles se dirigiram Hieron e os seus recentes alliados, os Carthaginezes.

Carthago, fundada, ao que dizem, pela princeza tyria Dido (880), devia á sua origem e á sua posição geographica um espirito mercantil, que lhe deu a importancia de um dos maiores estados do mundo. Foi a rival a quem Roma teve o mais implacavel odio ; por ahi podemos apreciar a gravidade do perigo a que a expôz.

Infelizmente o odio perspicaz de Roma destruiu todos os livros, todos os annaes da republica inimiga ; assim talvez a matasse na posteridade, obrigada a ir ler nos livros romanos, nos livros do inimigo, o pouco que a seu

respeito póde saber. Vemo-la estender o seu dominio em toda a Africa septentrional desde a Cyrenaica até o Atlantico, e ahí havia cidades importantes, como fossem Utica, Tunis, etc., ter subjeito o paiz guerreiro dos Numidas, cujo valor a França moderna está experimentando desde 1830; vemo-la senhora da Corsega, da Sardenha, das ilhas Baleares, de alguns pontos importantes da Hespanha, da Sicilia, manter activo commercio, não só em todo o Mediterraneo, mas até além do estreito de Gibraltar, nas ilhas Afortunadas (as Canarias) e na Europa occidental.

Potencia commercial, não tem exercito seu, tem sómente marinha; mas quando carece de soldados, o seu dinheiro lhe dá os que o mundo póde ter de melhores: cavalleiros numidas, archeiros de Creta, fundibularios das Baleares. O que infelizmente o dinheiro lhe não póde dar é a pertinacia de vistas, a constancia dos sacrificios. Governada por uma aristocracia mercantil, que lhe dava um senado, e *suffetas*, eleitos annualmente, via-se de continuo empuxada entre duas facções contrarias, uma que queria a guerra, e entendia que as armas eram a protecção necessaria do commercio, e que a victoria nunca póde custar caro, outra que não desgostava das conquistas, mas que, estabelecendo sempre a balança do *deve* e do *haver*, esmorecia, bradava paz, cabalava para desarmar os generaes, á medida que a guerra ia exigindo sacrificios: á frente dessa estava a familia de Hannon, da outra a de Bareu.

Da religião, dos costumes, das leis civis de Carthago, cujo conhecimento tão util seria; pois desvendarmos-lhe os segredos da Phenicia, nada sabemos, apenas que admittiam o culto desse Moloch, de que fala a Escriptura Sancta, e lhe sacrificavam victimas humanas.

Vamos agora assistir ao grande drama da luta desse povo com os descendentes de Romulo.

CAPITULO XXXII.

Guerras de Roma até as guerras civis.

As guerras de Roma com Carthago têm o nome de guerras punicas ; trez foram ellas. A primeira, mero ensaio de forças, teve por theatro a Sicilia, a Africa, e o mar. Na segunda , a mais importante, Annibal está nas visinhanças de Roma, e Scipião em Carthago : Italia, Hispania, Africa, Sicilia são theatros della. A terceira, emfim, principia na Africa e acaba nas ruas de Carthago.

Ameaçados por Hieron e pelos Carthaginezes , os salteadores marmetinos pedem o auxilio de Roma : o senado tem alguma repugnancia á infamia de semelhante alliança ; o interesse porém vence taes escrupulos. Appio Claudio atravessa o estreito que separa a Italia da Sicilia : Hieron e Carthaginezes são vencidos. Os Mamertinos ficam senhores de Messina.

Então Hieron liga-se aos romanos, e dahi em diante os serve com a maior dedicação. Contra os Carthaginezes é toda a guerra. Cumpre combate-los no mar; os Romanos improvisam uma esquadra, Duilio, commandante della, inventa um meio seguro de abordagem, que transforma o combate naval, em que o Carthaginez leva vantagem, no combate de homem a homem, de que o Romano tem tauta experiencia. Duilio vence. Cumpre combate-los na Africa : Regulo se apresenta, e a victoria o acompanha, até que Carthago assalarie , para defende-la, o Lacedemonio Xantippo. Regulo é vencido e preso (*)

(*) Uma das mais bellas paginas da historia é de certo a da dedicação de Marco Attilio Regulo; é pena que sua veracidade não seja incontestada. Prisioneiro dos Carthaginezes, por elles incumbido de ir a Roma propor a paz, ou a troca dos

A guerra continúa na Sicília, e nos mares visinhos. Entre victorias e revezes que nada têm de decisivo, Carthago desanima, pede a paz e a obtém com a condição de pagar 2,200 talentos, de abandonar a Sicília, a Corsega, a Sardenha; quanto á Hispania, decidiu-se que Carthago não pudesse buscar allianças nem levar seu dominio além do Ebro.

Em consequencia dessa guerra, a Sicília é declarada provincia romana, conservando todavia Hieron Syracusa e as cidades por ella dominadas: essas devem ser devoradas pela aguia romana na segunda guerra punica.

O desanimo de Carthago que a obriga a acceitar as vergonhas de semelhante paz tem explicação no que se lhe seguiu.

Os mercenarios multiplicaram exigencias na razão da importancia do serviço que haviam prestado, o mercantilismo de Hannon não quiz attender-lhes. Os mercenarios insurgem-se, uma guerra que a posteridade conhece com o título de *inexpiavel*, deu lugar a terriveis atrocidades; por fim Amilcar vence os mercenarios, que são todos exterminados.

Amilcar não podia tragar o fel do tractado romano; certo de que esse não duraria, logo na infancia pre-

prisioneiros, Regulo apparece no senado, expõe a sua missão. Os principios da politica romana a repellem; mas o senado attende á importancia do prisioneiro que lhe falla, recorda-se dos seus heroicos serviços, vacilla, quer ouvir a opinião do proprio Regulo. Esquecendo-se de que se tracta da sua causa, o Romano sustenta que não se deve annuir ás proposições de Carthago. O senado assim decide, querem porém que Regulo fique em Roma; está no meio dos seus; tudo o leva a ceder a essa insistencia. Regulo lembra-se que é prisioneiro; abraça sua mulher, seus filhos, vae entregar-se aos Carthaginezes.... Em vez de inclinarem-se diante de tanta prohibade, os Carthaginezes irritam-se; supplicio horroroso castiga o grande cidadão.

parou seu filho para a guerra, e fel-o jurar odio eterno a Roma : esse filho é Annibal.

Na Hispania exercita-se elle na arte da guerra, e quando por morte de Asdrubal, tem ás suas ordens o exercito, passa o Ebro, violando o tractado, vae sitiar Sagunto, principal cidade alliada dos Romanos.

Acodem estes exigindo que os Carthaginezes lhes entreguem Annibal :—Trago-vos aqui, diz ao senado Fabio embaixador de Roma, fazendo um regaço na sua toga, traga-vos aqui a paz e a guerra : escolhei.—Acceitamos o que nos derdes.—Pois dou-vos a guerra, diz Fabio desdobrando a toga.—Acceitamo-la com gosto; sustental-a-e-mos com coragem, responde o senado.

E' a segunda guerra punica (278). Sagunto abandonada, não podendo defender-se, dá uma lição de heroismo; uma immensa fogueira, em que se lançam todos os Saguntinos com todas as suas riquezas, allumia funebremente o principio dessa guerra.

Annibal deixa na Hispania, onde os povos alliados de Roma estão aterrorisados e indignados com a sorte de Sagunto, seu irmão Asdrubal á frente de poderoso exercito, e passa aos Pyrenéos. Com audacia e sagacidade atravessa a Gallia meridional, transpõe os Alpes, vae encontrar o consul Cornelio Scipião nas margens do Ticino, vence-o : o general romano morre; mas seu filho assiste ao combate; será elle quem vingue seu pae, quem vença Annibal e Carthago.

A victoria do Ticino segue-se outra juncto ao Trebia, outra emfim juncto ao lago Trasimeno.

Essas victorias successivas dão a Annibal alliados e recursos, que são-lhe indispensaveis; pois de Carthago não lhe viriam supprimentos para a guerra; ora marchas e combates, ainda quando acompanhados de victorias, custam soldados, enfraquecem os exercitos.

Annibal penetra no Samnium, e embora a temeraria

imprudencia de Varron, (*) lhe dê occasião de uma grande e gloriosissima victoria em Cannas, não consegue abalar a lealdade das colonias romanas, nem mesmo intimidar a republica.

E' obrigado a tomar quarteis de inverno em Capua. Dahi em diante a importancia das suas operações vae diminuindo. Se no anno seguinte aproxima-se das muralhas de Roma, tem noticia de que o senado mandou pôr em hasta publica o chão em que está o seu acampamento, e que achou compradores. Em breve desce á extremidade meridional da Italia, á espera de reforços. Seu irmão Asdrubal lh'os vem trazer. Subjugada a Hispania, vencidos os Romanos em diversos combates, Asdrubal apparece na Italia : é porém vencido juncto ao Metauro pelos dous consules Salinator e Nero reunidos. Nero, que deixára o seu acampamento em frente das forças de Annibal, para vir ajudar o seu collega a vencer Asdrubal, volta com a rapi-

(*) Com um inimigo como Annibal, que só do seu genio tira recursos, com a lealdade das colonias romanas, a tactica salvadora para a republica era evitar combates, procrastinar a guerra ; a falta de recursos aniquilaria o inimigo. Compreendeu-o Fabio Maximo, a quem a gratidão romana deu o titulo de *cunctator*. Succedendo como dictador aos consules vencidos em Trasimeno, em Tribia e no Ticino, Fabio afadiga o Carthaginez, não lhe proporciona occasião alguma de combate. Sua tactica porém impacienta os Romanos; a eleição entrega o exercito a dous consules dos quaes um, Varron, é o homem dos impacientes, outro Paulo Emilio é o dos prudentes, dos temporisadores. Varron aproveita o poder para dar combate. Paulo Emilio é arrastado pela necessidade de sustenta-lo. E nesse combate de Cannas, depois do qual Annibal mede aos alcucires os anneis dos cavalheiros romanos, que morrem ou cahem em seu poder, Paulo Emilio morre; Varron porém foge.

O senado, nas grandes vistas da sua politica, não quer triumphar dos impacientes esmagando Varron, pelo contrario recebe-o com honras e agradecimentos por não haver desesperado da sorte da patria; levanta novos exercitos; prefere armar os escravos a resgatar os prisioneiros, e se acha com força bastante para mandar um desses exercitos á Hispania !

dez com que viera, e atira no acampamento do Carthaginez a cabeça do irmão, por cujo auxilio esperava.

Então todo o genio de Annibal se desenvolve para manter-se na Itália, para suscitar inimigos a Roma, já que os Carthaginezes o deixam em abandono. Por instancias suas, Philippe, rei de Macedonia, intervem, mas um pequeno revez o leva a retirar-se. Na Sicilia, onde uma revolução havia acabado com a realeza, matando Hieronimo, neto de Hieron, Syracusa e sessenta e seis cidades da sua influencia insurgem-se contra Roma. Marcelo as vae castigar, e sem embargo dos prodigios que Archimedes (*) opéra para salvar a patria, é ella vencida e a Sicilia toda reduzida a provincia romana.

Entretanto na Hispania se dispunham as cousas para o triumpho definitivo de Roma. Scipião que tinha de vingar a morte de seu pae no Ticino, e a do seu tio, vencido e morto por Asdrubal, depois de haver, tanto pelas armas como pela habilidade diplomatica, dominado toda a Hispania, e levado os Numidas de Massinissa a abandonarem Carthago, apparece na Africa: vencedor, obriga o senado a dar ordem positiva a Annibal que volte, que venha defender a patria. Annibal abandona com lagrimas o theatro de suas façanhas ; está na Africa, em frente do seu joven competidor. O senado, que lhe amesquinha os recursos, entrega-o para ser vencido nos campos de Zama (201) e a segunda guerra punica está acabada.

Mas Carthago ainda não está tão esmagada, que a prudencia do senado a queira já conquistar ; contenta-se pois com preparar a conquista enfraquecendo a republica rival com as severas condições de um tractado de paz. Carthago deve pagar 10,000 talentos, entregar os transfugas, os prisioneiros, seus elephantes, todos os seus navios de

(*) A morte desse sabio deve ser mencionada. Estava elle embebido nos seus estudos geometricos, sem que o distrahisse o tumulto de uma cidade tomada de assalto ; um soldado o surprehendo, e o mata.

guerra menos dez (*) deve abandonar a Hispania e todas as ilhas situadas entre a Africa e a Italia. Emfim ás suas portas fica Massinissa, o alliado, o instrumento dos Romanos, e a Carthago é vedado fazer guerra sem licença destes.

Quarenta annos de respiro são lhe deixados : tal é a força, taes os recursos dessa cidade, que nesse intervallo assume novas riquezas, nova importancia. O odio romano irrita-se, Catão nunca opina no senado sem rematar o seu discurso com as palavras:—Censeo Carthaginem esse delendam. (Voto que Carthago seja destruida) Massinissa, que se sente bem escorado, não poupa insultos e aggressões á rival de Roma : em Carthago os tímidos, os seduzidos por esse principe opinam que tudo se deve soffrer: por fim o soffrimento não é mais possivel: Carthago se defende. Logo acodem os consules com o apparato de immenso exercito. Carthago intimida-se, pede paz, acceita todas as condições com as quaes Roma lhe afiança que conservar-se-á incolume a cidade (*civitas*). Entrega pois suas machinas de guerra, suas armas, a melhor parte de seus navios. Assim estará salva ? Não; a perfidia do senado ordena que a cidade (*urbis*) seja arrasada ; pois só promettera a salvação da *civitas*, isto é, do aggregado de cidadãos. A infamia de semelhante proceder desperta emfim os brios de Carthago, senão já para vencer, ao menos para vingar-se, mostrando-se digna patria de Annibal.

Ainda assim tal é o perigo do combate com o desespero de Carthago, que Roma emprega o mais distincto de seus generaes. Scipião Emiliano, filho natural de Paulo Emilio. adoptado por Scipião Africano, recebe ordem de ir arrasar Carthago, e de lá conquistar o titulo de Africano Segundo. Depois de prodigios de actividade e de heroismo, a cidade succumbe (146) e Roma vota maldições a quem quer que tente reconstruil-a.

(*) Mais de quinhentos navios de guerra foram entregues e incendiados.

O odio implacavel de Roma que contra Carthago não se fartou senão com o arrasamento da cidade, tambem contra Annibal nunca socego u.

Abandonado por sua patria, o vencido de Zama, prevendo que será por ella entregue, e que irá honrar o triumpho do Africano, foge para a Asia, não buscar um refugio, porém ver se descobre inimigos contra Roma. Antiocho-magno o acolhe, e entra em seus planos. Roma vence o rei na batalha de Magnesia, e por ora, só se vinga enfraquecendo o reino dos Seleucidas, animando e protegendo os reis que entre si dividem as provincias da Asia menor.

Para si por ora sómente quer a Galacia, provincia da Bithynia em que se têm estabelecido os Gaulezes; dá a Caria e a Lycia a Rhodes, a Eumenes de Pergamo dá a Lydia, a Jonia e a Mysia. Rodeando assim de inimigos o reino de Antiocho (*) espera, que não póde tardar, o dia em que todos esses payzes enfraquecidos venham ao seu poder.

Nem-um porém dos inimigos de Syria é mais formidavel do que os Judeus. Libertados do captiveiro por Cyro, embora tributarios da Persia, conservavam elles o que unicamente queriam, a liberdade religiosa. A Palestina, appendice territorial da Cele-syria, é objecto constante da cobiça entre os Lugides e os Seleucidas; pertence-lhes alternadamente; e os Judeus não se inquietam. Mas Antiocho Epiphanes quer impôr-lhes uma religião: o summo-sacerdote Mathatias e seus filhos, os Machabeus, armam-se. O apoio dos Romanos os sustenta; Judas Machabeu derrota os Syrios em diversas batalhas, e quando succumbe,

(*) São estes, além dos Parthos que dominam o oriente, e ali preparam inimigos eternos a Roma, além do reino de Pergamo, e da republica de Rhodes, os reinos de Armenia, de Cappadocia, de Bithynia, e do Ponto. O imperio dos Seleucidas está reduzido unicamente á Syria e á Phoenicia.

deixa seus irmãos, Jonathas e Simão para concluir a sua obra. Assassinado perfidamente com seus dous filhos, Judas e Mathatias, deixa este ultimo o poder a outro filho seu, João Hyrcan que vê Jerusalém tomada, e subjeita a tributo pelos Syrios. Mas logo as desavenças dos Syrios e dos Egypcios facilitam-lhe a restauração do seu poder.

Dahi em diante, a Palestina, theatro de crimes e lutas sem importancia, está perdida para a Syria. Roma que a tem sob suas garras, deixa o poder nominal aos seus reis, impondo-lhes sómente tributo. Isso dura por tanto tempo, que a Judéa só muito posteriormente é declarada provincia romana, e só fica realmente subjeita, quando Tito arasa Jerusalem, e dispersa os seus habitantes.

Os outros pedaços do imperio da Asia têm mais rapido esse fatal destino, e o primeiro delles que succumbe é o reino de Pergamo. Attalo deixa Roma por sua herdeira, e abre um exemplo que terá imitadores.

Roma comprehende na herança os Estados desse rei, e fórma com elles a provincia da Asia (129).

O mais virá a seu tempo: a Asia tem ainda um defensor, tem ainda que ver grandes lutas.

Emquanto prosegue nas suas conquistas, Roma não desarma seus odios. Annibal vendo que nada consegue da timidez e da inconstancia de Antiocho, retira-se para a Bithynia, onde reina Prusias, e o ajuda nas suas guerras contra Pergamo; mas os Romanos ahi o vão buscar: Prusias não é capaz de defendel-o; escravo de Roma, vae entregar-lhe o heróe; este descobre a perfida tenção do seu protector, e envenenando-se põe termo aos sustos que seu nome ainda inspira aos vencedores do mundo.

O prestigio das guerras punicas entrega a Roma amplos meios de vencer; já a vimos na Macedonia, já na Grecia, que foram provincias romanas em 146 e em 148. Ha porém inimigos mais fortes; apresentam-os as Gallias cisalpina e transalpina, apresenta-os a Hispania.

Na conquista da Italia os Romanos tinham reservado a

parte septentrional para quando o seu poder se houvesse extendido e firmado pela conquista de outras regiões. Os Boianos, os Insubrios, os Allobrogos, toda essa raça de Gaulezes inspiravam-lhe tanto terror que nem por terem alguns desses povos sido alliados dos Samnitas, e com elles vencidos, se animou a subjugal-os. Só em 222 o fez, fundando o consul Marcello as colonias de Placencia e de Cremona.

Mas já em 218 os Cisalpinos acompanham Annibal, e se insurgem; Roma então os persegue, e em 191 a Cisalpina é provincia romana. Inquieta sempre, obriga os Romanos a passar os Alpes, a estenderem-se até o Rhodano; ahi estabelecem as colonias de *Aquæ Sextiæ*, e de *Narbo Marcius*, e constituem uma provincia (a Provença da França de hoje) (118).

Na Hispania outros successos se accumulam.

Os valentes povos dessa região, tão bem defendida pelas suas montanhas, embora não se reunissem em uma só nação, e não concentrassem os seus esforços em uma direcção commum, não podiam facilmente ser vencidos.

Era questão mais de negociação do que de armas tel-os debaixo de estrangeira influencia. Desde os primeiros tempos achamos os Romanos em alliança intima com os principes e cidades ibericas que ficam ao norte do Ebro, e os Carthaginezes nas mesmas relações com as do sul, onde especialmente a Betica com as suas riquezas attrahia o seu commercio, e onde haviam elles fundado Carthagena. Os povos porém do occidente pouco entravam nessas allianças que eram quasi subjeições.

Na segunda guerra punica, a Hispania viu o poder carthaginez, depois de consolidar-se com as victorias de Annibal e de Asdrubal, debilitar-se e succumbir com a tactica militar e diplomatica de Scipião: Carthagena foi tomada; só Roma teve allianças na peninsula.

Mas logo o pastor da Lusitania, Viriato, arma-se e suscita resistencias a esse dominio disfarçado: é o primeiro

e o mais valente chefe de guerrilhas de que falla a historia. Os Romanos, que o não podem vencer, empregam contra elle a traição e o veneno (140).

Pouco tarda que appareça um vingador : é a cidade de Numancia. Derrotas e opprobrios cobrem as armas dominadoras, a ponto que *bastava a voz dos Numantinos para aterrar os Romanos*. Força é empregar contra elles esse Scipião-Emiliano a quem a ruina de Carthago acabava de dar tanta gloria. Comprehende elle a necessidade de restabelecer no exercito toda a severidade da velha disciplina, a que Roma havia devido os seus primeiros triumphos ; depois, desdobra contra os alliados de Numancia a mais atroz crueldade ; reduzidos assim aos derra-deiros apuros, e não se querendo render, os Numantinos matam-se uns aos outros (133).

A Hispania é provincia romana ; mas Roma comprehendendo que não está ella tão vencida, tão submissa como as outras ; no seu territorio multiplica colonias, funda diversos municipios, e assim occupa permanentemente essas regiões bellicosas e insoffridas.

CAPITULO XXXIII.

Agitações e guerras de Roma até o 1º triumvirato.

Roma ainda não está senhora do mundo ; ainda na Asia existem alguns estadinhos, que, embora na sua dependencia, podem dar-lhe algum habil adversario, e dão-lh'o : Mithridates.

Ainda ao lado de Carthago na Africa está a Numidia, e embora Massinissa transmita a sua raça a subserviencia humilde a Roma, póde do meio della surgir quem suscite esses povos guerreiros contra o orgulho protector : ha de surgir ; será Jugurtha.

Emfim no ultimo occidente existe a Gallia, e se esta espera Cesar que a conquiste, restarão ainda a Germania, as regiões septentrionaes do Danubio, e emfim, ao oriente, os Parthos.

Mas Roma já está forte que póde começar a dilacerar-se.

Duas causas vão para isso poderosamente concorrer: o estado interno da republica, a condição dos seus exercitos.

Empregado na proximidade de Roma, o exercito era sempre romano; não esquecia a patria de que se ufanava, e em cujo seio vinha assiduamente retemperar as suas virtudes civicas. Agora os soldados, occupados longe de Roma longos annos, ficam tendo por patria unica as suas bandeiras, por objecto unico de seu amor o general a quem acclamam *imperator*, e que lhes liberalisa os fructos da victoria: Scipião, e antes d'elle os Cincinnatos, os Fabios não tinham legiões suas, as legiões eram romanas, e elles generaes do senado e do povo; agora veremos legiões de Mario, de Sylla, de Pompeu, de Cesar, de Antonio: Roma não terá soldados senão os que esses generaes lhe emprestarem.

Para ainda mais aggravar essa causa sinistra de ruina, vieram a necessidade e o calculo obrigar Mario a alistar no exercito os proletarios, que, sem direito algum na cidade, pouco amor lhe podiam ter, e portanto mais firmemente adheriam ao general que á condição precaria e miseravel em que tinham vivido, substituia a posição segura e dominadora de soldado.

Por outro lado, a população verdadeira de Roma se desfalcava com tantas guerras, com tantas colonias: para substituil-a, acodiam á cidade os libertos, os filhos dos libertos, os Italianos de toda casta e origem: já tantos eram elles que Scipião Emiliano, indignado com as vociferações da praça, tinha podido bradar:

—Silencio ! filhos bastardos da Italia ! Esses a quem eu trouxe para Roma de mãos amarradas atraz das costas, nunca poderão intimidar-me !...

A par disso a aristocracia romana ia perdendo a crosta de rispidez e grosseria que resguardava as suas antigas virtudes; a Grecia vencida vingava-se civilizando-a, isto é, dando-lhe, com o amor ás lettras, ás bellas-artes, aos estudos severos da philosophia, com o atticismo e o bom gosto, o conhecimento do luxo, o amor das delicias e delicadezas da vida. A aristocracia dividiu-se; os velhos Romanos com Catão, os moços com os Scipiões (*); e esses ganharam tanta preponderancia que o rustico Catão, já mais do que sexagenario, viu-se obrigado a aprender grego ! Ora esse partido neo-romano, philosophico e litterario, não podia repellir com a velha tenacidade aristocratica os clamores dos tribunos, quando esses tomassem órgãos eloquentes, e quando no fundo de suas allegações houvesse algum pensamento de justiça.

Esse quadro sinistro se completava com o estado da propriedade territorial : a Italia, a fertil Italia vê suas terras nas mãos de poucos opulentos, que as possuíam por títulos mais ou menos illegitimos, e as convertiam já em pastagens, já em sumptuosas quintas : não era necessario primar pela riqueza, ser um Attico, ou um Lucullo, para possuir numero conside-

(*) Para se ter ideia do progresso da corrupção em Roma, uma só recordação. A patria dos Fabricios, dos Cincinnatos, desses generaes cuja probreza desdenhava com asco o ouro da seducção, tem de intentar contra o seu grande Africano a torpe accusação de concussionario ! Scipião a exclue sem defender-se com as sublimes palavras :— Cidadãos, lembro-me que é hoje o anniversario do dia em que tomei Carthago : vamos dar graças aos deuses.—Se porém assim adia os odios, não desarma a accusação : ella reproduz-se, e o glorioso general para evital-a condemna-se voluntariamente ao desterro. São notaveis as suas palavras de despédida :— Ingrata patria, não possuirás meus ossos !

ravel de quintas, espalhadas pelo chão italiano; a Italia já não produzia trigo para alimentação dos seus habitantes, dependia da Sicilia, da Africa: ora em tempo em que a navegação, estava tão atazada, comprehende-se quanta seria a incerteza desse abastecimento indispensavel, quão precaria a condição do povo. A população ia pois rapidamente escasseando; e a generosidade com que posteriormente, nas guerras civis, se distribuiam terras entre os soldados, prova quão deserta já estava a Italia: *latifundia perdidere Italiam*, diz em seculos posteriores Plinio, e essa palavra é a verdadeira condemnação da politica senatoria.

Entre o senado, e essa plebe composta de tantos elementos miseraveis, uma classe de cidadãos havia consideravelmente avultado: a dos cavalleiros. Tomando a si as questuras e todos os empregos lucrativos, os cavalleiros ganharam dentro em pouco riquezas extraordinarias, e exerceram constante pressão sobre o senado; a sua influencia sobre os proletarios os habilitava para apoiar os tribunos, e para lucrar nas agitações por elles promovidas.

Taes as condições de Roma: vejamos os acontecimentos. Tiberio Graccho é chamado ao tribunato (133). Seguido de grande reputação de rigidez e de inteireza, que havia sabido conquistar nos exercitos em que servira de questor, educado por sua mãe Cornelia, filha de Scipião, que, sem embargo de sua origem patricia, havia casado com um simples cavalleiro, instruido e habil orador, Tiberio Graccho poz peito á reforma da propriedade. Com discursos patheticos mostrou o estado do povo de Roma e da Italia, que não tinha o que tem as feras, um asylo em que descansasse, e poz por diante a lei agraria. Reconhecidas as terras publicas, segregadas das de dominio particular, queria elle que fossem divididas pelo povo; todavia, para compensar o sacrificio imposto aos que tivessem de

ser desapossados, dar-se-hia a cada um 500 geiras, e mais 250 aos que tivessem filhos. Essa proposta é seguida da anarchia; o senado suscita um tribuno, Octavio, que se lhe opponha: Tiberio Graccho não comprehende que o privilegio tribunicio é-lhe uma salvaguarda, e desrespeita-o na pessoa de Octavio fazendo-o destituir. Vendo que carece de alliados, Tiberio allicia os cavalleiros propondo que os julgamentos, confiados ao senado, passem para essa classe: os cavalleiros constituíam a aristocracia da riqueza, e eram naturalmente infensos á aristocracia do nascimento, representada no senado.

O tribuno, para continuar sua obra, carecia ver-se reeleito. Na occasião em que, no Capitolio, sollicita essa reeleição, fallando dos perigos que ameaçam a sua vida faz um gesto infeliz, leva a mão á cabeça.—Pede a corôa, bradam os senadores indignados, e Scipião Nasica exclama: — Já que o consul não quer salvar a republica, salvemol-a nós (*)! Precipita-se pois, acompanhado por todos os senadores, e pelos seus clientes contra Tiberio;

(*) Não se comprehende bem a historia das agitações romanas, sem saber o que eram os clientes. Nos primeiros tempos da republica os vinculos da gratidão prendiam os proletarios aos senadores que os protegiam, eram esses *patronos* e aquelles *clientes*. Ao depois no numero dos clientes foram admittidos os libertos e filhos de libertos (libertinos) que se ligavam a quem havia sido seu senhor ou senhor de seu pae. O cliente tornou-se instrumento dos crimes, das ambições do patrono. Canalha vadia e inerte, do patrono, a quem se apresentavam todas as manhãs, recebiam os clientes a *sportula*, um pequeno auxilio em alimentos que bastava para manter a sua ociosidade. O numero de clientes que acompanhava o opulento patrono, interesseiramente generoso, era tão consideravel, que as agitações, já guerras civis, da praça publica, se acham de sobejo explicadas.

Veja-se na hyperbole poetica de Virgilio o que era esse bando de clientes:

*Si non ingentem foribus domus alta superbis
Manè salutantem totis vomit aedibus undam...*

os partidistas deste fogem : cahe elle morto aos pés da estatua de um dos reis (132).

Já então a lei agraria tinha sido adoptada ; uma commissão tractava de distinguir as terras de legitimo dominio particular das que haviam sido usurpadas ao dominio publico ; a difficuldade dessa segregação trazia embarços, verdadeiras impossibilidades na execução da lei. Caio Graccho, digno irmão de Tiberio, tão integro e talvez mais eloquente do que elle, é tribuno. As agitações recrescem ; em uma dellas Scipião Emiliano, o cidadão mais consideravel de Roma, provoca a publica irritação ; apparece morto na sua cama. Esse crime irrita mais os partidos.

Para alliviar a miséria publica, Caio Graccho propõe a fundação de duas colonias, entrega a administração da justiça aos cavalleiros, que tanto da justiça dependiam pelas concessões com que se enriqueciam ; quer que se confira a todos os Italianos o direito de votar, e aos Latinos a plenitude do direito de cidade.

O senado aproveita o resentimento do orgulho romano, despertado por essa proposta, para lutar com a popularidade de Caio ; em vez das duas colonias por este propostas, manda propôr doze, e Caio Graccho recebe missão de ir fundar a da Africa.

Quando volta, já acha resfriado o zelo de seus partidistas, esquecida a memoria dos seus serviços ; solicita debalde o tribunato, e vê-se, na condição de particular, exposto á vingança senatoria. Accusam-o de conspiração, votam poderes dictatoriaes aos consules(*), poem a premio a cabeça do patriota, atacam-o no meio dos seus partidistas. Caio, vencido, foge, e pede a um escravo que o mate. Então um miseravel corta-lhe a cabeça, introduz

(*) Nos dias dos perigos do Estado, o senado, não querendo recorrer á dictadura, votava — *Caveant consules ne quid detrimenti respublica capiat* —, e com esse voto lhes conferia todo o poder que achassem necessario á salvação da patria.

nella chumbo derretido para tornar-a mais pesada, e vae reclamar o peso de ouro que por ella fôra promettido. O senado triumphha; toda a tentativa de reforma é repellido. O triumpho não foi duradouro.

A esse tempo a morte de Micipsa, filho de Massinissa, esse rei servo humilde dos Romanos, trouxe graves complicações: Micipsa tinha dous filhos, e adoptára um sobrinho, Jugurtha, que em diversas occasiões havia mostrado tanta intrepidez quanta astucia. Micipsa esperava que se contentasse elle com repartir a herança com seus primos. Assim porém não acontece; Jugurtha mata Hiempsal, um dos seus primos, ataca a outro, Adherbal.

Emquanto se defende, recorre este para Roma; antes porém de acudir-lhe, o senado, que não tem pressa, deixa que Jugurtha o vença, o mate, e tome para si toda a herança de Micipsa. Então vota-se guerra a Jugurtha; um exercito vae combatê-lo.

O Numida vale-se do ouro, o consul vende-lhe a paz. A indignação sobe de ponto em Roma; citam Jugurtha que venha pessoalmente defender-se. O rei não hesita, sabe que a cidade venal só espera um comprador: de feito um tribuno por elle se declara, e veda-lhe responder ás accusações que outro tribuno lhe dirige. A audacia do Numida chega a ponto de mandar, mesmo em Roma, assassinar um descendente de Massinissa. Depois desse crime retira-se, levando o segredo de vencer os Romanos.

Os consules mandados contra elle vendem-lhe seus exercitos. O senado, envergonhado, procura um general tão habil quão integro: Metello vae para a Numidia, leva para seu logar-tenente um camponez de Arpino que já se havia mostrado na guerra, e que de Scipião Emiliano rocchêra o mais favoravel agouro (*); é Mario.

(*) Perguntavam a Scipião Emiliano, quando atacava Numancia, quem entendia poder succeder-lhe.— Este talvez, respondeu Scipião batendo no hombro de Mario.

O povo, cansado com os vagares de Metello, que dá todo o tempo a restaurar a disciplina do exercito, confia o commando a Mario. A guerra é então levada com energia (107); Jugurthã, vencido, é por Baccho, seu sogro, rei da Mauritania, entregue a Sylla, logar-tenente de Mario; vae ornar o triumpho do vencedor, e morrer de fome nos carceres da cidade implacavel.

A gloria de Mario, já tão elevada pela conquista da Numidia, ainda vae receber maior brilho.

Precursora das invasões que têm de dar cabo do imperio Romano, uma invasão de barbaros assusta Roma. Os Cimbro e Teutões, expulsos das inhospitas regiões da Europa septentrional por acontecimentos desconhecidos, procuram uma patria, e tudo devastam. Enquanto se acham na Gallia, Roma, que prevê a sua proxima aggressão, entrega-se á fortuna de Mario. O general admite nas fileiras do exercito os proletarios; a imminencia do perigo faz aceitar essa innovação. Os invasores se dividem; os Cimbro procuram entrar na Italia pelo Norico (Tyrol), os Teutões dirigem-se para a Liguria. Mario os alcança perto de Aquæ Sextiæ, e os desbarata tão completamente que mais de cem mil ficam no campo de batalha. Então vão rapido ao encontro dos Cimbro; alcança-os nas planicies de Vercellas, e não menos completo triumpho dissipa esse primeiro enxame de invasores (101).

Roma, livre de tão grande perigo, fascinada por tanta gloria, não acha bastante subjeição para mostrar sua gratidão ao soldado do Arpino. Já cinco vezes consul, obtem sexto consulado; liga-se então aos tribunos Saturnino e Glaucia; chefe do partido popular, faz desterrar Metello, seu antigo protector; a indignação provocada por essa violencia o obriga a recuar, e a dar uma satisfação á opinião publica, separando-se dos seus dous alliados, e entregando-os á vingança do senado: são elles apedrejados. Metello volta para Roma no meio

de geraes applausos ; Mario, que não quer assistir ao seu triumpho, parte para a Asia.

Entretanto as sementes da discordia que Caio Graccho havia lançado nos animos produzem seus fructos : os Italianos reclamam o direito de cidade, e armam-se para obtê-lo. O tribuno Druso, que quer desviar o perigo por meio de concessões, morre assassinado. A *guerra social* acha-se ateiada (90).

Os povos italianos confederam-se, tomam por capital Corfinio, adoptam uma organização politica identica á de Roma ; têm senado, consules. O perigo é immenso para Roma, pois os inimigos são os que faziam outr'ora a força dos seus exercitos, e lhe apresentam, com igual valor, as mesmas armas, disciplina e tactica identicas. Não é em grandes batalhas que a liga póde ser vencida, embora na guerra se distingua Sylla, e comecem a apparecer Porcio Catão e Pompeu ; os Romanos por fim concedem o direito de cidade a todos os alliados que largarem as armas dentro de sessenta dias : a guerra está pois acabada.

Então cumpre tractar de vencer Mithridates, rei do Ponto. Mario quer o commando, que prevê glorioso e lucrativo ; Sylla o obtem do senado. Mario toma por instrumento o tribuno Sulpicio, e, para chamar a si a affeição de todos os novos cidadãos, faz votar que sejam elles annexados ás antigas tribus. Sylla, á frente de seis legiões, marcha contra Roma para obter a revogação dessa lei. Sulpicio é morto ; Mario, proscripto, foge e esconde-se nos paúes de Minturnas (*). Dahi, com a protecção dos magistrados da cidade, vae para a Africa. O pretor, manda intimar-lhe que se retire da provincia. O heróe infeliz responde ao lictor que lhe traz esta ordem: « Vae dizer

(*) Estando em Minturnas, appareceu-lhe um escravo cimbro encarregado de matar-o. Mario volta para elle turvos olhos: « Pois atreves-te, diz-lhe, a matar Caio Mario ? » O Cimbro, espavorido, foge.

a quem te mandou que viste Mario sentado nas ruínas de Carthago. »

Entretanto asyla-se em uma ilha vizinha, aguardando as circumstancias.

Aquietada Roma, é entregue ao poder da aristocracia, Sylla parte para a Asia. Basta a sua ausencia para que appareçam as sedições. Cinna suscita os projectos de Sulpicio: trava-se uma luta vehemente entre esse tribuno e seu collega Octavio; morrem nella dez mil cidadãos. Cinna sahe de Roma a ver soldados; adherem-lhe os Samnitas, adhere-lhe o exercito que Sylla deixára na Italia. Mario sahe da Africa, desembarca na Etruria, reúne seis mil homens, sorprehende Ostia, juncta-se a Cinna; Sertorio e Carvão, seus logar-tenentes, approximam-se de Roma. O senado rende-se; Mario porém não quer entrar na cidade sem que seja revogada a sentença que o proscreeu. Emfim entra, e começam as matanças e o sangue. Cinna e Mario nomeiam-se consules. Mario porém morre no decimo septimo dia desse seu consulado.

Sylla dá por finda a sua expedição contra Mithridates, tem pressa de voltar á Italia; vence em diversos encontros os chefes democratas, que debalde procuram organizar a guerra civil na Italia e na Sicilia. Mais feliz do que elles, Sertorio, que se refugiára na Hispania, lá se mantém, e reforça-se com todos os cidadãos que as proscricções de Sylla obrigam a fugir.

Com effeito, senhor de Roma, Sylla começa as vinganças e as proscricções: 80 senadores, 2,600 cavalleiros, cahem victimas dos odios dos partidarios de Sylla, e da cobiça que excitam as suas riquezas.

A matança não se limita a Roma, cobre toda a Italia. Tal é o despovoamento da Etruria que trinta e duas colonias de veteranos de Sylla podem nella estabelecer-se. Emfim, dominador absoluto, Sylla afadiga-se, abdica (79), e vaõ morrer em Cumas.

Detenhamo-nos um pouco; occupemo-nos com Mithri-

dates. Depois de Annibal, é esse o inimigo que mais dá que fazer aos Romanos. Sempre derrotado, o rei do Ponto acha sempre recursos, procura-os em toda a Asia, e dá successivamente a Sylla, a Lucullo, a Pompeu, a gloria de o terem vencido.

Aproveitando a indignação que causam as exacções dos Romanos, Mithridates apresenta-se á Asia como seu libertador. Nas cidades da Asia menor conspiradas oitenta mil Romanos são mortos : a Grecia acompanha a insurreicção. Sylla porém apparece ; a Grecia é domada e castigada ; Athenas, que resiste dez mezes, é entregue ao saque ; um numeroso exercito asiatico encontra-se com o romano nos campos de Orchomenes ; os soldados de Sylla querem fugir ; o general lhes diz : « Se vos perguntarem onde abandonastes vosso general, lembrai-vos que foi nos campos de Orchomenes. » Essas palavras inspiram animo, dão a victoria ; Sylla então passa para a Asia, ganha algumas vantagens, e por fim, tendo pressa de voltar á Italia, annue ao pedido da paz, impondo severas condições : Mithridates renunciará a suas allianças asiaticas, pagará dous mil talentos, entregará sua esquadra. « Então o que me deixas ? pergunta elle a Sylla. — Deixo-te, responde este, essa mão que em um dia assignou a sentença de morte de 80,000 Romanos. »

A paz porém com Mithridates é apenas treguas.

Logo que Nicodemos, rei de Bithynia, morre (75), deixando por herdeiro de seus Estados o povo romano, Mithridates aproveita a indignação dos Asiaticos, e insurge-se. O senado manda contra elle Lucullo.

Afamado pela sua magnificencia, pelas suas riquezas, orador eminente, litterato distincto, mostrou Lucullo nessa guerra rarissima capacidade militar. Entregue porém aos gozos sensuaes, não tinha elle ambição, fugia dos empregos e da influencia que podia exercer.

Mithridates, que reunira um exercito de trezentos mil homens para sítiar Cysico, é obrigado a levantar o assedio,

foge, e deixa o exercito, que Lucullo vence, nas margens do Granico. Perseguido até em Amásis, sua capital, o rei do Ponto só escapa aos Romanos mandando rasgar os saccos em que leva seu ouro: vae este espalhando-se pelo caminho, a avidez dos soldados quer apanhal-o, perde-se tempo; o rei está salvo, pois acha-se na Armenia, onde reina seu genro Tigranes. A Armenia era então um Estado poderosissimo.

Lucullo passa o Euphrates, o Tigre, sem que Tigranes lhe resista. Emfim, em Tigranocertes o encontra, e com quinze mil homens o vence; outra victoria lhe entrega Artaxata, antiga capital, e cidade riquissima... Então os espoliadores da Asia, cujas extorsões elle comprimia severamente, conseguem arredal-o do commando do exercito. Mithridates folga, e volta a seus Estados.

Estavam porém estes tão exhaustos, que poucos recursos davam á actividade do rei. Pompeu, que vem succeder a Lucullo, vence-o sem custo, deixa-o fugir, e perder-se nas regiões septentrionaes em que procura asylar-se, e marcha para a Armenia, onde Tigranes depõe a corôa a seus pés; impõe-lhe consideravel tributo, priva-o de muitas das suas provincias, reduz á provincia romana a Syria e a Phenicia, e organisa, tributario de Roma, o governo da Palestina. Mithridates porém havia conseguido reunir um exercito de Scythas, de Gaulezes, de Thrâces, de Germanos: Pompeu tem de ir combatê-lo; mas antes, Pharnaces, para captar as boas graças de Roma, promove uma revolta contra seu pae, e o velho rei, para não cahir no poder dos Romanos, mata-se. Pompeu recompensa o filho infame dando-lhe uma parte dos Estados de seu pae; dá a outros a Gallacia, a Cappadocia: sómente o Ponto e a Cilicia ficam provincias romanas (63).

Para seguir o fio dessas guerras, desviámo-nos da ordem chronologica; deixámos Sertorio na Hispania, á frente de quantos fogem das proscriptções de Sylla.

A Hispania é agora, e vêl-a-hemos ainda continuar a

ser o quartel-general dos descontentes de Roma. Os filhos de Pompeu lá se abrigaram contra Cesar; agora é Sertorio, logar-tenente de Mario, quem lá busca asylo, e Pompeu o vae combater. Mas os Romanos, que estão com Sertorio, indignam-se com a benevolencia que elle mostra aos povos hespanhóes, conspiram: Sertorio morre envenenado por Perpenna: Pompeu vence-o, castiga-o, e, de posse de toda a correspondencia de Sertorio, queima-a para poupar compromettimentos.

Entretanto Spartaco, um desses escravos que a crueldade de Roma guardava para os combates de gladiadores, foge do carcere com 78 companheiros. Armados com as espadas do seu officio, refugiam-se no Vesuvio, chamam a si os escravos da Campania; a revolta é geral, e até ameaça propagar-se á Sicilia. Crasso porém consegue uma victoria que custa a vida a Spartaco e a quarenta mil escravos. Cinco mil fugitivos desse exercito vão encontrar-se com Pompeu, que voltava da Hispania, e que acaba com elles. (*)

Em Roma as agitações continuam: afadigadas porém e enfraquecidas pelas proscripções, as facções mal dão alimento a miseraveis disturbios e a conspirações que só do talento do orador que as combate recebem importancia e celebridade. Catilina, Cethego, toda a mocidade dourada da republica, carcomida de vicios e de dividas, querem revoluções, a ver se ganham o poder. Cicero contra elles luta, apoiando o partido do senado, que aliás tem por si,

(*) Pompeu teve o nome de grande e de feliz: feliz foi elle de certo; pois, logar-tenente de Sylla, e assim aceito entre os principaes defensores da aristocracia, teve a fortuna de aproveitar a obra de Perpenna na Hespanha, acabando ali com a revolta de Sertorio, a obra de Crasso, acabando com a guerra servil, a obra emfim de Lucullo, acabando com Mithridates e creando na Asia quatro provincias romanas. Filho predilecto da fortuna, destituido de grande merecimento pessoal, subiu ao cume do poder e da influencia, para ser vencido em Pharsalia, e morrer assassinado no Egypto.

senão a espada, ao menos o grande nome de Pompeu. Catilina, que Cicero desmascara, e de cujos complices manda matar os principaes, arma-se, mas não pôde restaurar a guerra civil: é logo vencido e morto.

No seguimento dos motins quotidianos de que Roma é theatro, Clodio pedirá contas a Cicero dessa gloria de que tanto se ufanava, e pela morte dos complices de Catilina, que sem sentença mandára suppliciar; e o consul, que fôra proclamado pae da patria, será condemnado a desterro! Emfim, uma reacção protegida com o nome de Pompeu, annullará aquella condemnação, e restituirá ao orador a patria e seus bens, que haviam sido confiscados.

Os enredos mesquinhos substituidos ás grandes lutas de outr'ora continuam a occupar os espiritos já destituídos da energia, como de todas as virtudes.

CAPITULO XXXIV.

Triumviratos.—Octavio, imperador.

Então em Roma havia um homem que o partido aristocratico temia, e arredava de todas as posições, embora pertencesse elle á primeira aristocracia, e fosse ligar sua origem a Iulo, filho de Eneas, fundador da colonia de Alba. Era Caio Julio Cesar.

Ainda era moço no tempo de Sylla; o dictador, que avaliava a sua capacidade, quiz involvel-o nas proscricções; cedendo porém aos empenhos, deixara-lhe a vida. —Pois viva, dice; mas vejo nesse menino muitos Marios. Desterrando-se para a Bithynia, Cesar esteve na côrte do rei Nicomedes; e quando voltou para Roma, a prodigalidade com que dispendia os milhões que herdara, a constancia com que se conservou unido á sua mulher, parenta de Mario, o indicaram ás affeições populares.

Cesar tinha ambição, e, chegando aos quarenta annos, ainda não havia conseguido occupar uma posição que lhe

désse gloria e consideração: a facção senatoria o afastava. Mas á frente della estava Pompeu, e as exigências dos Catões da aristocracia, que não queriam approvar o que elle fizera na Asia, nem lhe haviam consentido entrar em triumpho em Roma, sem primeiro afastar o seu exercito, irritavam a esse chefe.

Comprehendem elle e Cesar a vantagem reciproca de se unirem; um dará ao outro o apoio que lhe falta; junctos serão senhores do Estado. Mas cumpria que outro cidadão viesse pôr-se de per-meio entre ambos os rivaes para fomentar a alliança, e que esse lhes troucesse tambem um contingente de força: nessas condições estava Crasso, que tinha um grande nome e extraordinaria opulencia: formou-se o primeiro triumvirato.

Em arrhas desses ajustes, Cesar obtem o consulado, e logo propõe a lei agraria, a divisão das terras publicas, especialmente as da Campania. O senado repelle a lei; Bibulo, collega de Cesar no consulado, separa-se delle; mas a influencia dos triumviros o sustenta. Servido o povo, Cesar propõe que se perdôe aos devedores do Estado o terço das suas dividas: essa proposta interessa especialmente os cayalleiros. O senado resiste; Catão que se irrita contra o consul, toma a frente da resistencia, e Bibulo, para baldar o poder de Cesar, feiza-se em sua casa, e deixa o consul sem collega. Cesar pouco se embaraça com essa tactica pueril, e prosegue no seu governo; faz approvar e ratificar todos os actos de Pompeu na Asia, e volar para si o pro-consulado por cinco annos da Illiria e da Gallia. Eil-o emfim, á frente de um exercito, e em occasião de ganhar gloria para seu nome, affeição dos soldados para os interesses de sua ambição.

A Gallia, como todos os payzes barbaros, era occupada por diversas tribus, infensas umas ás outras, assemelhando-se apenas na origem commum, na organização do seu governo militar, e nas practicas religiosas. Obedeciam cegamente a Druidas, que em seu culto bárbaro, sacrifi-

cavam a Teutates victimas humanas. Teutates, Hesus, deuses da guerra, eram adorados nas vastas florestas de carvalho que cobriam essas regiões, e representados por troncos de arvores, ou por pedras de mysteriosa conformação. A singularidade mais notavel do seu culto é a admissão de sacerdotizas, vinculadas por voto de virgindade, que gozavam de immensa consideração como inspiradas por divino espirito.

Os povos da Gallia já tinham mostrado o seu nome e o seu valor em Roma, na famosa invasão de que triumphou Camillo; na Grecia e na Asia menor, onde haviam-se estabelecido na provincia que de seu nome se chamou Gallacia: já tambem os Romanos haviam penetrado no territorio delles, e nas visinhanças do Rhodano fundado uma provincia.

Tão habil politico e negociador, quão distincto general, Cesar doma todos os povos da Gallia; penetra até na Germania, cuja conquista impossivel fica para occupar seus successores; atravessa o estreito que do continente separa a Britania, e deixa nella os primeiros fundamentos do poder de Roma. Para proseguir as suas expedições e dar remate á sua obra, Cesar quer uma prorrogação de poderes.

As condições porém do triumvirato estavam mudadas.

Crasso, que obtivera o pro-consulado da Asia, e missão de ir lutar com os Parthos, havia sido infeliz contra esse inimigo, contra o qual tão raramente foram felizes os Romanos. Vencido, tem a imprudencia de ir a uma conferencia para que o convidara Orodes, rei dos Parthos; ahi é assassinado. Os destroços do seu exercito mal podem alcançar o Euphrates, e se não fossem a energia e a habilidade do seu logar-tenente Cassio, a propria provincia romana de Syria teria sido perdida.

Então Pompeu, insuflado por Cicero, Catão e todos quantos temiam os projectos de Cesar, começa a romper com o seu alliado: exige-se que Cesar restituia do seu

exercito duas legiões a Pompeu: Cesar cede; exige-se que elle licencie as suas tropas; os amigos de Cesar pedem que ao mesmo tempo seja Pompeu obrigado a igual licenciamento. Cesar comprehende que é chegado o momento; marcha para a Italia; não se demora na passagem do Rubicon, esse rio que nem-um homem armado pôde passar sem licença do senado, a não ser inimigo publico. Pompeu que, vaidoso e inerte, promettia aos seus que lhe bastaria bater com o pé no chão para ver surgirem legiões, nada havia preparado para defender a cidade; foge pois, e comsigo fogem os seus partidistas; foge, e não achando segurança na terra da Italia, vae buscar forças na Grecia.

Cesar em menos de sessenta dias é senhor de Roma, é senhor da Italia; nem-uma vingança, nem-uma proscripção, nem-uma extorsão mancham o seu triumpho; apenas manda abrir o thesouro publico, e apropria-se, para as necessidades da guerra, das sommas consideraveis que nelle se acham.

Pompeu fôra para a Grecia, Cesar lá o vae buscar. Pompeu não tem grandes talentos militares, os que o acompanham, esses jovens patricios que formam o seu exercito, não têm a menor subordinação.

Escarnecido por elles, Pompeu é obrigado a dar batalha: Cesar, que sabe que esses moços effeminados nada tanto prezam como sua belleza, manda que os firam no rosto, e logo eil-os que fogem! Os legionarios de Cesar, aguerridos por tantas batalhas contra inimigos poderosos, colhem facil victoria: Cesar as colhe ainda maiores com a sua clemencia para com os vencidos.

Fugindo de Pharsalia, Pompeu vae ao Egypto.

Lá reinava então Ptolomeu Dionysios que fôra seu pupillo, e acompanhára seu partido; para evitar a vingança de Cesar que já receia, o perfido Egyptio manda matar Pompeu, e quando Cesar desembarca em Alexandria, apresenta-lhe, como um mimo que esperava lhe fosse delicioso, e merecesse as boas graças do vencedor,

a cabeça do vencido : Cesar indignado o castiga privando-o do throno e dando-o á joven Cleopatra que se casa com seu irmão Ptolomeu Neoterós.

Cleopatra prende Cesar em Alexandria; fal-o esquecer os cuidados de sua gloria.

Entretanto os partidarios de Pompeu concentram-se, uns no norte da Africa com o apoio dos Numidas e dos Mauritanos; outros com os filhos de Pompeu se refugiam na Hispania, e armam numeroso exercito. Em Roma Antonio, seu logar-tenente, provoca descontentamentos, e as legiões se insurgem; na Asia, o filho de Mithridates penetra na Cappadocia e na Gallacia.

Cesar enfim apparece : basta-lhe apparecer, o filho de Mithridates está vencido, e Cesar pôde dizer essas tantas vezes lembrado—Veni, vidi, vici.

Para acalmar as legiões na Italia, Cesar se lhes apresenta com a cabeça descoberta, chama-os *eidadaños* (quirités), não já *camaradas* (commilitones), e resistindo ás supplicas e ao pranto do arrependimento, licencia-os, e paga aos soldados, em terras da Campania, quanto lhes havia promettido.

Marcha então para a Africa, os Pompeianos esperam a desforra de Pharsalia : Cesar os vence em Thapso. Ca-tão, que se retirára para Utica, ou duvida da clemencia do vencedor, ou não quer sobreviver á ruina do seu partido; mata-se.

A Numidia é então reduzida a provincia romana.

Emfim Cesar apparece na Hispania, e na batalha de Munda ganha terceira e ultima victoria, que firma o seu poder sobre a ruina da aristocracia (45).

Cesar é o unico personagem consideravel em Roma, tem por si um exercito poderoso, domina pois : habeis reformas mostram o seu talento administrativo; abrindo o senado a um grande numero de Gaulezes firma a fidelidade da conquista, e a affeição desse povo cujos soldados em maxima parte compoem suas legiões. Já se preparava para

ir lavar o opprobrio de Roma e de Crasso subjugando os Parthos, quando uma conspiração de jovens senadores o assassina em pleno senado com vinte trez punhaladas. A' frente da conspiração estão Bruto e Cassio (44).

O povo a principio applaude os conspiradores; mas logo as lagrimas de Antonio, a presença das vestes sanguinolentas de Cesar, no dia dos seus funeraes, a leitura do testamento em que elle deixa consideraveis legados aos cidadãos, mudam essas disposições. Os conspiradores procuram evitar a furia do povo fugindo para a Grecia.

Entretanto chegava a Roma um moço sobrinho de Cesar, por elle adoptado, e instituido seu herdeiro; vinha reclamar essa herança que devia ser distribuida em tantos legados, e de que Antonio se apossára.

Os prudentes do senado, guiados por Cicero (*) cujas boas graças o mocinho sollicitára, chamando-o de pae, e querendo em tudo os seus conselhos, calculam poder oppor Octavio e o sangue de Cesar a Antonio; affagam-o pois, e até, violando a lei, dão-lhe, antes da idade, o consulado por elle appetecido, e o mandam contra Antonio que em Modena perseguia um dos assassinos de Cesar; Antonio é vencido por Hircio e Pansa que acompanham Octavio; mas logo, por intervenção de Lepido, Octavio e Antonio encontram-se, ligam-se, e começa o segundo triumvirato.

Atrozes proscricções o inauguram; 300 senadores 2,000 cavalleiros são inscriptos nas suas listas sanguinolentas; os triumviros trocam entre si as victimas, Antonio sacrifica a Octavio Lucio Cesar que é seu tio, Lepido sacrifica seu irmão, Octavio a Cicero, que os furores de Antonio e de sua mulher Fulvia não podem poupar (**)

(*) Cicero dizia—*puer landandus ornandus atque tollendus*—o duplo sentido da palavra *tollendus* deve merecer attenção.

(**) A morte do velho Cicero é uma das paginas mais tristes da historia de Octavio, e da depravação romana nesses dias fataes. Fugindo aos que o perseguiam, Cicero talvez evitasse a mor-

Aterrado o mundo romano com as proscripções, os triumviros vão ao encontro dos matadores de Cesar, que, senhores da Macedonia e da Asia, haviam reunido grande exercito; a fortuna porém os desamparára, e os campos de Philippos vêm a completa derrota da aristocracia romana; Cassio mata-se logo que suppõe perdido o combate; Bruto, que havia sido vencedor na ala do seu commando, desanima e pede a um amigo que o mate (*). Os triumviros vencedores repartem entre si o mundo: a Antonio o Egypto, a Grecia e o Oriente com a guerra dos Parthos, a Lepido a Sicilia e a Africa; a Italia e o Occidente a Octavio (43).

Cada um dos triumviros toma conta das provincias que lhe cabem. Antonio vae para a Asia menor, reunir os recursos e as forças com que deve castigar os Parthos; mas quer primeiro ver e punir Cleopatra que, infiel á memoria de Cesar, ligara-se primeiro ao partido de Sexto, filho de Pompeu, e depois ao de Bruto e Cassio. Confiando em sua belleza para obter-lhe o perdão, Cleopatra apparece a An-

te, se um moço a quem sempre protegera, não denunciasse aos sicarios o caminho por onde deviam ir. Cortaram a cabeça, cortaram as mãos, levaram-as a Fulvia. Esta toma uma agulha do seu penteado, e crava-a por diversas vezes na lingua eloquente que esmagára seu primeiro marido Clodio, e seu segundo marido Antonio com o peso de execração devida ás suas torpezas. Depois, a cabeça e as mãos de Cicero foram pregadas nessa tribuna da praça publica onde tantas vezes sua eloquencia fôra admirada.

Octavio manda entregar a Tullia o perverso que denunciára a direcção em que tinha fugido seu pae, e Tullia, digna desses tempos, vingá-se com o mais atroz supplicio; manda cortar a carne do corpo do moço, e obriga-o a comel-a, não lhe dando outro alimento, até que expire. Ao de mais, nós, os homens de hoje, não comprehendemos a furia e o aviltamento feroz dos homens daquelles dias:—houve bastante fidelidade nas mulheres, diz Velleio Paterculo, alguma nos libertos, rara nos escravos, nem-uma nos filhos!

(*) Virtude, és uma vã palavra! eis a exclamação derradeira do stoico Bruto; exclamação que prova que ideias havia nesse tempo do que era virtude.

tonio em Tarsos na Cilicia, captiva-o, e o leva para Alexandria, onde o velho soldado tudo esquece.

Entretanto Octavio na Italia não se descuida de conciliar a afeição dos seus soldados, distribuindo-lhes terras, e de procurar acalmar os soffrimentos da população. Fulvia irrita-se; pois calcula as consequências desse proceder, e já vê perdida para seu infiel e descuidoso Antonio a afeição dos seus partidarios, já os vê adherindo a Octavio; incita pois um seu cunhado a oppôr-se á politica d'elle e a restaurar a guerra civil. Octavio o ataca e vence, Fulvia foge da Grecia; Antonio vê que é tempo de acodir, e apparece em Brindes: mas os exercitos impoem aos dous triumviros a obrigação de conciliar-se, e a morte de Fulvia deixa facil meio de conciliação: Antonio casa-se com Octavia, irmã do triumviro.

Alguns annos vive Antonio fiel a sua joven esposa; por fim vae combater os Parthos; mas antes encontra-se de novo com Cleopatra, volta a seus pés mais captivo do que nunca; dá-lhe a Phenicia, a Cele-syria e a Palestina; e assim leva ao auge a indignação dos Romanos: logo augmenta-se esta com o máu resultado da campanha contra os Parthos. Octavio a quem sobram pretextos, declara guerra á rainha do Egypto. Antonio vae encontrar-se com seu rival na costa occidental da Grecia. Tem um exercito superior; cego porém até o fim, prefere um combate naval; porque Cleopatra, que lhe dá parte da esquadra, quer ter o seu quinhão na victoria. Logo porém que vê travada a peleja, em Actium, a rainha intimida-se e foge; acompanha-a o soldado esquecido da gloria de seu nome, e até do seu poder. Octavio celebra o seu triumpho(31) fundando a cidade de Nicopolis. O exercito de Antonio, vendo-se abandonado, entrega-se. Cleopatra, refugiando-se em Alexandria, encerra-se com seus thesouros no sumptuoso edificio que construíra para servir-lhe de sepultura, e manda espalhar a noticia de sua morte. Antonio que a ouve, punhado de dôr, mata-se. Cleopatra ainda espera desarmar

Octavio; vendo porém que o não consegue, applica ao seio um aspide que a morde e a mata.

Octavio reduz o Egypto a provincia romana (30).

Já anteriormente Octavio tinha obrigado Lepido a renunciar ao seu quinhão de poder, e a contentar-se com as honras do Summo-Pontificado. A fortuna que em tudo o favorecia, havia-o descartado de Sexto Pompeu, o qual dominando no mar, a ponto de apregoar-se filho de Nep-tuno, embarçava a viagem dos navios que da Sicilia e da Africa levavam para Roma os trigos necessario á alimentação da cidade. Atraiçoado por dous libertos seus, o infeliz Sexto refugiara-se em Mileto, e lá tinha sido assassinado por um soldado de Antonio.

Octavio Cesar é senhor de todos os exercitos, de todo o poder na republica romana.

Começa o imperio.

CAPITULO XXXV.

Os primeiros imperadores.

Como a revolução que troucera a republica, consistira a principio unicamente no desenvolvimento do poder do senado pela substituição dos consules aos reis, assim no periodo a que temos chegado, e em que começa o imperio, nada a principio se altera na organização de Roma, apenas Octavio concentra em suas mãos toda a authoridade, revestindo-se de todos os cargos publicos. Chefe unico dos exercitos; *imperator*, quando nessa sociedade cansada do peso da propria corrupção, o exercito dava a lei, obteve o poder tribunicio, com o qual tornava sua pessoa sagrada e inviolavel, e podia fazer punir, como attentados á magestade do povo, como sacrilegios, quaesquer acções, até quaesquer palavras que o offendessem; cabia-lhe igualmente o direito de convocar o senado e o povo, de regular o voto por centurias ou por tribus, de cassar pelo *veto*

quanto das deliberações que por ventura fossem adoptadas lhe desagradasse; obteve igualmente o poder consular, e se dahi em diante Roma continuou a ter seus dous consules annuaes, estes destituídos de poder, eleitos sobre designação do *imperator*, eram chamados *consules suffecti*; fez-se conferir a honra de *princeps senatus* que lhe dava a presidencia desse corpo; enfim o encargo da censura, a edilidade, a superintendencia dos alimentos (*præfectus annonæ*) completavam o seu poder, os seus meios de acção, os seus recursos para captar as affeições populares: o imperio foi o governo militar, mas o governo militar com o apoio da plebe, no interesse da democracia, contra as classes superiores e aristocraticas. Para consolidar o poder assim conquistado, Octavio simulava ás vezes querer largal-o, como um fardo excessivo para seus hombros, só as supplicas o faziam continuar... Querendo acabar com as sinistras recordações que se ligavam ao seu nome de triumviro, trocou-o pelo de Augusto.

Cumpria que o senado fosse depurado: Cesar e especialmente Antonio o haviam inçado de pessoas indignas. Augusto começou aconselhando: « era bom, insinuava elle, que os que se sentissem indignos da posição de senador, a ella voluntariamente renunciassem » 50 senadores tomaram logo o conselho, 150 cederam a maiores instancias. Isso porém não bastava, Augusto queria reduzir a 600 o numero dos senadores; ordenou ao senado que elle proprio se depurasse, e não se prestando esse com a desejada rapidez, encarregou-se o *imperator* da redução. Esses golpes que anniquilaram a instituição pela sua base, a vitaliciedade e a hereditariedade, foram seguidos de outro ainda mais decisivo: á assembléa senatoria, que só se reunia duas vezes por mez, substituiu Augusto um como conselho de Estado (*consistorium principis*), em que com os consules e um magistrado de cada ordem, quinze senadores pelo principe escolhido, eram ouvidos nos negocios mais importantes do governo.

Para segurança do imperador e do imperio, emquanto vinte e oito legiões com um effectivo de 350,000 homens estavam distribuidas pelas provincias e pelas fronteiras, havia em Roma uma força de 16,000 homens, dividida em cohortes urbanas, e cohortes pretorianas, encarregadas estas da guarda do imperador, aquellas da policia da cidade.

O povo então só queria pão e divertimentos : Augusto regularisou as distribuições do trigo que alimentavam a ociosidade da plebe, e multiplicou os espectaculos :—Muito te convêm, ó Cesar, que o povo se occupe connosco, dizia-lhe o comico Pylades, interpretando fielmente essa politica (*).

Entretanto com o apoio de Mecenas e de Agrippa, seus ministros, procurou transformar a cidade de tijollo que tinha achado, na cidade de marmore que queria deixar. Emquanto multiplicava monumentos, protegeu as lettras que abrihantasssem o seu reinado, e distrahissem os espiritos. Dos poetas que então existiram, cujos versos foram-nos conservados, Horacio e Virgilio receberam a consideração que lhes era devida ; sómente Ovidio foi perseguido, e é enigma historico o motivo dessa perseguição. Se attribuímos esse desenvolvimento da poesia á politica de Augusto, e o acceitamos como gloria delle, outro tanto não fazemos em relação aos litteratos que brilharam nos

(*) Para um povo vadio, os espectaculos são uma necessidade; para um povo grosseiro e feroz esses espectaculos não podem ser os que fizeram a gloria de Athenas.

Desde que começou a corrupção de Roma, os ricos, os ambiciosos, os que queriam o favor popular, captavam-o dando ao povo o espectaculo gratuito e infame já das lutas de homens com leões, e tigres, e todas as feras da Africa, já dos combates de gladiadores.

A paixão da plebe feroz de Roma por esses espectaculos de sangue, só era igualada pela avidez com que sollicitava as distribuições gratuitas de alimentos, e com que aproveitava o luxo dos banhos publicos, já gratuitos, já de infimo preço, que deveu á prodigalidade imperial.

ultimos dias da republica, até infensos ao triumviro, e que todavia alguns comprehendem no chamado seculo de Augusto. Assim por exemplo Cicero, cujos escriptos philosophicos continuam a gloria da tribuna judiciaria e politica que circumda seu nome, Cicero é do seculo de Augusto !...

No governo das provincias, uteis reformas foram introduzidas. A administração civil e militar foi separada da financeira. Entregue esta a procuradores, nomeados pelo imperador, e ordinariamente sahidos da classe dos cavalleiros, ou de entre os libertos do principe, deixavam aos administrados esperanza de que haveria repressão severa contra os Verres (*). Para as provincias o imperio foi uma fortuna !

Para a administração civil o imperio se dividia em provincias imperiaes, e em provincias senatorias ; eram em geral imperiaes as que careciam de activa vigilancia e occupação militar ; as em que a authoridade não era contestada, e cuja submissão não dava o menor cuidado, eram as senatorias ; aquellas eram governadas por propretors, estas por pro-consules.

No reinado de Augusto, embora achasse elle assaz vasto o seu imperio, e se recusasse a qualquer accrescimento territorial, houve guerras que merecem menção.

Ao oriente os Parthos restituiram as bandeiras que tinham tomado ao exercito do Crasso, e deram refens de suas intenções pacificas. Foi porém mal succedida uma expedição tentada contra a Arabia, e para essa tendo sido necessario desguarnecer as praças do alto-Egypto, ficou este aberto ás incursões dos Ethiopes. Força foi castigal-os ; o exercito romano penetrou na Ethiopia, e pela victoria impoz-lhe um tractado de commercio de muita vantagem ; outro exercito domára os Garamantes

(*) Verres foi um pro-consul da Sicilia contra quem troyejou Cicero a mais eloquente accusação, e assim sinistramente o immortalisou.

(povos do Fezzan). Por outro lado, dous principes da India procuraram a alliança romana e relações commerciaes com o imperio.

Na Europa os acontecimentos eram mais graves. Druso e Tiberio, enteados de Augusto, concluíram a subjeição da Rhetia, da Vindelicia, da Pannonia, e proseguiram a luta contra a Germania. Druso percorreu-lhe a parte septentrional. Aberto um canal entre o Rheno e o lago Flevo (Zuyderzeu) por elle seguiu até o mar do Norte, até a foz do Ems, venceu a esquadra dos Bruterios, e penetrou na terra dos Chaucos (Hanover). Quatro successivas expedições o levaram até o Elbo; mas de volta de uma dellas morreu prematuramente, e os generaes que depois d'elle vieram commandar essa fronteira, não tractaram de levar adiante as armas romanas. Todavia dahi a alguns annos, Tiberio teve de comprimir pelo terror esses povos inquietos, e atacando-os simultaneamente por terra e por agua, logrou esse resultado.

Na parte meridional da Germania, que já parecia domada, e onde a politica romana, dividindo os chefes, fomentando rivalidades entre os povos, parecia coroada de optimos resultados, Arminio (*) (Herman) chefe dos Cheruscos arma uma conspiração, illude Varo que se achava á frente de trez legiões, inspira-lhe cega confiança, e dirigindo-o para uma posição conveniente, subito o ataca, e anniquila as suas legiões.

A noticia desse desastre vem amargurar os ultimos dias de Augusto, que, louco de angustia, exclamava batendo com a cabeça nas paredes— Varo, restitue-me as minhas legiões!...

A prosperidade politica do triumviro foi compensada por

(*) Herman (homem de guerra) que os Romanos latinisaram em Arminio, não será antes nome de authoridade, ou titulo de distincção, do que nome de individuo? Quem sabe até se esse nome não é um como mytho que nos representa personificado o principio nacional da resistencia?

desgostos e afflicções domesticas. Tinha uma unica filha, Julia, e esta procedeu tão mal, que o pae viu-se obrigado a desterrar-a para a ilha Pandataria, depois de a haver casado com seu ministro, seu amigo, seu melhor general, Agrippa, a quem destinava a sua herança. Agrippa morreu; deixára porém dous filhos Caio e Lucio; e o avô, depois de os ter feito principes da mocidade e Cesares, viu-os igualmente morrer. Casára-se com Livia, e esta lhe troucera dous filhos: Druso e Tiberio: o imperador mais se inclinava para o primeiro; a morte o fêre; já havia perdido seu sobrinho Marcello.

A morte que tanto serviu a Tiberio, o filho querido de Livia, faz pairar accusações terriveis sobre essa mulher que dominára a velhice do imperador, accusações que se confirmaram pela morte subita de Agrippa Posthumo. Esse filho de Agrippa e de Julia, considerado incapaz de funcções publicas, grosseiro e violento, havia sido desterrado: Augusto faz-lhe uma visita, parece com elle reconciliar-se; e o principe morre.

Augusto está pois obrigado a adoptar como filho, a acceitar como herdeiro o filho de Livia, em cujas veias não ha uma gotta do sangue de Julio Cesar.

Morre enfim em Nola (14 depois de Jesus-Christo), dizendo essas palavras, remate commum das comedias romanas, que explicam o seu reinado— Se bem representei o meu papel, applaudí, cidadãos!

No reinado de Augusto, no breve espaço em que esteve feixado o templo de Jano, e houve paz em todo o mundo, nasceu em Belém, aldeia de Judéa, o Redemptor dos homens, annunciado pelos prophetas, prometido pelo Eterno ao homem depois do peccado, e talvez até entrevisto por essas inexplicaveis inspirações da poesia que dictaram a Virgilio a sua famosa egloga.

A adopção fizera de Tiberio o parente mais proximo de Augusto; foi seu successor. Todo o seu reinado se explica com a seguinte maxima por elle apregoada— *quis nescit dissi-*

mulare, nescit regnare—Dissimulação constante, emquanto viveu Augusto, dissimulação emquanto viveu Germanico, dissimulação emquanto viveu Livia, até emquanto viveu seu ministro e confidente Sejano: só nos ultimos tempos de sua vida desmascarou-se esse homem, digno predecessor da serie de monstros que se vão sentar no throno dos Cesares.

Entretanto Tiberio não era de genio perverso; o servilismo, a corrupção de Roma, que lhe inspirava profundo desprezo, o fizeram o que elle foi.

A principio o vemos repellir as honras divinas que lhe querem prestar, consentir que a adulação levante templos a Augusto, mas não a elle, e aos que o incitavam a castigar as blasphemias proferidas contra o novo Deus, responder: *deorum injuriæ diis curæ sint*.

Logo o ciume contra Germanico o envolve em actos de tyrannia, que inspiram a Tacito paginas admiraveis, e que ainda hoje attrahem ao principe o odio e a execração da posteridade.

De feito, Germanico, filho de Druso, e portanto sobrinho de Tiberio, á frente das legiões da Germania, comprime uma revolta militar que lhe queria dar o throno, e dirigindo contra o inimigo a actividade do soldado arrependido, conseguira lavar o opprobrio da derrota de Varo, e restabelecer o credito das armas romanas. Teria talvez conquistado ou consolidado a conquista dessa região, se Tiberio, cheio de ciumes, não houvesse posto cobro á sua gloria, arrancando-o da Germania, e mandando-o para a Asia. Na Asia o general foi achar Pison, governador da Syria, que de si mesmo ou por ordem do imperador, não cessára de molestá-lo com successivos enredos, emquanto Plancina, mulher deste, e amiga intima de Livia, ralada de inveja contra Agrippina, mulher de Germanico, aggravava com todas as alfineladas da intriga feminina os desgostos do principe. Logo este morre; levanta-se a accusação de envenenamento, que de Plancina e Pison estende-se até

Livia e Tiberio. Agrippina, arrogante de genio, ainda mais arrogante da gloria de seu marido, e da numerosa prole de que se rodeia, ergue-se ante o senado, ante o povo, ante a posteridade como uma accusadora permanente.

Dos filhos de Germanico e de Agrippina dous sobreviveram, e se por elles quizessemos ajuizar dessa familia tão louvada, não sabemos o que ficará dos elogios dos historiadores: foram Caligula, e Agrippina, a monstruosa mãe de Nero. Sejano a quem Tiberio escolhêra para ministro, a quem entregara o poder, emquanto retirava-se para a ilha de Caprêa no golpho de Napoles, perseguiu, e extinguiu a familia de Germanico, menos essas duas sinistras reliquias. Era tenção de Sejano preparar para si a successão de Tiberio; o exterminio da familia de Germanico não teve outro fim. Uma das medidas mais importantes, que com essas vistas adoptou, foi o aquartelamento das cohortes pretorias, de que era commandante, em um só campo ás portas de Roma. Essas cohortes, assim conhecendo as suas forças, assim podendo ligar-se, dispuzeram do imperio.

Quando Sejano, rindo-se da publica execração ligada a seu nome, aflagava a esperanza de ser o terceiro imperador, uma carta chega de Caprêa ao senado, e nessa carta lêem os senadores a proscripção de Sejano: a obediencia era certa.

Entretanto entregue a todas as depravações, Tiberio vê consumir-se a sua vida em torpe decrepitude; quer voltar para Roma; na viagem tem um desmaio, e Caligula, seu digno filho adoptivo, apressado de reinar, aproveita a oportunidade para suffocal-o.

Caligula (37) é um louco furioso: um louco furioso armado da omnipotencia em uma sociedade profundamente depravada! De Caligula temos a dicto que resume o seu reinado— Ah! que não tenha o povo romano uma só cabeça, exclamou ellé, para decepal-a de um só golpe!

Essa loucura sanguinolenta que fez a fortuna dos dela-

tores, e que deu tantas ensanchas ás accusações de lesa-magestade, foi sómente pueril e ridícula, quando se preoccupou de gloria militar. Caligula fez uma expedição á Germania e á Britania: chegando á beira-mar, mandou apanhar algumas conchas, e proclamou que eram os despojos do Oceano e da Britania; mandou esconder alguns escravos e soldados germanos, cahiu sobre elles, matou-os aprisionou-os, e veio triumphar em Roma.

Cançada de atural-o, Roma applaudiu ao tribuno militar Chereas que o matou (41).

Os Pretorianos não sabiam o que fizessem do poder; um soldado germano, saqueiando o palacio, descobre escondido um velho que lhe pede a vida : o soldado que o não entende, agarra-o, apresenta-o a seus camaradas, que o proclamam *Imperator*, e o velho lhés promette uma gratificação pecuniaria. Esse velho é Claudio, irmão de Germanico, como elle, filho de Druso, tio portanto de Caligula e sobrinho de Tiberio.

O dinheiro por elle promettido aos Pretorianos que o fizeram imperador, constituiu um precedente fatal: o *donativum* ficou estabelecido, e com o *donativum*, o abuso chegou a ponto de ser posto em leilão o throno. Para fazer frente ao *donativum*, estabeleceu-se um imposto sobre as provincias já esmagadas, o *aurum coronarium*.

Claudio é uma personagem historica inexplicavel; ás vezes sandeu a ponto que excede toda a credibilidade, outras vezes, em seus discursos ao senado, mostra vasta erudição, talento oratorio, e grandes vistas politicas.

Leis sabias melhoram a condição do escravo, procuram restaurar a dignidade do senado, augmentam o poder dos procuradores imperiaes nas provincias.

O principe continúa as edificações dos monumentos de Roma, decreta obras uteis no porto de Ostia, e vae presidir-lhes; dá o commando de seus exercitos a um general distincto, cheio de virtudes antigas, Corbulon; reduz a provincias romanas a Mauritania, a Thracia e a Judéa.

A par disso, dominado pelos seus libertos, vemol-o consentir nas devassidões de sua mulher Messalina, e só castiga-a, quando o arrojo della chega a aproveitar-se da ausencia do marido, para casar-se publicamente em Roma com um moço chamado Silio (*).

O lugar de Messalina é dado pelos libertos do principe á devassa e intelligente Agrippina, que, viuva de Domicio OEnobarbo, leva ao palacio um filho deste, e se occupa em assegurar-lhe o throno.

Claudio morre envenenado, e o poder de que é afastado seu filho Britanico, passa para seu enteado Nero (54).

O nome de Nero resume toda a ideia de oppressão e de crueldade. Devasso a ponto de não recuar do incesto, feroz a ponto de não recuar do parricidio, Nero, educado pelo philosopho Seneca, e pelo austero guerreiro Burrhus não mostrou uma só qualidade louvavel. Queria ser artista, apresentava-se no theatro, e ai de quem não o applaudia ! Mandava incendiar Roma, para poder cantar versos sobre o incendio de Troya, tendo á vista o espectaculo que descrevia ! Um enxame de moços devassos eram companheiros de suas orgias ; entre esses distinguia-se Othon ; mas havendo-lhe o principe roubado a amada, a famosa Poppéa, foi desterrado para a Lusitania.

A ninguem poupou o monstro ; Seneca que o educára, Lucano que prostituira seus versos para engrandecel-o. compromettidos em uma conspiração, recebem ordem de matar-se....Igual ordem é dada a Corbulon que acabava de illustrar as armas romanas, vencendo os Parthos, e reconquistando a Armenia. Emfim as sublevações militares succedem-se ; se Vindex é vencido na Gallia, a Galba, que commanda na Hespanha, tudo se facilita: eil-o que se ap-

(*) Nem por demais nos surprehenda essa monstruosa bigamia de Messalina. Em Roma era admittido o repudio ; e os conjuges repudiados podiam logo unir-se em outros casamentos. Na época da devassidão de que nos occupamos, o repudio era tão frequente co mo o adulterio e o infanticidio.

proxima de Roma sem encontrar resistencia....Nero então, proscripto pelo senado, foge, esconde-se, e por fim pede a um escravo que o mate. *Qualis artifex pereo!* é a sua ultima exclamação.

Galba (63) reina pouco tempo; Othon que estava na Lusitania, vem disputar-lhe o poder, que o velho com uma rigidez louvavel, porém inopportuna, não podia conservar.

Incitado a dar aos soldados o *donativum*;—Eu escolho soldados, e não os compro!—respondeu. Tendo de pela adopção escolher um herdeiro, dá preferencia a Pison, distincto pelas suas virtudes stoicas, mas de certo deslocado nas circumstancias do imperio. Uma insurreição militar que não encontra resistencia, dá cabo do imperador e desse seu filho.

Othon a quem lembrando-se das devassidões de sua mocidade, os Pretorianos dão o throno, vê logo Vitellio insurgir-se, e os logar-tenentes delle vencerem as suas tropas em Bedriaco. Othon mata-se, não que desespere do triumpho, mas porque não julga que valha a pena compral-o com o sangue da guerra civil.

Vitellio, homem infame que, visitando o campo de batalha de Bedriaco, disse: — o cheiro dos cadaveres dos inimigos é sempre agradavel—, dissipa os recursos do Estado em banquetes de monstruosa sumptuosidade. Felizmente ao dominio dessa voracidade vem pôr cobro Vespasiano. Antonio Primo, logar-tenente desse general, encontra [junto a Cremona, as tropas de Vitellio e as desbarata: Vitellio abdica, mas nem assim escapa á vingança; é degolado e atirado em um dos canaes do esgoto do Tibre.

Claudio e Nero recebem o poder dos Pretorianos e o pagam; Galba, Othon, Vitellio e Vespasiano recebem o poder das mãos dos exercitos que a commandam; a influencia da cidade eterna está esmagada: quanto ao sangue de Julio Cesar, esse só deu o poder a Augusto.

No reinado de Tiberio, Jerusalem vê o supplicio do Deus-

homem; realisa-se o sublime mysterio da bondade, do amor, da misericordia em que assenta o christianismo; os apóstolos, os discipulos do divino Mestre, recebem a inspiração do Espirito Sancto, e espalham-se pelo mundo cumprindo a ordem que haviam recebido—Ite, et docete omnes gentes in nomine Patris et Filii et Spiritus Sancti.—E com effeito elles, os pescadores, ignorantes, pobres destituídos de todo o meio de acção e de influencia humana, elles, confundidos pelo orgulho romano com uma casta, com um povo abjecto de todos os seus desprezos; pregando a esse mundo de sensualidades as verdades austeras do Crucificado, a penitencia, o castigo da carne, a humilhação do orgulho, a expiação do peccado, como triumphariam, a não ser a Graça Divina?... Triumpharam... O numero dos christãos, vae crescendo; já no reinado de Nero chega a ponto de merecer as iras desse monstro, que lhes attribue o incendio de Roma, e determina a primeira perseguição. As perseguições continuam; os christãos dão-lhe facil pretexto, desde que é costume da adulação endeusar todos os imperadores, querer cultos para esses monstros, exigil-os em nome da magestade humana, e os christãos não reconhecem por Deus senão Deus.

A perseguição era permanente, todavia de vez em quando recrudescia, e os melhores imperadores a activaram. Mas a perseguição era o meio mais rapido de propagação para a verdade; o sangue dos martyres era fecundo... Deixemos o mundo sensual e corrupto procurar extinguir no sangue christão a doutrina que o vem renovar... Brevemente exporemos o seu triumpho.

CAPITULO XXXVI.

Os Flavianos e os Antoninos.

Vespasiano é o primeiro homem que, depois de tantos monstros, occupa o throno; é homem, tem fraquezas;

compensa-as porém com o talento de militar e de administrador, e o seu nome mereceria sempre benções, se a lembrança de seu filho Domiciano não viesse fazer recuar os espiritos.

Tito Flavio Vespasiano era Hespanhol : commandando o exercito do oriente, tinha adquirido o amor do soldado, e mostrado capacidade que depois melhor desenvolveu em mais vasto theatro. A administração financeira desse imperio em que o desperdicio parecia ser lei, devia esmagar as provincias; Vespasiano, filho de uma dellas, não podia deixar de attender aos clamores que tantas vezes havia de ter ouvido. Tractou pois de regularisar a arrecadação dos impostos, de alliviar os mais vexatorios, de crear outros mais toleraveis, de introduzir a economia nas despezas publicas: essa a sua gloria (*). Reformou o senado, e a ordem dos cavalleiros, supprimiu as accusações de lesa-majestade, procurou reprimir o luxo, e restaurar a disciplina.

No seu reinado, foi Jerusalém conquistada por Tito seu filho ; o templo arrasado a não ficar pedra sobre pedra, sem embargo da heroica resistencia dos Judeus (70) No mesmo tempo os Batavos, tendo por chefe Civilis, e de accordo com os Druidas, e os Gaulezes, a cuja frente está Sabino, tractaram de fundar um imperio nas Gallias. Cerealis, logar-tenente de Vespasiano, mandado contra elles consegue habilmente dividil-os, desarmando Civilis. Sabino perseguido, occulta-se n'uma caverna; sua mulher Eponina que compartira heroicamente seus infortunios, é com elle sorprendida : Vespasiano manda-os matar a ambos.

Tito, filho mais velho de Vespasiano (***) succede-lhe no

(*) E' sabida a anedota relativa ao imposto por elle lançado sobre as immundicies. Tito escarnecia'a lembrança; Vespasiano toma uma moeda, e fel-a cheirar—Fede? pergunta: pois é proveniente desse imposto.

(**) Vespasiano é dos poucos imperadores romanos que morrem na sua cama. Dizem que escarnecendo do costume que a

throno. Chamaram-o *delicias do genero humano*, e elle proprio, quando recordava o que havia feito em cada dia, se não achava a lembrança de algum beneficio, exclamava:—*Diem perdidi* !—Seu curto reinado vae nisso explicado. E não lhe faltaram occasiões de mostrar a sua munificencia. O Vesuvio teve então sua primeira erupção, e tragou o naturalista Plinio, que impellido pelo zelo da sciencia, delle se approximou sem a devida cautela : *Herculanum* e *Pompeia* foram abafadas pelas lavas (79). Antes disso, um incendio havia devorado o *Capitolio*, uma cheia do *Tibre* havia tudo assolado, a peste havia flagellado a população de *Roma*. *Tito* procurou acodir a esses desastres, e ainda teve tempo de mandar construir um circo vastissimo (o *Colosseo*), cujas ruinas ainda hoje são admiradas.

Domiciano, seu irmão, lhe succedeu, não sem que o accussem de havel-o envenenado. Com esse ultimo dos *Flavianos* voltamos ao reinado dos crimes. Não basta á sua memoria a accusação de fratricidio, a suspeita de incesto ; rodeia-se de assassinos, folga com o sangue das victimas, avilta o senado reunindo-o solemnemente para decidir como deveria ser guisado um rodovalho. Porfim sua mulher e alguns libertos, que receiam ser involtos em já meditada proscricção, o assassinam.

Esse reinado recebe da conquista da *Britania* alguma illustração. No tempo de *Claudio* e de *Nero*, a occupação dessa ilha, começada por *Julio Cesar*, foi continuada ; *Agricola* porém, sogro do historiador *Tacito*, completou-a no tempo de *Domiciano*.

O senado conferiu o poder a *Nerva*, tambem de origem hespanhola, e cujo grande merecimento foi adoptar para succeder-lhe *Trajano*.

Trajano é o maior imperador que honra os fastos ro-

adulação havia introduzido de declarar douses os imperadores, e de erigir-lhes altares, ao sentir a approximação da morte, exclamava—sinto que vou-me tornando deus!...

manos. Chegou ao poder já cheio de gloria militar, e augmentou-a. Os Daces, que dominavam nas regiões situadas entre o Danubio e os montes Carpathos, atravessavam o rio, e ameaçavam constantemente essa fronteira do império. Trajano teve de reprimil-os; conseguiu-o; e para que o fructo da victoria não fosse perdido, fundou nessas regiões grande numero de colonias. Uma ponte immensa, da qual ainda existem vestigios, foi por elle lançada no Danubio para religar a conquista ao resto do império, e em Roma uma columna triumphal perpetuou, com a memoria dessa guerra, a prova do gráu de perfeição em que ainda se mantinham as bellas-artes.

Vencedor dos Daces, Trajano volveu a sua actividade contra os Parthos; transpôz o Tigre, desceu até o golpho persico; estava no caminho de Alexandre, no caminho da India, mas sentia-se já velho para levar a essas remotas regiões a conquista romana. Contentou-se com impôr um rei aos Parthos, e invadir a Arabia. A Mesopotamia porém começa a agitar-se, a Sicilia a acompanhar: querendo domal-as, o imperador morre longe de Roma, para onde são levadas as suas cinzas.

A administração de Trajano foi igualmente digna de louvor. Tacito faz della esplendido elogio: *nesse tempo todos podiam pensar o que quizessem, o dizer o que pensavam*: está visto que a espionagem politica, a delação, a accusação de lesa-magestade desapareceram. Os impostos foram alliviados, e dos cuidados do principe pelo melhoramento da administração temos documentos na sua correspondencia com Plinio-moço.

A Trajano succedeu Adriano, seu parente e seu protegido. Adriano deu seus cuidados ao governo das provincias; cedendo algumas das conquistas de Trajano, pacificou o Oriente; até na Britania fez construir o *Vallum-Adriani* para contra os Caledonios proteger os Bretões submissos á Roma. De 21 annos que durou seu reinado,

passou 15 em viajar pelas provincias, e em attender ás necessidades dellas.

No governo interior fez consideraveis modificações ; o *consistorium principis*, fundado por Augusto, recebeu maxima importancia ; os rescriptos do principe, por elle adoptados, substituíram os senatus consultos e os plebiscitos ; começou-se tambem a regular a casa imperial, e pelo *edictum perpetuum*, a que todos os juizes tinham de conformar-se, regularisou-se a administração de justiça.

Morrendo em 138, foi enterrado no mausoléu que mandara construir á margem do Tibre, e que é hoje o castello de Sanctangelo.

Succedeu-lhe Antonino Pio, por elle adoptado. Esse reinado foi chamado a idade de ouro do imperio romano. Nada de notavel nelle aconteceu ; as virtudes do principe mantiveram a obra de Trajano e de Adriano.

Succedeu-lhe Marco Aurelio, e logo associou a seu poder Lucio Vero, que, como elle, fôra adoptado por Antonino. Era um philosopho stoico, e essa escola, toda discutidora e de ostentação, achava-se bem representada no principe que deixou o poder a Commodo, embora presentisse a sua perversidade. Entretanto Marco Aurelio não manchou o throno com infamias e crueldades, e na guerra o seu reinado foi de grande importancia.

Lucio Vero, mandado contra os Parthos que haviam destroçado as legiões da Armenia ; entrega-se ás delicias em Antiochia ; mas seu logar-tenente, Avidio Cassio, leva as armas vingadoras dos Romanos até Ctesiphon e Seleucia, de que se apodéra. Vendo-se porém livre de Lucio Vero, que morre prematuramente, o general insurge-se contra Marco Aurelio, e quer fundar para si um novo Estado na terra da conquista. O imperador, que já nas fronteiras do Danubio havia vencido os Sarmatas, os Roxolanos, os Quados, os Marcomanos, e os Vandalos, marcha contra o vencedor dos Parthos ; este perde a esperanza de resistir-lhe, e mata-se.

Livre desse competidor, Marco Aurelio, combate os Godos, os Bastarnos e os Marcomanos, e morre em Vienna de onde dirigia as operações militares contra os Barbaros (180).

Seu filho Commodus só tinha dezenove annos de idade. Apressa-se de concluir a paz com os Barbaros; pois quer dar a Roma o espectaculo de suas crueldades. Era digno de ser filho de Nero... por fim morreu assassinado!...

A epocha dos Flavianos e dos Antoninos apresenta, a par de algum desenvolvimento da architectura, e da esculptura, uma verdadeira decadencia das letras: a eloquencia, que os grandes debates dos comicios e do senado já não alentam, transforma-se na arte mesquinha de enfeitar com palavras a nihilidade dos pensamentos; a poesia exagera-se, e querendo ser grande e magestosa, é futil e entumecida; só a historia tem, para compensar um tumido Floro, e um pueril Suetonio, esse Tacito que de dia em dia mais sobe na estima dos litteratos, a quem a vida politica das sociedades modernas vae fazendo sentir o agudo e o verdadeiro dos pensamentos desse vingador da aristocracia romana.

O commercio floresce; o oriente o mais remoto traz seus productos a Ostia e a Centumcellas (*Civita-vecchia*): nesse porto aberto por Trajano affluem navios de todos os pontos do Mediterraneo, productos de todo o mundo conhecido.

As provincias, bem como Roma, cobrem-se de monumentos, que todos junctam á solidez e á grandeza um principio de utilidade publica.

Entretanto já as populações barbaras começam a descer em alluvião para o imperio: as victórias de Trajano e de Marco Aurelio as repellem; mas a victoria é ephemera diante da lei desconhecida, a cuja pressão obedecem as raças barbaras do oriente e do norte da Europa. A luta do imperio romano com ellas continuará intensa, até que por fim o imperio se anniquile.

CAPITULO XXXVII.

Imperadores syrios e illyrios: divisões do imperio.

A Commodo succede Pertinax (193) acclamado pelo prefeito de Roma. E' um velho, cheio de virtudes: quer reformar os abusos que na administração de Commodo se haviam introduzido; não lh'o consentem os Pretorianos, matam-o, e poem em leilão o throno.

Acha-se um louco que o compra, pagando a cada soldado 2,500 sestercios (cerca de dous contos de réis). Chama-se esse miseravel Didio Juliano.

Os exercitos não supportam semelhante aviltamento. Na Asia Pescennio Niger, Albino na Britania, na Illyria Septimio Severo são acclamados imperadores. Septimio marcha para Roma; os pretorianos não sabem fazer boa a venda, e o comprador é morto depois de dous mezes de reinado.

Septimio é Africano de nascimento; valente soldado, homem rigido e grosseiro, inaugura elle o seu reinado castigando os matadores de Pertinax, e dissolvendo as cohortes pretorianas, que depois reorganisa, e entrega ao commando de Plauciano, seu compatriota. Generoso para com os soldados, augmenta as ~~ações~~ ^{recompensas}, consente-lhes o uso de aneis e joias, consente até que se casem. Era-lhe isso necessario, pois ainda tinha de vencer e desarmar seus competidores. Trez annos emprega em combater Niger e domar o oriente, no occidente mais rapida andou a guerra: Albino é vencido e morto na Gallia. Como este chefe tinha relações intimas com os senadores, o terror foi grande em Roma, e a maior abjecção tudo humilhava aos pés do Africano.—Enriquecei os soldados, e zombae de tudo mais,—era a maxima politica que elle inculcava a seus filhos.

Deu algum realce ao seu reinado a guerra que teve de

fazer aos Parthos, e depois aos Caledonios na Britania onde ao *vallum Adriani* veio substituir o *vallum Severi*. Morreu em *Eboracum* (York) deixando o poder a seus dous filhos, Caracalla e Geta.

Implacaveis inimigos, esses dous irmãos não podiam reinar junctos. Caracalla, que até já havia acolhido o pensamento do parricidio, teve pressa de matar seu irmão, que debalde se refugiára nos braços de sua mãe Julia Domna. Esse crime deu occasião a um acto corajoso e a um bello dicto do jurisconsulto Papiniano: Caracalla ordena-lhe que o justifique:—é mais facil commetter um fratricidio, responde o jurisconsulto, do que justificar-o. — Essas palavras são a sua sentença de morte. No meio das crueldades assim tão bem estreadas, uma decisão de Caracalla merece especial attenção: o direito de cidadão romano é conferido a todos os habitantes livres do territorio do imperio; só não são cidadãos os escravos e os Barbaros.

Dirigindo-se contra os Parthos, o imperador é assassinado por Macrino, prefeito do pretorio.

Este pouco gozou do poder, os soldados o matam para vingar Caracalla, e dão o throno a Elegabal ou Heliogabalo, sacerdote do Sol, em Emeso, que passava por filho do seu predilecto.

Um Sardanapalo no throno de Roma, mas um Sardanapalo ainda mocinho, eis o que foi Heliogabalo, cuja pavorosa corrupção teve o poder de horrorisar até mesmo a esses Romanos, para quem nada havia de novo ou de insolito em todas as depravações. Os soldados o degolaram, e deram-lhe por successor Alexandre Severo, seu primo.

Alexandre era filho de Mamméa, neto de Julia Mæsa, irmã de Julia Domna, com que fôra casado Alexandre Severo: eis o seu titulo de dominio! Todavia não foi elle destituido de virtudes e de bons desejos. Iniciado na moral christã, prestava tributo de respeito a Jesus-

Christo, cuja effigie tinha em um sacrario do seu palacio, ao lado das de Orpheu, e dos philosophos Gregos. Presume-se porém que sua mãe era christã, e á influencia della deveu Roma algum bem que nesse reinado conseguiu.

O principe tomou por conselheiro o jurisconsulto Ulpiano, e procurou restaurar a disciplina do exercito: porém os guardas do imperador assassinaram o conselheiro na presença do principe, que lhe não pôde valer. Comprehende-se quão precaria é a authoridade assim impotente: Alexandre e Mamméa morrem assassinados por um Godo nas visinhanças de Mayença (235).

Nesse tempo uma revolução profunda se operava no Oriente: o imperio dos Arsacidas (os Parthos) foi destruido pelo Persa Artaxerxes, filho de Sassan, que começou a dynastia dos Sassanidas. Os Persas têm de continuar com mais vehemencia contra o imperio romano a obra de Parthos, e estreiraram-a com uma guerra de quatro annos, reclamando os dominios da antiga monarchia de Cyro. Depois de alternativas das victorias e revezes, Alexandre Severo havia conseguido cobrir a fronteira oriental do imperio.

A morte de Alexandre abre carreira ás mais encontradas ambições: desde 235 até 268 succedem-se principes ephemeros, dos quaes nem-um estende o seu poder a todo o imperio. E' o primeiro delles o Godo Maximino, que encanta os soldados com a sua força e sua monstruosa estatura: esmagava dezeseis, vinte, trinta lutadores, sem descansar; comia quarenta libras de carne: como não inspiraria admiração aos dominadores da patria de Virgilio e de Cicero?

Os soldados da Africa porém não o querem, obrigam o velho Gordiano, governador da provincia, a acceitar o imperio: Gordiano toma por companheiro seu filho, e logo Capelliano, governador da Mauritania, os vem ata-

car, e os vence: o filho succumbe no combate, o pae mata-se.

O senado proclama imperadores Pupiano e Balbino; o povo lhes impõe por collega um menino de 13 annos, Gordiano III.

Maximino vem atacar os imperadores do senado, e como Pupiano se defende em Aquilea, e vê elle demorarem-se as operações do cerco, irrita-se, desespera os soldados com as suas crueldades, e é por elles morto.

Mas dos imperadores do senado que os pretorianos não podem tolerar, dous são assassinados; só fica o menino Gordiano. Felizmente tem este a discrição de deixar o governo do imperio a seu sogro e seu mestre, Misitheu; e este combate e vence Sapor, successor de Artaxerxes, e repelle os Persas para além do Euphrates.

A gloria porém não o salva; morre envenenado, e o proprio Gordiano morre assassinado pelo soldado arabe Philippe, que se fez proclamar imperador nas margens do Euphrates. Philippe pouco tempo conserva um throno ganho pelo crime. Na Mæsia ha uma revolta; contra ella manda o imperador seu logar-tenente Decio, que, acalmada a revolta, erige-se em imperador, vence e mata a Philippe, para ser, dahi a pouco vencido e morto pelos Godos.

O senado escolhe para succeder-lhe Valeriano, que tem a prudencia de não acceitar a honra que lhe fazem, e deixa que sejam imperadores Hostiliano, filho de Decio, e Gallo.

Entretanto o imperio enche-se de Barbaros; os Francos passam o Rheno; os Allemanos (*) invadem a

(*) Os Francos são uma confederação de tribus germanicas do norte, e fazem suas invasões pelo Rheno. Os Allemanos (*Alman*) são uma confederação das tribus meridionaes, e o territorio das suas invasões é a Italia septentrional.

Italia septentrional; os Gódos fundam um vasto imperio entre o Tanais (Don) e o Tyras (Dniester) atravessam o Ponto Euxino, apoderam-se de Trebizonda, e extendem-se pela Asia e pela Grecia. Ao mesmo tempo Sapor ameaça o limite oriental do imperio.

Um dos dous imperadores, Gallo, compra a paz aos Gódos sujeitando-se a pagar-lhes um tributo annuo, e assim inicia uma politica deploravel, que envergonha, e não salva o imperio romano. Hostilio morre de peste; o exercito que attribue a sua morte a Gallo, indigna-se e nomeia imperador Emiliano: Gallo, que o vae combater, é morto pelos soldados; igual sorte tem Emiliano.

Valeriano, que tem então sessenta annos, acceita enfim o poder, associa-se seu filho Galliano, oppoem-o aos Allemanos que são repellidos; oppoem aos Francos seu logar-tenente Aureliano, que tambem os repelle; e vae pessoalmente combater os Persas; ahi é vencido e preso, e Sapor obriga-o a vestir-se de purpura, a agachar-se, para que pondo-lhe o pé ao pescoço, possa montar a cavallo!! Os triumphos de Sapor e suas conquistas acharam enfim obstaculo no Arabe Odenatho, rei de Palmyra, que o obriga a voltar para além do Euphrates.

Então dezenove usurpadores (*) retalham o imperio: delles os mais consideraveis são Odenatho em Palmyra, Tetrico na Gallia, Galliano que acorda enfim da indiferença, em que annulla a sua capacidade militar, morre ferido de uma setta, disparada por um soldado de seu proprio exercito.

Ao morrer, teve elle uma feliz inspiração: indicou para succeder-lhe Claudio II, e instaura assim a serie de imperadores illyrios, grandes generaes, que assegu-

(*) Embora sejam só dezenove esses usurpadores, têm na historia o nome de Trinta-Tyrannos, em recordação dos que dominaram em Athenas.

ram mais um século de existencia a esse imperio que já vae-se anniquilando (285).

A fórma da aclamação de Claudio dá ideia do grau de abjecção em que se acham os espiritos (*): insigne general, Claudio venceu os Godos na Macedonia, perseguio-os até o Danubio, anniquilou a sua esquadra de 2,000 barcos, e morreu em Sirnium, tendo adquirido o titulo glorioso de Gothico, e deixando para continuar sua obra Aureliano.

Para concentrar as forças de que podia dispôr, o novo imperador não hesita em abandonar a Dacia d'além Danubio, que fôra conquistada por Trajano; então repelle os Allemanos que occupam a Italia septentrional; dá novas e melhores fortificações a Roma; occupa-se com esmagar os usurpadores. Na Gallia Tetrico se submete, e morre Victoria, denominada a *mãe das legiões*, em cujo enthusiasmo se apoiavam os revoltosos. Uma batalha basta a Aureliano para domar as trez provincias do Occidente.

Não e tão facil a victoria no Oriente. Esplendida fundação de Salomão, Palmyra, collocada no deserto, no caminho das caravanas, tinha-se tornado opulentissima, era uma das maravilhas dessas regiões. As populações arabes, sempre indomitas, haviam nella estabelecido a capital de um Estado que ganhou rapido desenvolvimento no meio das dilacerações dos seus vizinhos.

Depois de Odenatho, seu ultimo chefe, o poder tinha vindo ás mãos de Zenobia, princeza distincta que cultivava as letras gregas, e tinha por ministro o famoso Longino. A victoria de Antiochia abre a Aureliano a entrada da Syria, outra victoria acaba com o exercito de Zenobia. Enquanto Probo, seu logar-tenente, subjuga as provín-

(*) Aqui a conservamos—Augusto Claudio, conservem-vos os deuses para nós! (sessenta vezes se repetiram essas palavras) Claudio Augusto, a vós, ou a um vosso igual sempre desejamos! (repetiram quarenta vezes) Claudio Augusto, a republica vos desejava! (repetiram-o quarenta vezes)... e assim por diante.

cias, Aureliano sitia a capital. Esta rende-se, Zenobia é prisioneira, e vae servir com Tetrico ao triumpho do imperador (*).

Não fica este muito tempo no descanso de Roma, cumpre que vá punir os Persas pelos ultrages com que suppliciam o misero Valeriano; porém uma infame conspiração acaba prematuramente com essa vida tão-util, quão gloriosa.

O exercito a que Aureliano restituir a disciplina e a victoria, está coberto de lucto, não tem animo de nomear o novo imperador, quer que o senado o nomeie... O senado hesita... Durante oito mezes não ha imperador: que magnifico elogio funebre para o grande capitão!

Por fim o senado acclama Tacito.

Tacito já septuagenario, pouco tempo ficou no throno. Morreu, ou de canção de uma breve expedição contra os Alanos, ou victima de algum crime. Probo é pelo exercito eleito para substituil-o.

Pela terceira vez a purpura imperial é dada a camponezes da Illyria, que no serviço militar se elevam do infimo posto de soldado ao dominio do mundo; pela terceira vez o imperio tem de felicitar-se dessa escolha. Probo vence os Barbaros, que devastam a Gallia, persegue-os até o Elba; levanta para defesa da Italia um entrincheiramento desde o Danubio até o Nekar; repelle os Sarmatas e os Godos para além do Danubio; limpa o Egypto dos Ethiopes que o devastavam; vence os Persas que tinham invadido a Syria; reprime diversas revoltas. Para manter a disciplina, não dá descanso ao soldado; nos raros intervallos de guerra, occupa-o em obras publicas, planta vinhas,

(*) Roma está muito mudada: ao lado dos soffrimentos que ella impoz a Persen e a Jugurtha, cumpre vêr o modo por que agora trata a Zenobia e a Tetrico. A princeza de Palmyra recebe do imperador uma bella quinta em Tibur, suas filhas casam-se com illustres Romanos: O Gaulez e seu filho alcançam a dignidade senatoria, e residem em um esplendido palacio.

abre canaes, levanta fortificações, desseca paúes, funda diversas colonias. Por fim as legiões se revoltam e o matam (282).

Caro, prefeito do pretorio, é acclamado, e associa ao seu poder seus filhos Carino e Numeriano. Depois de devastar a Mesopotamia, de apoderar-se de Seleucia, e de atravessar o Tigre, um raio põe termo a seu curto reinado e a suas prosperidades. Ficam imperadores seus filhos; Carino estava na Thracia, e apressa-se em ir para Roma; Numeriano acompanhára seu pae na guerra contra os Persas: Aper, prefeito do pretorio, o assassina; o exercito porém dá o poder a Diocleciano, commandante dos *Domesticos* do imperador, que castiga Aper, e tendo sido Carino assassinado por um dos chefes do seu exercito, cuja honra havia elle ultrajado, fica senhor unico do Estado.

Diocleciano, de condição servil, era natural da Dalmacia. Compreendendo que um imperio tão vasto e tão ameaçado não se podia manter com um só imperador, associa-se outro Augusto, e a cada Augusto juncta um Cesar. O Augusto que escolheu foi Maximiano; Galerio e Constancio Chlora foram os Cesares. Entre os quatro dividiram a defesa do imperio, e teriam conseguido grande resultado, se pudessem de entre si repellir o ciume e os odios. A obra porém de Diocleciano não era sustentavel, quando as ambições particulares não tinham, nem no amor da patria, freio que as reprimisse.

Emfim, cansado de lutar, embora contra o inimigo exterior conseguisse muitas vezes a victoria, Diocleciano cede a Galerio que o obriga a abdicar; retira-se para Salona, e entrega-se ao cultivo do seu jardim; e aos que procuram de novo despertar-lhe a ambição, responde:— Oh! ainda não vistes as minhas alfaces!

Outro tanto não faz Maximiano; obrigado tambem a abdicar, conserva aspirações ao poder, e só aguarda occasião para realisal-as.

Galerio e Constancio Chlora são acclamados augustos, e

noneam cesares Maximiano Daia e Severo. Galerio que quer reinar só, conserva juncto a si como refem Constantino, filho de Constancio. Este porém logo que sabe que seu pae está gravemente enfermo, foge, vae se lhe reunir na Britania, e o acompanha a uma expedição contra os Caledonios. Voltando della, Constancio morre em York, e seu filho é proclamado imperador pelas legiões da Britania, da Gallia e da Hispania. Filho de Helena, que a religião colloca no numero dos sanctos, e que se havia retirado para Jerusalém, onde descobrira a verdadeira cruz, Constantino devia ter contra si o odio dos defensores do paganismo, tanto quanto a ambição de Galerio.

Começou este não querendo confirmar-lhe a aclamação senão no titulo de Cesar, e para Augusto nomeou Severo. Roma, pela sua parte, aclama Maxencio, filho de Maximiano, e esse velho, arrependido da sua anterior abdição, reassume a purpura, e une-se a seu filho. Severo os vae combater, mas é vencido, e morre perto de Ravenna. Galerio lhe substitue Licinio com o mesmo titulo de Augusto. Seis augustos ao mesmo tempo, no oriente Galerio, Maximiano Daia, e Licinio; no occidente, Constantino, Maxencio e seu pae Maximiano! a anarchia está no seu auge, a guerra civil por toda a parte.

O numero dos imperadores diminue; o velho Maximiano morre por ordem de Constantino, Galerio succumbe em Nicomedia a uma enfermidade extraordinaria que parece castigo celeste.

Constantino, que havia ganho diversas batalhas no limite septentrional da Gallia, de onde tinha repellido os Francos, vem atacar Maxencio: passa os Alpes, ganha duas victorias, marcha para Roma.

Emquanto cercava Maxencio, que ahi se refugiara, uma cruz luminosa lhe appareceu no céu, diante de todos, e nella a inscripção que todos puderam ler: *in hoc signo vinces*.

No dia seguinte vencia juncto á ponte Milvia a Maxencio

que se afoga no Tibre; logo, em Milão, publica o vencedor o decreto que assegura aos christãos o livre exercicio de seu culto (313). A cruz que lhe dera o triumpho, foi, com o nome de *labarum*, substituida ás aguias romanas, e o monogramma de Jesus-Christo X. P. toma o lugar do S. P. Q. R. dos antigos estandartes.

Entretanto Licinio, que já se havia descartado de seu collega Maximiano Doia, continúa em luta com Constantino. Uma primeira guerra obriga-o a ceder quasi todas as provincias de sua obediencia; conservando unicamente a Thracia, a Asia e o Egypto. Vencido posteriormente em Adrianopolis e em Chrysopolis, acceita um tractado que só lhe deixa a vida; mas logo, accusado de conspiração, é morto (323).

Senhor do imperio, por mercê especial de Deus, Constantino ergue a religião do Crucificado sobre as ruinas do paganismo.

CAPITULO XXXVIII.

Nascimento e progressos da religião, perseguições.

FIM DO REINADO DE CONSTANTINO.

Completadas estavam as prophcias: o poder politico, e a synagoga, Herodes, Caiphaz e o proprio povo, instrumento cego dos scribas, dos phariseus, dos publicanos, de todos esses cuja cobiça cruel, cuja hypocrisia havia Jesus condemnado, tinham obtido o assentimento de Pilatos, representante do poder romano, haviam pregado á cruz o Justo. Corriam os dias abominaveis em que Tiberio em Caprêa dava os mais horriveis exemplos da depravação humana; e esses exemplos achavam imitadores (33). A civilisação pagãa, chegada ao auge da sua perfeição e do

seu poder, mostrava todos os seus fructos... cumpria que o mundo perecesse em uma corrupção sem nome, em um sensualismo medonho, ou que se regenerasse.

Os discipulos do Crucificado, poucos, pobres, destituidos da educação urbana e litteraria da epocha, porém animados pelo Espirito Sancto, vão por toda parte espalhar a palavra de paz e de perfeição, a palavra da fraternidade, e da renuncia a si proprio, a palavra da humildade contra a arrogancia, a palavra da penitencia contra a sensualidade, a palavra da purificação, da abstinencia, da castidade, essa palavra em fim admiravel — Amae a Deus sobre todas as cousas, e ao proximo como a vós mesmos.

E o mundo sente profundo estremecimento. Se logo em Jerusalém o povo apedreja Estevam, e dá á igreja o seu primeiro martyr, Saulo, um dos mais implacaveis perseguidores, ouve, no caminho de Damasco, a voz que lhe pergunta porque o persegue, e illuminado, entrando em si, une-se aos disseminadores da palavra de amor e de regeneração.

Em breve, como Jerusalém, Antiochia, Tarsos, Thessalonica, Corinthe vêm assembléas (*ecclesia*) de christãos. Até na Persia, na India, na Ethiopia, nas mais remotas e barbaras regiões penetram os sanctos reformadores; S. Pedro está em Roma, S. Paulo em Roma, na Grecia, em toda parte.

Inaugurada pela perseguição, a prégação evangelica devia nella fortificar-se. O numero desses homens de virtudes tão contrarias ás ideias e repugnancias do mundo romano, já ia avultando. Até então desprezados por impotentes, agora causavam sustos a esses que podiam receiar a ruina, mais ou menos proxima, dos deuses torpes que presidiam ás torpezas do tempo. Nero inaugura a era das perseguições (65, 68).

São Paulo, por isso que cidadão romano, não podia soffrer o supplicio da cruz, reservado para os escravos, é degollado; São Pedro obtem por graça especial ser

crucificado com a cabeça para baixo. Os christãos envoltos em pez, são queimados vivos, e dão horribéis archotes ás festas do monstro. E nesses crimes Nero tem o apoio, tem o applauso de uma sociedade infame, para quem os christãos como que não eram homens (*).

No meio dos acontecimentos politicos, a perseguição resfria, o zelo pagão é distrahido por outros interesses. Ahi chega porém Domiciano, e em 95 dá ordem para a segunda perseguição. São João, o discipulo querido de Christo, é mergulhado em uma caldeira de agua fervendo; sahe della incolume, e é desterrado para Pathmos, onde escreve o *Apocalypse*. A terceira perseguição deslustra o reinado de Trajano, a quarta o de Marco-Aurelio. A quinta é ordenada por Septimio Severo, a sexta por Maximino, a septima por Decio, a oitava por Valeriano; a nona é do reinado de Aureliano, e a decima, a ultima e de todas a mais implacavel, é determinada por Diocleciano.

A imaginação feroz dos Romanos afadiga-se em imaginar supplicios cada vez mais atrozes: ser lançados ás feras do circo, morrer no meio de tormentos é pouco; accusados do crime de serem christãos, a authoridade só lhes pede que reneguem esse titulo, que practiquem algum acto immoral ou infame, e não lhe poupa tentação para obtel-os.

Quantas virgens christãs foram atacadas em sua castidade! Mas Deus as resguardava; infundia-lhes a ellas fracas, infundia em todos os martyres um heroismo de paciencia e de soffrimento, que excede a tudo quanto humanamente parece possivel.

Entretanto o numero de christãos ia em augmento; já

(*) O proprio Tacito que os não conhece, nem quer ter o rabalho de estudal-os, que em uma de suas paginas fala—dos Judeus que se agitavam por instigações de um certo Christo—, acceita as preoccupações populares e denomina os christãos inimigos do genero humano!

tantos eram que por toda a parte se achavam, menos nos templos ; no exercito já compunham legiões (*), já penetravam nos paços imperiaes. Se a perseguição procurava os livros christãos para queimal-os, sobrava zelo para lh'os subtrahir, e escriptores de merecimento defendiam os perseguidos, animavam-os , propagavam a sanctidade das suas practicas, pulverisavam a calumnia, e cobriam de opprobrio o sensualismo, a que se prendia a depravação pagãa.

Que importava que a perseguição mandasse arrasar igrejas ? A igreja material desapparecia, mas a espirital subsistia, e os logares mais reconditos, as catacumbas, de que Roma havia tirado as pedras para seus edificios, esses vastos subterraneos, recebiam os fieis reunidos para a oração.

Emfim trezentos annos da proscripção a mais atroz e implacavel, trouceram o triumpho da Verdade.

O filho de Helena, que sem duvida de sua mãe havia aprendido a verdade do christianismo, que conhecia o numero e a importancia dos christãos, illuminado pelo *Labarum* publicou o decreto de Milão: a igreja, a proscripta, tinha vencido.

E repare-se ; a prégação, o triumpho da igreja não era só nas vastas provincias do imperio romano ; ia além, extendia-se no oriente, no norte, em todas as direcções.

Dos Barbaros que entravam em contacto com o imperio, que se approximavam da civilisação, nem-um

(*) No exercito que Marco-Aurelio dirigia contre os Germanos uma legião era toda composta de christãos. O exercito soffria falta de agua, estava a ponto de perecer. A's supplicas dessa legião, começa a cahir, no logar em que está ella acampada, chuva sufficiente para saciar todo o exereito e salva-o. Esta chuva é acompanhada de tão tremenda tempestade, que os raios atemorizam e afugentam o inimigo. A legião ficou dali chamando-se —fulminante.

adheria ás crenças do paganismo, muitos, senão todos, recebiam a regeneração do baptismo. O caracter sancto, o futuro da obra immensa da propagação da fé e da civilisação do mundo, assim se annunciava.

Constantino não proscreeu o paganismo ; contentou-se com organizar a posição official da igreja reconhecida, e a que adheria, e com legislar no espirito della. Authorisou os bispos a receberem legados pios, a darem asylo aos escravos e criminosos que nas igrejas, se refugiassem ; eximiu de impostos as terras da igreja e dos encargos municipaes os ministros della ; vedou a exposição e venda dos filhos (*) prometteu auxilios do Estado aos paes tão pobres que os não pudessem criar ; a acção benefica da igreja completa essa obra abrindo asylos para receber os meninos pobres ; foi vedado, na venda dos escravos, separar o marido da mulher, os paes dos filhos ; foi prohibido o repudio, reprimido, severamente o rapto e o adulterio, emfim abolido o supplicio da cruz.

Entretanto algumas discordias intestinas já appareciam na igreja ; Ario propagava uma doutrina que regeitava a divindade de Jesus-Christo. Nos dias da per-

• (*) Entre os caracteres mais infames da depravação pagã, era a desorganisação da familia.

Para protegê-la da inconstancia do marido, a mulher só tinha a avidez que, obrigada a restituir-lhe o dote, dissuadia do repudio, mas tambem obrigava a tolerar o adulterio. A esposa, para se vêr livre dos incommodos da prenhez, recorria a infames que lhes vendiam venenos abortivos: o infanticidio quer no ventre materno, quer nas primeiras horas depois do nascimento era tão commum que as leis o procuravam combater dando premios ás familias numerosas. Paes mais calculistas não matavam seus filhos, vendiam-os !.. Na Roma primitiva o patrio poder extendia-se até o direito de matar, até o direito de vender os filhos ; mas então a rigidez dos costumes vedava o uso, ou pelo menos o abuso desse direito. Sob o incitamento da corrupção, em epochas degeneradas, o abuso de semelhante direito não teve freio nem limites...

seguição, quando a igreja via seus membros espalhados por tantas regiões, separados por tão grandes distancias, comprehende-se a difficuldade que encontrariam o estabelecimento e a firmeza da unidade christãa; essa difficuldade cessava, desde que reconhecida, protegida, a religião podia servir-se de todos os meios de comunicação então existentes. Logo, para decidir a questão, foi convocado o primeiro concilio ecumenico.

Em Nicea, cidade da Bithynia, reuniram-se 318 bispos, representantes de toda a igreja. Condemnando as opiniões de Ario, adoptaram elles o symbolo que proclama a consubstancialidade do Pae e do Filho. O concilio occupou-se tambem com a disciplina, e a gerarchia ecclesiastica. Prohibiu o casamento dos padres, regulou as penitencias publicas, reconheceu no successor de São Pedro, bispo de Roma, o character de bispo universal ou ecumenico, de chefe da igreja christãa.

Apoz elle collocou os patriarchas de Jerusalem, de Alexandria, de Antiochia: posteriormente foi tambem patriarchado a séde episcopal de Constantinopla. Estabeleceu metropolitas ou arcebispos nas capitaes das provincias, bispos nas dioceses, presbyteros encarregados da cura de um certo numero de fieis nas parochias. Seguiam-se os diaconos e subdiaconos, encarregados de levar aos fieis os soccorros espirituaes e temporaes de que carecessem. Vinham por fim as ordens menores, acolytos, exorcistas, leitores e porteiros.

A inspiração religiosa, junctando-se aos conselhos da politica, determinou Constantino a mudar a capital do imperio. Se a massa do povo em Roma era já christãa, nas altas posições officiaes ainda dominava ou o atheismo ou o paganismo, e os que occupavam taes posições não poupavam motejos ao imperador christão. Além disso, o imperio, atacado em todas as suas fronteiras, mais perigo então corria na do Danubio: a authoridade que mais proxima ficasse dessa fronteira, melhor poderia defendel-o.

Byzancio, antiga colonia atheniense, foi consideravelmente augmentada, teve uma como nova fundação, foi Constantinopla, e para ella transfiria Constantino a sua capital. Roma porém não foi completamente desherdada ; com seus monumentos, conservou o seu senado, as suas distribuições de alimentos: sómente Constantinopla obteve um senado seu, os mesmos favores. Tão providencial parecer sido essa resolução, tanto Roma, devia nos decretos do Eterno, cessar então de estar debaixo das ordens de principes temporaes, que, nas invasões, são os Papas que a protegem, e quando o imperio romano desdobrando-se deu um imperio do Oriente e um imperio do Occidente ; os imperadores do Occidente preferiram a residencia de Ravenna á da cidade de tantas gloriosas recordações.

Constantino organisou o serviço publico ; houve um *præpositus sacri cubiculi* (superintendente da casa imperial), um *magister officiorum* (ministro dos negocios do imperio), um *quæstor* (ministro da justiça), um *comes sacrarum largitionum* (ministro da fazenda), um *magister utriusque militiæ* (ministro da guerra), um *comes domesticorum* (commandante da guarda impérial).

O imperio foi dividido em quatro prefeituras, estas em dioceses, e estas em provincias. A administração civil foi separada da militar, que coube a *duces* (duques) e a *comites* (condes). Tudo dependia do imperador, que os jurisconsultos diziam ser *lex animata* (a lei viva).

Os impostos foram regularisados : os principaes eram : 1º, a indicção, imposto territorial estabelecido sobre um cadastro, que de 15 em 15 annos se verificava e reformava ; 2º, o *chrysargyro*, imposto que de quatro em quatro annos pagava a industria, ainda a mais elemental ; 3º, a capitação, imposto pessoal ; 4º, o *aurum coronarium* pago quando algum imperador subia ao throno. Muitos outros tributos foram inventados, e tantos que um escriptor disse: o imperio morria estrangulado pela mão dos exactores.

Isso nos explica a facilidade com que os Barbaros delle se apoderaram : a população não podia por fórma nenhuma interessar-se na defesa e na conservação de uma ordem de cousas tão oppressora, e em que, condemnada á miseria, ia de dia em dia se extinguindo.

Os ultimos tempos do reinado de Constantino foram angustiados por enredos domesticos. Um filho que de sua primeira mulher lhe ficara, é perfidamente accusado por sua madrasla, desterrado e condemnado á morte. Reconhecendo a innocencia desse filho e a depravação da accusadora, Constantino a manda matar.

De guerras estrangeiras não foi exempto esse reinado: o principe teve de vencer e de repellir os Godos e os Persas. No anno seguinte ao da sua ultima victoria. (337) morreu em Nicomedia, deixando por successores trez filhos: Constancio, Constante e Constantino, e dous sobrinhos Dalmacio e Annibaliano.

CAPITULO XXXIX.

Successores de Constantino até a divisão definitiva do imperio.

Os filhos de Constantino vão dar-nos o espectáculo que nos deram os collegas de Diocleciano. Embora estivesse já em todos os espiritos a ideia de divisão do imperio, na practica ainda não podia trazer senão a guerra civil; e disturbios.

Constancio chega antes dos seus irmãos a Nicomedia onde morrêra seu pae, accusa de conspiração seus sobrinhos, e os manda matar com outros principes de sua familia: escapam-lhe sómente Gallo e Julião. Reunindo-se a seus irmãos, entre si repartem a herança. Constantino, o mais velho, fica com as trez provincias occidentaes, e com Thracia e Constantinopla ; Constancio toma as provincias asiaticas; Constante a Italia, a Illyria e a Africa.

Essa partilha não pôde subsistir ; Constantino e Constante entram logo em luta, e o primeiro, que invadira os Estados de seu irmão, marchando para Aquilêa, morre em uma embuscada. Então o seu indigno filho entrega-se a deploravel cegueira.

Da herança de seu irmão, recebe Constante as provincias occidentaes, e Constancio Constantinopla e a Thracia. Logo Constancio, que fuge diante de uma sublevação provocada por um soldado ambicioso, é assassinado. O assassino fica senhor da Gallia, da Hespanha, da Britania, da Italia, e da costa africana. Outro ambicioso, á frente dos soldados da Illyria, toma as provincias danubianas : Constancio prepara-se contra os usurpadores ; de um delles se livra por meio de uma traição ; tendo-o convidado para uma conferencia, prende-o e o desterra ; ao outro vence depois de renhidas batalhas, e o vencido mata-se.

Obtido então o poder em todos os dominios da corôa de Constantino, protector do arianismo, persegue os orthodoxos, expelle de suas dioceses os bispos, enche de confusão a Igreja. Mas os Arianos não podem concordar entre si ; é a condição do erro : cada dia mudam de symbolo. A fé de Nicêa acha ha veis e devotadissimos sustentadores ; entre estes Athanasio, patriarcha da Alexandria. Cinco vezes excluido da séde episcopal, passa elle vinte annos no desterro ; a perseguição o não abala ; condemnado pelos conciliabulos de Arles e de Milão, procura um refugio nos desertos do Thebaide.

Occupado com essa perseguição, Constancio deixa que os Persas devastem o oriente do imperio, enquanto seu sobrinho Julião, que governa a Gallia, vae ganhando a affeição dos povos e o apoio do exercito. Depois de trez gloriosas expedições, os Francos são obrigados a reconhecerem-se vassallos do imperio, e o principe sagaz manda reparar e fundar fortalezas e praças que guarneçam a fronteira, occupando nas obras os proprios Germanos.

A comparação que de si proprio fazia com o seu sobrinho

despertou o ciúme de Constancio, que determina arrancal-o á Gallia ; os soldados porém insurgem-se e o acclamam imperador ; Julião finge-se coacto, e só assim accêita o poder ; marcha para o oriente : a luta do tio e do sobrinho está proxima : a morte de Constancio a evita.

Filho de um irmão de Constantino, Julião conhecido na historia com o título de apostata, foi príncipe de merecimento. Reformou o luxo do palacio, supprimiu a multiplicidade de funcções por elle exigidas ; foi grande general, e a victoria veiu por diversas vezes corôar suas armas, dar-lhe provincias, leval-o até o interior da Persia. No cerco porém de Ctesiphon uma frecha o mata : refere-se que ao expirar exclamara : — Venceste, Galileu !

O caracter mais notavel desse reinado é a luta contra o christianismo ; philosopho, argumentador, escriptor de alguma distincção, esse príncipe quiz restaurar o paganismo, porém um paganismo purificado, em que os deuses se reduziam a mythos de virtudes e de poesia, e nesse paganismo novo queria elle introduzir todas as sublimes instituições da caridade christã. Essa sua doutrina elle a sustentava mais com a penna e com o exemplo do que com o poder ; ainda mesmo aos que escarneciam o seu trajar e as suas compridas barbas, respondia com satyras e motejos. Todavia quiz reconstruir o templo de Jerusalém para desmentir as sanctas Escripturas ; turbilhões de chammas responderam ao trabalho dos operarios, e não deixaram começar obra inspirada por tão sinistro pensamento, confirmando assim miraculosamente aquillo mesmo que o imperador queria negar.

Por morte de Julião, cumpria que o novo imperador fosse general, capaz de salvar o exercito, tão internado no territorio da Persia : os soldados acclamaram Joviano. Este, perdendo a esperanza de atravessar o Tigre em frente do inimigo, sollicita paz e accêita vergonhosas condições : cede, não só as provincias conquistadas por Julião, mas tambem a Armenia. Já estava na Asia menor, recolhendo-

se dessa mal-fadada expedição, quando morre quasi de repente.

Só um acto notavel ha desse principe em materia religiosa, é o decreto que publicou em Tarsos concedendo igual e plena tolerancia a pagãos e a christãos, a orthodoxos e a arianos.

Valentiniano recebe tambem o poder da acclamação do exercito ; toma por collega seu irmão Valente, e deixando-o no Oriente, vae para o Occidente vencer os Barbaros.

Persegue os Allemanos que estavam na Gallia, suscita contra elles os Burgondiões, povo igualmente germanico ; defende a Britania vencendo os Pictos e os Scotos, que tinham rompido as muralhas de Severo e de Adriano. Sem embargo de suas boas qualidades e de seus talentos militares gostava de barbaros espectaculos, e era tão irritavel que em um accesso de raiva rebentou uma arteria do peito, e morreu ; deixou dous filhos, Gracião e Valentiniano II, que lhe succederam.

Seu irmão, Valente, não tinha igual capacidade: Ariano perseguia os orthodoxos, enquanto os Persas invadiam as provincias asiaticas, e os Godos fundavam um imperio ao norte do Ponto Euxino. Já vencedores dos Herulos, dos Gepidas e de algumas outras tribus do oriente europeu, os Godos se dividiam em Ostrogodos e Visigodos. Valente mandou-lhes emissarios que lhes communicaram a heresia ariana ao mesmo tempo que o beneficio do christianismo. Esperava do vinculo religioso a alliança desse povo : não a obteve.

Os Hunnos, povos da raça tartara que haviam passa do para a Europa, invadiram as provincias godas : os Ostrogodos foram vencidos, os Visigodos pediram asylo a Valente. Concedeu-o elle sob condição de largarem as armas. Mas a avidez dos commissarios encarregados de recebê-las, deu-lhes meios de guardal-as. Em breve,

não sendo cumprida a promessa feita pelo imperador de lhes fornecer alimentos, os Visigodos aproveitam essas armas, descem até Adrianopolis, ahí derrotam o exercito de Valente, e o matam em uma choupana em que se asylára.

Graciano, seu sobrinho, que a toda a pressa acodira, mal chegou a tempo de reparar o desastre de Andrinopla, e de dar por imperador ao Oriente Theodosio.

Theodosio tractou com os Visigodos, e estabeleceu-os, como *confederados*, nas fronteiras do imperio, para que defendessem a passagem do Danubio. Mal firmado o seu poder, teve de acodir ao Occidente, ameaçado pela revolta de Maximo; chega tarde para salvar a Graciano, que já havia sido morto. Transigindo então com o usurpador, deixa-lhe as provincias occidentaes, reservando para Valentiniano II a Italia e a Africa. A transacção porém é logo infringida por Maximo; Theodosio, para cuja côrte se refugia Valentiniano, marcha contra o usurpador e o castiga.

Sem embargo da acção dos principes em favor do arianismo, o dominio da religião de dia em dia avultava: em Roma o senado não consegue reerguer o altar da victoria: Ambrosio, arcebispo de Milão, sustenta a causa christã com eloquencia irresistivel contra o orador Symmacho; Agostinho, bispo de Hippona, Jeronymo em Belém, Basilio, Gregorio Nanzianzeno, João Chrysostomo, oradores, escriptores admiraveis, sustentam a verdade e a pureza christã, firmam-a nos corações abalados. Os trabalhos de S. Jeronymo sobre as sanctas Escripturas são especialmente dignos de menção. Versado nas letras gregas e latinas, esse doutor da igreja lê todos os interpretes, consulta todos os documentos historicos, e sobre o original hebraico dá dos livros sagrados a traducção acceita pela igreja com o nome de *Vulgata*.

Comparados ainda simplesmente pelo lado litterario, os escriptos desses padres da Igreja com a prosa, com a poesia pagã daquelles tempos, comprehende-se que o paganismo está morto, aindo antes que Theodosio publique o decreto vedando-lhe os sacrificios e todas as ceremonias (392).

Depois de haver pacificado o Occidente Theodosio o restitue a Valentiniano, que logo o perde. O Franco Arbogasto, a quem confiára o governo da Gallia, matou-o, e em seu lugar fez imperador Eugenio, Theodosio porém vence-o juncto de Aquiléa. Foi seu ultimo triumpho (395).

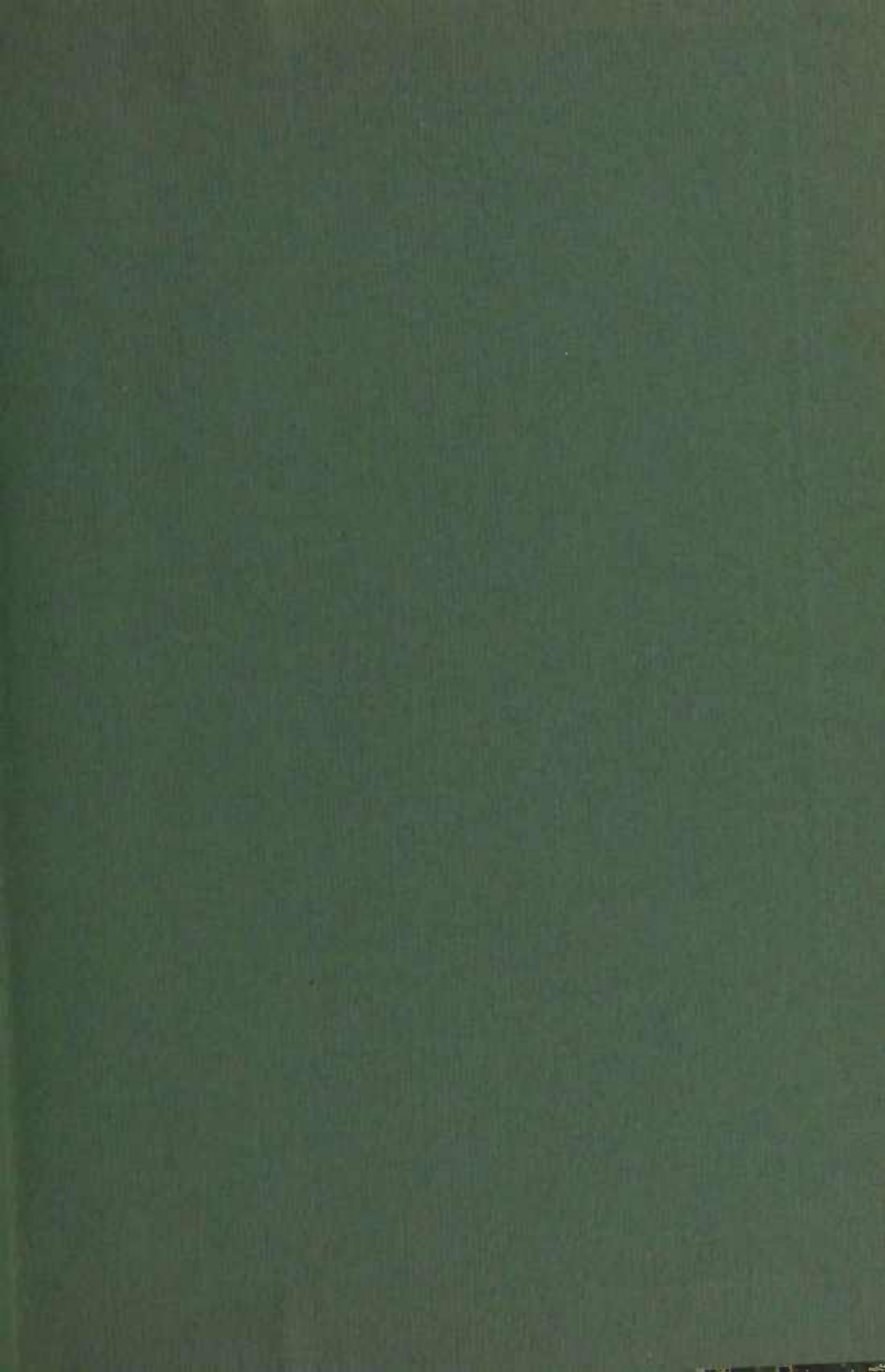
Então se realisa essa tantas vezes mal estreitada divisão do imperio : Theodosio tem dous filhos : um delles, Honorio, recebe a corôa do Occidente, o outro, Arcadio, a do Oriente. O perigo exterior é tão eminente, tão multiplicado, que toda a actividade se absorve nessas guerras sem paz, como sem gloria. A ambição dos dous imperadores já os não póde armar um contra o outro ; nem mesmo armal-os para defender-se reciprocamente, nem mesmo para defenderem-se a si proprios !

Se o imperio do Occidente ainda não se extingue, se ainda tem de subsistir 81 annos, está nos paroxismos da morte ; suas melhores provincias estão perdidas ; sua existencia é mais nominal do que real : os Barbaros tomam conta delle.

O do Oriente ainda manter-se-ha muito tempo : reduzido porém a que estado de fraqueza, com que extensão de territorio.]

Alguns historiadores chamam-o o Baixo-Imperio ; nunca houve mais justa qualificação.

FIM DO PRIMEIRO VOLUME.





BRASILIANA DIGITAL

ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos que participam do projeto BRASILIANA USP. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital – com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais.

Os livros, textos e imagens que publicamos na Brasiliiana Digital são todos de domínio público, no entanto, é proibido o uso comercial das nossas imagens.

2. Atribuição. Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Brasiliiana Digital e ao acervo original, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

3. Direitos do autor. No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação se um obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Brasiliiana Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente (brasiliiana@usp.br).